

IZABEL CRISTINA GOMES DA COSTA

TROCA DE SINAIS

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA LEITURA DO JORNAL *O GLOBO* SOBRE AS REFORMAS NA UNIÃO SOVIÉTICA
(1985-1991)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História do poder e das idéias.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho

NITERÓI
2000

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

IZABEL CRISTINA GOMES DA COSTA

TROCA DE SINAIS

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA LEITURA DO JORNAL *O GLOBO*
SOBRE AS REFORMAS NA UNIÃO SOVIÉTICA
(1985-1991)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História do poder e das idéias.

Aprovada em 13 de fevereiro de 2000

BANCA EXAMINADORA

Professor Daniel Aarão Reis Filho (orientador)
Universidade Federal Fluminense

Professor Francisco Carlos Teixeira da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Jorge Luiz Ferreira
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise histórica da produção de sentido elaborada pelo jornal *O Globo* sobre os acontecimentos ocorridos na União Soviética, desde a ascensão de Mikhail Gorbatchev e da *perestroika* até a destruição da URSS, no período de 1985 a 1991. Destacamos a importância do processo de construção, crise e dissolução do modelo de socialismo soviético para as transformações ocorridas durante o *Breve século XX*, no mundo inteiro, produzindo uma transformação nas relações internacionais e modificando profundamente os principais conceitos que delimitaram o pensamento e as relações políticas do mundo contemporâneo: a díade esquerda–direita. No Brasil, *O Globo* captou tais mudanças, e traduziu-as para a realidade brasileira. Lendo o jornal e analisando os seus artigos, pudemos demonstrar como ele se apropriou da significação tradicional dos termos esquerda-direita, invertendo estes conceitos. Através deste processo, *O Globo* difundiu uma visão de mundo, consoante com os ventos internacionais, que unificou as classes dominantes do país, e posicionou as esquerdas numa situação de defesa e de resistência.

ABSTRACT

This dissertation presents a historical analysis of the ideas that were produced for the newspaper *O Globo*, about the facts which happened in Soviet Union, during the period between 1985 to 1991, since the ascension of Mikhail Gorbachev and *perestroika* until the destruction of country. We detach the importance of the process construction, crisis and dissolution of the Soviet Socialism model for the changes that happened during the *Brief Twentieth Century* in the whole world, producing a transformation in the international relationships and changing deeply the main concepts which delimited the thought and political relationships in our contemporary world: the terms *left* and *right*. In Brazil, *O Globo* kept such changes and translated them to the brazilian's reality. Reading the newspaper and analysing their articles we could show how it made suitable the traditional meanings of the terms *left* and *right*, inverting these concepts. Through this process, *O Globo* diffused a way of thinking similar to international ideas, a way of thinking that joined the rulling classes of our country and put the *left* in a position of defense and resistance.

AGRADECIMENTOS

Termino esta dissertação com a feliz sensação de não ter percorrido este caminho sozinha. Por isso, tenho muitos agradecimentos a fazer:

– Agradeço, principalmente, ao meu orientador, prof. Daniel Reis, mestre, amigo e companheiro na luta pela construção de uma nova utopia socialista, que não hesitou, e me incentivou a persistir na realização deste projeto nos momentos mais difíceis.

– Agradeço à prof.^a Virgínia Fontes pela sua força, apoio e atenção no momento de maior fragilidade e confusão da escrita desta dissertação.

– Agradeço à prof.^a Ana Mauad, com quem aprendi a valorizar os aspectos teóricos e metodológicos do estudo da História, e a importância das imagens e leituras na compreensão das relações sociais.

– Mesmo de longe, agradeço à prof.^a Helena Müeller, primeira orientadora na graduação, que, através da sua suavidade, me ensinou a pesquisar e a desenvolver a escrita da História, sempre valorizando o meu trabalho.

– Agradeço ao professor Jorge Luiz, que acompanha o meu percurso desde a graduação, inspirador da minha monografia de final de curso, leitor crítico e integrante da banca de defesa desta dissertação, enfim, sempre presente através de críticas e conselhos fundamentais nesta caminhada.

– Agradeço à Patrícia Schmid, maior e grande amiga sempre presente, a quem já devia uma homenagem especial há muito tempo.

– Agradeço o apoio e a atenção dados pelo Programa da Pós-graduação em História da UFF, principalmente no período em que não possuía uma bolsa.

– Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de pesquisa, durante dois anos, fundamental para a realização desta pesquisa.

– Agradeço a todos os funcionários da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro, que me auxiliaram no levantamento das fontes, fornecendo-me uma infinidade de periódicos necessários para a pesquisa, num ambiente nem sempre salubre.

– Agradeço a todos os funcionários da Pós-graduação em História da UFF, em especial à Rita Miranda, sempre fornecendo conselhos fundamentais para que eu não me perdesse nos trâmites burocráticos.

– Agradeço ao meu companheiro, aos meus irmãos, aos meus amigos e à minha mãe pelo carinho e pela torcida em tudo o que faço.

À memória de
AURINO,
meu pai,
Para
DALVA,
minha mãe,
Para
TÚLIO,
meu camarada e amante,
E para
o nosso **REBENTO**
que está por vir.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	8
Capítulo 1	O BRASIL E A CRISE DA TRANSIÇÃO CONSERVADORA.....	13
Capítulo 2	A INVERSÃO DE UMA BIPOLARIDADE TRADICIONAL: O CASO DO JORNAL <i>O GLOBO</i>..	17
Capítulo 3	A GUERRA FRIA E O PERIGO VERMELHO: <i>O GLOBO</i> COMO UM CRUZADO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL CRISTÃ.....	26
Capítulo 4	A LEITURA DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE AS REFORMAS SOVIÉTICAS.....	43
Capítulo 5	IMAGENS DE GORBATCHEV NO JORNAL <i>O GLOBO</i>.....	87
Capítulo 6	QUEM FARÁ A NOSSA <i>PERESTROIKA</i>?.....	112
Capítulo 7	TROCA DE SINAIS.....	129
	BIBLIOGRAFIA.....	139
Anexos	FONTES.....	146
	LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	147

Apresentação

O nosso desejo de ingressar numa pós-graduação em História relacionou-se à necessidade de refletir, mais profundamente, sobre os desafios que nos coloca o mundo contemporâneo. Com este intuito, procuramos compreender o momento fundamental que vivemos no fim do século XX, onde a principal experiência socialista desapareceu do planeta, modificando completamente o pensamento político-social do final do milênio.

Em *Troca de sinais*, interessa-nos observar como a crise e a derrocada do *socialismo real* possibilitaram a produção de novos significados, que modificaram o sentido de dois termos fundamentais para a compreensão da luta política mundial, o binômio esquerda-direita. Estas significações incidiram diretamente sobre a conjuntura brasileira, invertendo os sinais no embate entre esquerda e direita no país.

Considerando a inexistência da neutralidade na produção histórica, sintonizamos esta pesquisa com as preocupações que demarcam a nossa ação enquanto cidadãos e militantes socialistas na sociedade brasileira. Ela se conecta ao nosso projeto de vida, e deseja contribuir para a reconstrução de uma nova utopia socialista.

Levamos à frente o desafio colocado diante de nós, por duas vezes, numa banca de seleção de mestrado, que nem sempre considerou tal perspectiva como relevante à produção historiográfica. Instigou-nos produzir uma história contemporânea que não se perdesse em prognósticos, mesmo considerando que, segundo Marc Bloch¹, este também pode ser um campo de desbravamento para o historiador. Perseveramos, contando com o apoio sempre presente do orientador desta pesquisa, aliás, mestre e companheiro de jornada na luta pela construção de um novo projeto socialista.

¹ BLOCH, Marc. *Apologie por l'histoire ou métier d'historien*. (édition critique préparée par Étienne Bloch). Paris: Armand Colin, 1993.

Os caminhos percorridos

Buscamos as nossas fontes nos seguintes acervos: Biblioteca Nacional, Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro e Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo. Apesar de trabalharmos com materiais contemporâneos, o acesso a eles foi bastante problemático devido à situação da conservação dos arquivos no país. Comentaremos rapidamente tal realidade, porque isto, sem dúvida, prejudica a pesquisa de um período histórico que poderia ser fartamente explorado, e, assim como nós, outros historiadores também viveram estas mesmas dificuldades.

A Biblioteca Nacional, por exemplo, desde fevereiro de 1996, suspendeu a consulta pública da sua coleção de *O Globo* sem divulgar o real motivo dessa atitude. Na Biblioteca Estadual, a falta de funcionários para o setor de arquivos, os horários irregulares e o péssimo armazenamento das fontes fazem com que seja penoso o trabalho no local. Também consultamos o Arquivo do jornal *O Globo*, mas uma pesquisa sistemática na instituição certamente levaria a comissão de recursos da pós-graduação à falência. Devido a todos esses percalços, tivemos que terminar o levantamento em São Paulo, reproduzindo em xerox o material de análise.

Passemos, então, às fontes.

Trabalhamos com o universo de 132 editoriais, 55 dossiês e 14 charges.

Concentramos a nossa investigação nos *editoriais*, denominados *gêneros opinativos* na abordagem empregada por José Marques de Melo.² Na concepção do autor, os editoriais funcionam como a expressão da “*opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão do momento*”.³ Nas sociedades capitalistas, os editoriais das grandes empresas jornalísticas não refletem somente o conceito dos seus proprietários nominais, mas “*o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização*”.⁴ Este espaço

² MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

³ Idem, p. 79.

também se constitui num local de contradições, pois reflete uma teia de articulações políticas entre os diferentes interesses que perpassam a sua operação cotidiana.

Em relação aos editoriais de *O Globo*, podemos classificá-los da seguinte maneira: o modelo clássico apresentado na *seção Opinião*⁵ e a presença de vários *artiguets* espalhados pelas várias seções do periódico, que, segundo o editor-chefe do periódico Luís Garcia, também funcionam como editoriais. No nosso caso, além da primeira seção, encontramos as nossas fontes na parte nacional, internacional e de economia.

Utilizamos também algumas reportagens de maior profundidade, classificadas por Melo como *jornalismo interpretativo*. Na pesquisa, elas equívalem ao que denominamos dossiês, matérias jornalísticas com mais de uma página.

Destacamos a importância dos dossiês porque, mesmo sem se apresentarem como uma *opinião oficial*, eles seguem uma determinada linha editorial traçada para o conjunto do jornal, que seleciona as matérias baseadas na “*ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo*”. Apesar das frestas existentes, essa visão influencia decisivamente o que se publica em cada edição.

Avaliando a possibilidade deste tipo de material explicitar a opinião do jornal através dos seus títulos e manchetes⁶, espaços que, segundo Melo, também podem ser editorializados, optamos por empregá-lo complementarmente à nossa fonte fundamental.

As charges são outro gênero opinativo do qual nos utilizaremos para a análise dos editoriais. Apresentaremos a abordagem a ser empregada com este tipo de fonte no capítulo 5, onde pretendemos tecer uma leitura da construção da

⁴ MELO, op. cit. p. 79.

⁵ A partir da data de 05 de setembro de 1990, os editoriais saíram da página 4, e passaram a ser veiculados na página 6.

⁶ Para Dênis de Moraes, as manchetes e os títulos são um “*lugar privilegiado de manifestação dos sujeitos do discurso*” e “*os títulos, além de permitir o reconhecimento de manobras discursivas, têm a atribuição de anunciar, ordenar e enquadrar o que se vai ler*”. Ver: MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo no Brasil (1947-53)*. RJ: José Olympio. 1994. p. 77.

imagem de Mikhail Gorbatchev em *O Globo*, trabalhando a intertextualidade entre fonte verbal e não-verbal.

Os capítulos desenvolvidos na dissertação são os seguintes:

O capítulo 1 traça um breve panorama da conjuntura brasileira no período denominado a *década perdida*, ressaltando principalmente o momento de redefinição de um novo projeto para o país, a crise do regime militar e o esgotamento do seu modelo econômico, a crise do projeto de dominação das classes dominantes, a reorganização e o crescimento das lutas das classes trabalhadoras e dos grupos excluídos.

No capítulo 2, definimos a importância da noção de *Breve século XX* para a contextualização da nossa pesquisa. Além disso, justificamos as motivações que nos levaram a investigar a inversão da díade esquerda-direita no pensamento político contemporâneo, a partir da crise do *socialismo real*, sob a perspectiva do jornal *O Globo*.

Os capítulos 3 e 4 apresentam um histórico da leitura de *O Globo* sobre a URSS nos períodos anterior e posterior ao advento de Mikhail Gorbatchev e da *perestroika*, destacando as alterações ocorridas na visão do jornal a partir de 1985. Analisamos que tais mudanças também modificaram as significações tradicionalmente dadas ao binômio esquerda-direita.

No capítulo 3, escolhemos determinadas conjunturas da história brasileira, para identificarmos na leitura de *O Globo* a perspectiva de que a União Soviética constituía-se numa exportadora de revoluções, pondo em risco a comunidade internacional com o perigo bolchevique da *comunização* do planeta. Esse discurso foi acentuado com o advento da Guerra Fria e da bipolarização mundial.

No capítulo 4, abordamos as transformações ocorridas no discurso do periódico sobre a URSS, a partir da *perestroika* e da *glasnost*. O jornal partiu de uma visão cautelosa quanto ao fôlego das reformas em direção à idéia de um enfoque inédito e inovador na economia soviética, que abria a possibilidade de introdução do capitalismo naquele país.

No capítulo 5, delineamos *quatro momentos* fundamentais da construção das imagens de Mikhail Gorbachev pelo jornal *O Globo*. Analisamos a transformação do perfil do dirigente soviético que, no transcorrer da *perestroika*, perdeu a condição de principal representante dos setores reformistas da URSS para Boris Yeltsin. Além disso, demonstramos a supervalorização da figura humana do líder que, não por acaso, muitas vezes contribuiu para o ocultamento dos processos sociais em curso nas páginas da publicação.

No capítulo 6, analisamos como a leitura realizada pelo periódico incidu sobre a conjuntura brasileira daquele período. A nossa principal idéia baseia-se na visão de que *O Globo* produziu um novo sentido para a esquerda, apresentando-a como defensora de um discurso *velho* e de perspectivas *conservadoras*, na contramão dos novos ventos da *modernidade* do final do milênio.

O capítulo 7 articula as considerações sobre os significados produzidos pelo jornal em relação ao processo reformista na URSS. Neste momento, aprofundamos a abordagem do que denominamos *Troca de sinais*, a alteração no sentido histórico e tradicionalmente empregado pelo pensamento político contemporâneo em relação à díade clássica *esquerda* e *direita*. Estudamos a origem de tais termos, as inversões realizadas pela publicação, a sua consonância com o cenário internacional e a influência deste processo na disputa política pela hegemonia na conjuntura brasileira de 1985 a 1991.

A conjuntura brasileira da década de oitenta esteve intimamente ligada aos eventos internacionais e nacionais do final dos anos setenta. A grave crise econômica que marcou o país esteve relacionada ao 2º choque dos preços do petróleo, ao aumento das taxas dos juros internacionais, à desaceleração do comércio internacional e à estagnação dos preços das *commodities* durante toda a primeira metade dos anos oitenta.⁷

Segundo José Luís Fiori, a crise mundial possibilitou uma determinada construção intelectual que se tornou o fio condutor das políticas adotadas pelo Banco Mundial na 2ª metade da década de oitenta. Elas preconizavam

*“uma política de estabilização, com reformas estruturais enfocadas na desregulamentação dos mercados, na privatização do setor público e na redução do Estado, mais tarde, denominadas, Consenso de Washington, em 1990.”*⁸

Internamente, o Brasil vivia o esgotamento do modelo de desenvolvimento adotado pelo regime militar, estruturado na associação entre Estado, capitais privados nacionais e internacionais, abalado decisivamente pela grande crise econômica internacional do período.⁹

A transição conservadora brasileira foi marcada pela construção de uma intrincada teia, consubstanciada na Nova República. Conforme Aspásia Camargo e Eli Diniz, um aspecto primordial, que a diferiu de outras transições, refere-se à adesão de parte expressiva das elites dirigentes do antigo sistema de poder, não excluindo as forças de mudança condutoras da derrocada da ditadura militar.¹⁰

⁷ TAVARES, Maria da Conceição, FIORI, José Luís. *Desajuste global e modernização conservadora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 130.

⁸ Idem, p. 132.

⁹ Ibid., p. 141.

¹⁰ CAMARGO, Aspásia, DINIZ, Eli (orgs). *Continuidade e mudança no Brasil da Nova República*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Vértice/ IUPERJ, 1989. p. 10.

Por conseguinte, esta característica dotou o novo regime de uma grande heterogeneidade.

Além dos sérios problemas econômicos, para os quais não conseguia estruturar alternativas duradouras, a Nova República padecia de uma grave crise de autoridade, marcada pelo clientelismo, pela acentuada regressão patrimonialista, forte presença estatal e primazia do executivo na política brasileira.¹¹ Este quadro aprofundou-se diante do descontentamento popular com o lançamento do Plano Cruzado II, após as eleições que deram uma vitória esmagadora ao governo, aumentando a sua crise de credibilidade.

A crise da Nova República e a necessidade de se formular um novo projeto para o Brasil transformaram a Constituinte no principal núcleo de poder.¹² A elaboração da Constituição foi marcada por uma série de conflitos, demonstrando a heterogeneidade dos setores que sustentavam o governo transicional. Outro aspecto importante consistiu na ofensiva vitoriosa, na 2ª fase da Constituinte, do campo progressista que obteve vitórias cruciais no capítulo da ordem social.¹³

Portanto, o Brasil combinava uma grave crise econômica, fruto do esgotamento do modelo vigente desde a era Vargas, que os governos militares trataram de exacerbar¹⁴, e da séria situação internacional, articulada com a incapacidade das classes dominantes gestarem um projeto que as unificasse em torno de um novo modelo de desenvolvimento para o país. O reflexo de tal situação tornou-se evidente na crise dos principais partidos sustentadores da

¹¹ CAMARGO, Aspásia, DINIZ, Eli (orgs). *Continuidade e mudança no Brasil da Nova República*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Vértice/ IUPERJ, 1989. p. 14.

¹² Segundo Camargo e Diniz, além da Constituinte, os outros núcleos de poder do período da transição foram os militares e o SNI; o presidente da república e seus principais assessores; e o PMDB e seus governadores. *Ibid.*, p. 40.

¹³ Para o ex-deputado federal constituinte do PT, Vladimir Palmeira, a aprovação de pontos importantes relacionados à Ordem Social foi propiciada pela reação do movimento popular, encabeçada pela CUT, que colocou os liberais na defensiva e forçou uma redação de *equilíbrio* neste item. A vitória da esquerda também deveu-se à intervenção de personagens como Severo Gomes e Ulisses Guimarães, que traziam um setor oscilante do PMDB para algumas votações centrais com a esquerda. Entrevista realizada no dia 28 de julho de 1998.

¹⁴ BENJAMIN, César (org). *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1998.

Nova República, que não foram capazes de produzir iniciativas em relação aos grandes temas da agenda política e das reformas pretendidas.¹⁵

Durante a década de oitenta, configurou-se no Brasil um clima ideológico favorável à implementação do *Consenso de Washington*, amplamente difundido pela maior parte dos meios de comunicação, sintonizados com a *onda* internacional. Segundo Fiori, a conjuntura demarcada pela eleição da Constituinte, redação da Constituição e gestão da crise através dos planos econômicos da Nova República, de 1985 a 1989¹⁶, é fundamental para o entendimento de tal *virada* ideológica no Brasil.

Nesta conjuntura ocorreu o processo político mais importante do período, a primeira eleição presidencial após 25 anos. O cenário brasileiro contribuiu para o surgimento de fortes candidaturas que não se ligavam oficialmente aos partidos sustentadores do governo: Luís Inácio *Lula* da Silva, do Partido dos Trabalhadores, representante do crescimento dos movimentos organizados da sociedade; e Fernando Collor de Mello, ex-governador do pequeno estado nordestino de Alagoas, popularizado pela mídia como o *caçador de marajás*, numa campanha moralizadora e anti-corrupção. Ele liderava uma agremiação nova e débil, fissura dos partidos tradicionais do país, nomeada PRN – Partido da Reconstrução Nacional.

Apesar das grandes divergências ideológicas entre os dois candidatos, que polarizaram no segundo turno a escolha do eleitor, Fiori destaca a existência de um consenso básico no pleito de 1989:

“a crise brasileira era de natureza estrutural, sinalizando o esgotamento do modelo de desenvolvimento responsável pela complementação tardia do programa tecnológico e organizacional da 2ª revolução industrial”.¹⁷

¹⁵ CAMARGO, DINIZ, op. cit., p. 15.

¹⁶ Os planos econômicos vigentes durante o período da Nova República: o Cruzado, em 1986; o Bresser, em 1987; e o Verão, em 1989.

¹⁷ TAVARES, FIORI, op. cit. p. 153.

Fernando Collor de Mello tornou-se o primeiro presidente eleito do Brasil, com amplo apoio dos meios de comunicação de massa. Contudo, nem bem chegara à metade do seu mandato e ele mergulhava o país numa grave crise de governabilidade. Segundo Wanderley Guilherme dos Santos, esta situação fora alimentada por

*“dois choques, uma reforma monetária e dois congelamentos que foram produzidos, aos sobressaltos, durante os primeiros 18 meses da presidência de Collor de Mello. O saldo desse turbulento estilo de decisão política, ao final do mesmo período, incluía sete derrotas no Supremo Tribunal Federal, algumas outras no Congresso, inflação recalcitrante, medíocre implementação e prático abandono da anunciada reforma administrativa, recessão econômica, deterioração salarial e, por fim, um dos mais catastróficos desempenhos empresariais após a 2ª guerra mundial.”*¹⁸

No meio desse turbilhão, o *caçador de marajás* também passaria para a história ao se tornar o primeiro presidente a sofrer um processo de *impeachment*, após denúncias de corrupção.

Durante o período da chamada *década perdida*, o discurso desenvolvido pela mídia no Brasil foi fundamental para a construção de um amplo consenso liberal favorável à implementação de um programa baseado na doutrina neoliberal, que possibilitou a eleição de um governo sintonizado com este tipo de perspectiva, iniciando a ofensiva de tais setores sobre a sociedade brasileira, que atingiu o seu auge no processo de privatizações dos anos noventa, avançando hoje para a desregulamentação das relações trabalhistas, atacando conquistas antigas e recentes dos trabalhadores.

*A inversão de uma bipolaridade
tradicional: o caso do Jornal O Globo*

“Existem épocas em que os acontecimentos concentrados
num curto período de tempo são evidentemente
históricos e percebidos como tais.”¹⁹

O tema desta pesquisa trata de um período como o descrito na epígrafe. Em *Troca de sinais*, estudamos um dos fenômenos que marcou o pensamento político no final do século XX: os acontecimentos sucedidos no bloco europeu do chamado *socialismo real* permitiram o sucesso da inversão da díade *esquerda-direita*, delimitando de forma indelével as transformações nas relações internacionais deste fim de milênio.

Tal processo somente adquire sentido se compreendemos a nossa era como um *Breve século XX*.²⁰ Conforme o termo empregado por Eric Hobsbawm, os seus setenta e sete anos são demarcados pela eclosão da 1ª guerra mundial, em 1914, que propiciou a ascensão da Revolução Russa de 1917, e pela desintegração da primeira experiência socialista no planeta, em 1991.

A força de um século simbolizada por um *espectro* pode parecer, aos olhos de alguns leitores, algo *demodé*. Mas não podemos fitá-lo sem perceber que a possibilidade de expansão do mundo socialista representou uma ameaça concreta para muitos, temerosos de que a revolução chegasse, principalmente, ao coração das sociedades capitalistas desenvolvidas, e também uma esperança para outros muitos homens e mulheres que se dedicaram à luta revolucionária. Mesmo os dissidentes ou os críticos no campo do socialismo partiam daquele modelo para configurarem as suas problemáticas e alternativas.

¹⁸ SANTOS, Wanderley Guilherme. *Razões da desordem*. 2. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 77.

¹⁹ HOBBSAWM, Eric J. 1989 - o que sobrou para os vitoriosos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 de novembro de 1990.

²⁰ Segundo o autor, a idéia de um *breve século XX* foi inspirada pelo ex-presidente da Academia Húngara de Ciências, Ivan Berend. HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. 2. ed., São Paulo: Cia das Letras, 1995.

O nosso século, marcado pelo signo da revolução socialista, encerrou-se com a destruição deste mesmo signo, varrendo, como um vendaval, o baluarte do comunismo no planeta: a União Soviética. Este processo desmantelou um engenhoso equilíbrio bipolar erigido após a 2ª guerra mundial, transformando as relações político-sociais do sistema planetário vigente.

É no contexto do final do *breve século XX* que observamos a produção de um novo sentido, distinto daquele empregado tradicionalmente durante esta época, para o binômio *esquerda-direita*. A inversão efetuada realizou uma verdadeira troca de sinais entre os dois termos que balizaram o pensamento político contemporâneo, delimitando campos e opções políticas.

Este fenômeno não se constituiu numa elaboração peculiar da conjuntura sócio-política brasileira, mas integrou uma dinâmica verificada mundialmente, instalada bem antes de tal processo consolidar-se no país. Mesmo assim, o Brasil expressou nitidamente o vigor desta inversão que se desencadeou na 2ª metade da década de oitenta, um momento de acirrada disputa entre os vários grupos sociais pela hegemonia sobre o projeto a ser trilhado pela nação após muitos anos de regime militar.

Decidimos investigar a operação efetuada sobre a díade e a sua incidência na realidade brasileira através de um dos veículos do *mass media*, recaindo a nossa escolha sobre o jornal *O Globo*. Tal opção deve-se a alguns aspectos que exporemos logo adiante.

A incontestável centralidade da mídia no mundo hodierno torna inevitável, para os estudiosos da história contemporânea, a articulação entre meios de comunicação e história, pois o advento das tecnologias de comunicação e de informação converte o planeta numa aldeia, numa sociedade global, ditada pela “*existência de processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações*”.²¹ Através de tais veículos, distâncias que separavam povos nos quatro cantos do mundo foram se encurtando, e hoje podemos afirmar que a grande

²¹ **ORTIZ**, Renato. *Mundialização e cultura*. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7.

maioria das regiões do nosso planeta está envolvida direta ou indiretamente com o ritmo da globalização mundial.

A ascensão de um dos mais importantes líderes do mundo socialista, o dirigente soviético Mikhail Gorbatchev – ele mesmo um mestre no marketing político –, e a derrocada dos países do bloco socialista da Europa central e oriental chegaram, até nós, de forma avassaladora, através das informações transmitidas pelas TV's, rádios, revistas e jornais. Logo, os principais acontecimentos deste final de século tiveram como *lugares de memória* privilegiados os meios de comunicação, especialmente a televisão.

Pierre Nora considera que a mídia tem ajudado na ampliação dos nossos diversos modos de percepção histórica. A memória das sociedades atuais, mais do que nunca, seria intensamente retinal e poderosamente televisual. Para ele, a aclamada volta da narrativa, evidente numa recente escrita histórica, também pode ser relacionada à onipotência da imagem e do cinema na cultura contemporânea.²²

Por isso, os acontecimentos não se tornam marcantes se não forem amplamente divulgados pelos meios de comunicação, *lieux de mémoire*, por excelência, do mundo contemporâneo, uma época que vive seu presente como já possuído de um sentido histórico.²³ Tomemos como exemplo a estratégia do grupo zapatista, localizado numa miserável e remota região mexicana, que, através da internet, conseguiu internacionalizar a sua ação, alcançando as manchetes da mídia de numerosas nações, estabelecendo uma vasta rede mundial de solidariedade. Todavia, não consideramos que tal movimento midiático possa substituir a ação dos movimentos sociais. Pelo contrário, os zapatistas somente têm acesso à mídia porque possuem uma forte organização social na sua região de atividade.

²² NORA, Pierre. Between Memory and History: *Les lieux de mémoire*. The Regents of the University of California, Spring 1989. (Representations 26).

²³ NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, J, NORA, P. *História: Novos problemas*. 2. ed., Rio de Janeiro: Livraria ed. Francisco Alves, 1979. p. 180.

Ao optarmos por estudar a produção de um novo sentido para a díade *esquerda-direita* no Brasil através dos meios de comunicação, não poderíamos deixar de observar tal processo sob a ótica das organizações *Globo*, que, sem dúvida nenhuma, se constituem no mais poderoso grupo de comunicações e num dos centros de poder do país.

Apesar do nosso estudo não trabalhar com a sua rede de televisão, traçamos um breve histórico deste veículo, pois a hegemonia de tal grupo começou a ser configurada durante os *anos de chumbo* através da primazia da sua emissora de TV. A união dos interesses militares de construção de uma nova imagem para a nação, baseada na doutrina de Segurança Nacional, com as expectativas das organizações *Globo*, dotadas de uma estrutura sustentada por uma associação internacional com o grupo *Time Life*, de obter o domínio da audiência da programação brasileira, selou uma aliança que tornou o conglomerado um dos suportes do regime instalado em 1964. Portanto, as ligações deste grupo com a ditadura militar podem ser definidas como “*uma correspondência de projetos*”²⁴, ambos estruturados na força do tripé Estado – capital nacional – capital internacional.

Atualmente, o império global abrange mais de quarenta empresas que atuam em diversos ramos da economia. Além da sua emissora de televisão – a quarta maior rede privada de TV do mundo, perdendo apenas para as norte-americanas CBS, NBC e ABC, que inclui sete emissoras totalmente de sua propriedade, seis de propriedade parcial, além de 36 afiliadas –, o conglomerado possui 18 emissoras de rádio AM/ FM, o 2º maior diário do país, 2 editoras de revistas e livros, 3 gravadoras, uma produtora de vídeo, distribuidoras de fitas de videocassete e produtoras de serviços de publicidade. Engloba ainda: indústria de

²⁴ WANDERLEY, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. *A construção do silêncio: a rede Globo nos projetos de controle social e cidadania (décadas 70-80)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 1996.

bicicletas, eletrônica e de telecomunicações, negócios imobiliários, agricultura, pecuária, mineração, dentre outros muitos empreendimentos.²⁵

Apesar de nos reportarmos às organizações *Globo* nos parágrafos anteriores, escolhemos abordar somente um dos seus meios de comunicação, o jornal *O Globo*. Optamos por este recorte, pois as limitações próprias a uma dissertação de mestrado impedem-nos de estudar a totalidade dos meios que integram este grupo. Avaliamos que esta escolha não compromete as questões levantadas, visto que o conglomerado articula um conjunto de veículos que, não obstante uma determinada autonomia e uma percepção diferenciada na apreensão da notícia, possui uma coerência interna, dada pela dinâmica global daqueles que detêm o controle da organização.

Já fomos também indagados do porquê da nossa escolha não ter recaído sobre a televisão, mídia, por excelência, da contemporaneidade. A nossa preferência pautou-se pela análise do jornal devido à sua relevância enquanto um meio formador de opinião de maneira mais qualificada do que a televisão, que privilegia por demais a informação superficial e de rápida absorção²⁶, não podendo, por isso, ser descartado no entendimento do mundo hodierno. Além disso, lidar com o meio televisivo requereria o emprego de metodologias que ainda não são amplamente difundidas na formação do historiador, até o momento, encontrando-se no nascedouro o emprego da mídia eletrônica como fonte de investigação para a pesquisa histórica.

Um outro elemento de motivação para o estudo do jornal *O Globo* relaciona-se ao papel desempenhado por ele, e pelo conjunto do conglomerado, durante a década de oitenta no Brasil. Nesse período, os graves problemas sociais

²⁵ Estes dados foram retirados do livro de Daniel Herz, fruto de sua dissertação de mestrado, apresentada, em 1983, à Universidade de Brasília. Por isso, os dados se encontram defasados. Por exemplo, hoje as organizações *Globo* avançam no ramo do cinema, através da formação da *Globo Filmes*, e certamente os seus empreendimentos ampliaram-se bastante nestes últimos quinze anos. **HERZ**, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. 14. ed., São Paulo: Ortiz,, 1991. p. 21.

²⁶ Destacamos ainda este aspecto valorativo dos jornais, apesar da sua tendência cada vez maior a privilegiar a notícia banalizada e sensacionalista, a informação superficial e a explicação dos acontecimentos sociais através da presença dos grandes personagens nas páginas dos jornais como constataremos num dos capítulos da dissertação referente às imagens construídas pelo jornal *O Globo* sobre Mikhail Gorbachev.

e econômicos entremeavam-se com uma profunda crise das classes dominantes do país, fragmentadas e incapazes de gestar um projeto unificador e sintonizado com a nova dinâmica internacional.

O emprego da noção de Estado ampliado, de Antonio Gramsci, ajuda-nos a compreender o momento singular da conjuntura nacional, pondo em relevo a questão do exercício da hegemonia por tais grupos na sociedade brasileira. Sintetizado na fórmula *ditadura + hegemonia* ou *hegemonia revestida de coerção*, este tipo de Estado se constituiria em duas esferas principais: a sociedade política – formada pela reunião dos mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência – e a sociedade civil – integrada pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, com uma autonomia própria, funcionando como mediação necessária entre a estrutura econômica e o Estado-coerção.²⁷

Apesar de possuírem o controle da sociedade política através dos seus mecanismos de coerção e de violência, a hegemonia das classes dominantes encontrava-se fendida. Elas necessitavam, por isso, estabelecer um novo consenso ativo da maioria da população, tornando-se direção intelectual e moral, difundindo uma visão de mundo para legitimar a sua ação na sociedade.

Nesse período, os aparelhos privados de hegemonia da sociedade civil – segundo Gramsci, “*organismos de participação política voluntários, e que não se caracterizam pelo uso da repressão*”²⁸ – tiveram uma atuação fundamental na conjuntura do país. Em meio à crise dos partidos tradicionais de representação das classes dominantes, a ação do jornal *O Globo* superou a sua função de veículo informativo, possibilitando-o atuar quase como um partido, conforme a visão gramsciana. Mas por que imputar a este grupo o papel de partido no momento em que, no Brasil, após longos anos de exceção e de um bipartidarismo

²⁷ COUTINHO, Carlos Néilson. *Gramsci*. Porto Alegre: L & PM, 1981. 2 V. (Coleção fontes do pensamento político). p. 91 e 92.

²⁸ *Ibid.*, p 90.

consentido, proliferava uma série de agremiações político-partidárias de variados matizes ideológicos?

Distintamente das concepções clássicas, Gramsci amplia tal conceito, pois, segundo Coutinho²⁹, ele considera o partido como um “*intelectual coletivo*”, aquele que possui como obra prioritária a construção homogênea de uma vontade coletiva. Estreitando os vínculos entre função intelectual e político-partidária, um intelectual e até mesmo um ou mais jornais também podem se configurar numa fração ou cumprir a função de determinado partido:

*“Certos partidos orgânicos e fundamentais podem se dividir em frações que assumiram o nome de partido e, inclusive, de partido independente. Por isso, com frequência, o Estado-maior intelectual do partido orgânico não pertence a nenhuma dessas frações, mas atua como se fosse uma força dirigente autônoma, superior aos partidos; e em alguns casos, também é vista assim pelo público”.*³⁰

O conglomerado *Globo* não pode ser visto somente como um reflexo das classes dominantes brasileiras. Mais do que isso, ele foi capaz de articular e difundir um projeto para o Brasil sintonizado com a dinâmica internacional, e disputar o imaginário da população num momento em que os grupos dominantes passavam por uma grave crise de hegemonia. Desta forma, remetendo-nos à sua importância crucial na sociedade brasileira, podemos afirmar que ele teve uma ação fundamental na luta pela hegemonia instituída no país, agindo como um intelectual orgânico das classes dominantes, produzindo sentidos que visavam à construção de uma vontade coletiva para tornar hegemônica no conjunto da sociedade uma determinada visão de mundo.

No estudo de Guimarães e Vieira sobre a importância da rede de televisão global na transição conservadora brasileira, destaca-se o seu papel no processo encaminhado após a derrota da emenda pelas *Diretas já* no Congresso Nacional.

²⁹ COUTINHO, op. cit.

³⁰ GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 7. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. p 22.

Segundo os autores, o conglomerado havia se constituído “*num quase – mas influentíssimo – partido político*”³¹, tornando-se o ponto de unificação do PMDB e dos desafetos recentes do regime, parceiro da Aliança Democrática na campanha vitoriosa de Tancredo Neves para a presidência da república na última eleição indireta do país.

Diferente do papel catalisador que desempenhou na transição, no principal momento da conjuntura brasileira da década de oitenta simbolizado pela primeira eleição direta para presidente após vinte e cinco de interrupção, a sua opção por Fernando Collor de Mello passou por cima dos partidos tradicionais, fragmentados em diversas candidaturas, refletindo a crise de projetos dos setores dominantes do país. O seu *voto* contribuiu para a permanência do poder nas mãos das classes dominantes diante do perigo da eleição de Lula, um candidato construído pelos vários movimentos organizados da sociedade civil.

Portanto, no caso estudado, não pretendemos desconsiderar a importância da intervenção partidária nas definições da história recente do Brasil. Todavia, a debilidade política das classes dominantes, naquele momento, propiciou a uma fração destes mesmos setores, e que não necessariamente estava constituída majoritariamente num partido, tomar para si a tarefa de exercer tal papel.

Nesta perspectiva, o conglomerado *Globo* articulou a sua leitura sobre as reformas na URSS e a crise do *socialismo real*, que subverteu as relações políticas internacionais existentes até aquele período, à conjuntura de mudanças vivida no Brasil após os anos de regime militar. Ao elaborar novos sentidos para o binômio esquerda-direita, o grupo pretendeu desautorizar uma alternativa de esquerda para os novos caminhos que o país teria que percorrer, difundindo uma visão de mundo sintonizada com a agenda neoliberal.

Este processo não ocorreu de forma mecânica e maquiavélica. Ele acompanhou uma tendência verificada no cenário mundial, que refletia, dentre outras questões, a crise econômica internacional e o esgotamento do modelo do

³¹ GUIMARÃES, C., VIEIRA, R. A. A. A televisão brasileira na transição: um caso de conversão rápida à nova ordem. *Cadernos de Conjuntura*, Rio de Janeiro, n. 44, p.1-27, dezembro. 1985.

Welfare State nos principais países capitalistas desenvolvidos. Este quadro possibilitou à direita mundial construir um novo imaginário para si, ligando-a ao discurso das reformas e da modernidade liberal.

Este movimento permeou o conjunto dos veículos midiáticos do grupo empresarial jornalístico *Globo*. Os novos sentidos produzidos também indicaram mudanças internas no seu jornal, que se desvencilhou de um perfil notadamente anticomunista para consolidar uma imagem modernizadora durante as décadas de oitenta e noventa.

*A Guerra Fria e o Perigo Vermelho: O Globo
como um cruzado da civilização ocidental cristã*

A queda do Muro de Berlim e, posteriormente, a desagregação da União Soviética selaram o fim de uma época em que “a história mundial girou em torno da revolução de outubro”.³² Durante o período em que esteve em vigor, a primeira experiência socialista no globo mobilizou o imaginário daqueles que anunciavam o perigo sempre presente da dominação do *mundo livre* pelo comunismo. Esta, aliás, foi uma das dicotomias construídas no transcorrer do nosso breve século XX: *mundo livre democrático versus totalitarismo comunista*.

No Brasil, o *espectro* do comunismo também rondou o imaginário social e foi fartamente empregado como arma na disputa pela hegemonia política. A cobertura de boa parte da grande imprensa brasileira foi pródiga na veiculação desta visão. Em vários momentos de crise, o aprofundamento das lutas sociais e as bandeiras de reformas defendidas por partidos e políticos de vários matizes foram creditados à *agitação vermelha*, que se infiltrava por todos os poros da sociedade. Tais momentos contribuíram para a difusão do *perigo da comunização* do país numa conjuntura marcada pela Guerra Fria, desde a 2ª metade do século XX.

Historicamente, a visão do jornal *O Globo* acompanhou a tendência existente nos grandes veículos de comunicação que privilegiava a correlação entre movimentos sociais e propostas de esquerda com o perigo de *bolchevização* do Brasil. Logo, demarcamos o perfil notadamente conservador do periódico, que se comportava como um arauto do anticomunismo no Brasil.

Nesta perspectiva, os papéis designados para a esquerda e para a direita encontravam-se bem delimitados na publicação: a esquerda era vista como

³² **HOBBSAWM**, Eric. Adeus aquilo tudo. In: **BLACKBURN**, Robin (org). *Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1993. p. 93.

revolucionária, no sentido da subversão, e golpista pois exportava revoluções e valores alheios aos costumes do país. A direita apresentava-se como protetora dos valores tradicionais da pátria brasileira, ocidental e cristã, por natureza.

Este capítulo, portanto, nos ajuda a apreciar as novas abordagens construídas por *O Globo* a partir de 1985. Nesse ano, apesar da ênfase conferida à *perestroika* e à *glasnost* na URSS não se configurar numa novidade do noticiário nacional, as reformas naquele país propiciaram várias transformações nas concepções tradicionalmente difundidas pelo periódico.

Escolhemos analisar o perfil do jornal, antes do ano de 1985, através de alguns períodos da conjuntura nacional, demarcados por importantes crises, em que a temática do comunismo foi bastante explorada no cenário político brasileiro: a insurreição comunista de 27 de novembro de 1935, conhecida como *Intentona Comunista*; a cassação do PCB, no dia 07 de maio de 1947; a crise dos mísseis, em outubro de 1962, que incidiu diretamente sobre a política externa praticada pelo Brasil naquela época; o golpe militar de 31 de março de 1964 e o aprofundamento da ditadura militar, com a decretação do Ato Institucional nº 5, na data de 13 de dezembro de 1968.

A Insurreição Comunista de 1935

A insurreição comunista de 1935 ocorreu num período de grande instabilidade social da realidade brasileira. Desde a revolução de 30, o país vivia momentos de definição em relação ao modelo político-econômico a ser adotado. A eclosão do movimento revolucionário foi utilizada pelo governo Getúlio Vargas como justificativa para o enrijecimento do regime, e, posteriormente, para a instalação da ditadura, em 1937.

Nessa época, *O Globo* já possuía mais de dez anos de existência³³, permitindo-nos analisar a sua visão sobre o *fantasma do comunismo*. Esse

³³ *O Globo* foi fundado no dia 29/07/1925, mas o seu proprietário, Irineu Marinho, já atuava na área de imprensa como jornalista e dono do jornal *A Noite* desde 1911. SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 379.

período foi assinalado pela irrupção da revolução socialista na Rússia, em outubro de 1917. Apesar de mobilizar um número pequeno, porém significativo, de simpatizantes da causa comunista, arregimentados, principalmente, nos meios sindicais, intelectuais e estudantis, os movimentos contra a ordem estabelecida adquiriam uma dimensão muito maior do que realmente possuíam, devido à existência de uma outra proposta de sociedade que propunha a derrubada do *status quo* de maneira revolucionária.

Articulada e dirigida por comunistas, a insurreição armada de 1935 fora lida como um perigo iminente para a ordem vigente. Sob o título de “*Foi uma revolução comunista*”, *O Globo*, na sua edição de 28 de novembro de 1935, anunciava que “*Embora existisse plano articulado com outros pontos do país, é fora de duvida que o movimento, de nítida finalidade comunista, se acha dominado.*”³⁴

Apesar do claro momento de crise por que passava o Brasil, a perturbação da vida do país era imputada à “*atividade anti-social*” dos comunistas, que culminara com a tentativa de um *putsch*. Para a publicação, o governo, seguindo um vocabulário muito difundido na época, deveria “*sanear o ambiente*”. Portanto, a ação dos comunistas era vista como nociva à saúde da nação, e, assim como os insetos, deveria ser eliminada da sociedade.

Natal foi apontada como o ponto mais importante do levante, vivendo durante quatro dias “*sob o regimen soviético*”.³⁵ Narrando os informes colhidos pela reportagem, a insurreição fora tratada quase como uma invasão externa, pois tudo ali se passava “*made in URSS*” e “*em função dos soviets*”. A experiência revolucionária foi relatada como uma espécie de corpo estranho naquele lugar, visto que o periódico naturalizava os valores burgueses e a hierarquia social:

*“O vocabulario marxista substituiu a linguagem burgueza. Camaradas comissarios do povo, para isso, para aquilo, etc. Nada de hierarquia, de distinções, de continencias. Tudo raso e chão. Era o communismo...”*³⁶

³⁴ *O Globo*, 28/ 11/ 1935, 1ª página.

³⁵ *O Globo*, 28/ 11/ 1935. p. 3.

³⁶ *Idem*.

O radiotelegraphista da Condor, Alberico Silveira dos Santos, como havia sido noticiado na edição anterior, esteve presente “*no teatro dos acontecimentos*”, e por isso se constituía no testemunho das aflições e das angústias de milhares de pessoas que, assim como ele, eram torturadas por uma indefinição quanto ao seu futuro: “*Mas para onde vamos?*”

Essa agonia expressava não somente o temor quanto a um futuro ligado ao regime soviético, mas também em relação às mãos que conduziam a experiência revolucionária. Com um título bastante sugestivo, o jornal pretendeu desqualificar o novo governo dos natalenses, destacando, através dos ofícios dos dirigentes, o patente absurdo e a incapacidade de tal revolução:

*“A junta governativa instalada no palácio e residência do governador do Estado, era constituída de um sapateiro, músico e chefe de estiva.”*³⁷

Nos anos posteriores, a data comemorativa da *Intentona* transformou-se num momento de condenação do comunismo e da subversão, duas palavras empregadas quase como sinônimos em várias conjunturas.

No auge da repressão da ditadura militar, no ano de 1971, a lembrança do movimento comunista foi noticiada por *O Globo* da seguinte maneira: “*Médici reverencia junto ao povo mortos de 1935*”.³⁸ O título retratava a simbologia construída em torno da *Intentona* como um marco na luta contra a *subversão comunista*, destacando o jornal a homenagem ao gesto heróico das forças armadas.

Médici e o povo, conjuntamente, reverenciavam os mortos de 35. Qual era a importância da junção entre governante máximo do regime militar e população, se não existia qualquer indício mais claro de que o povo participava de tais homenagens, visto que elas também eram um evento de apelo nitidamente militar? Ao reproduzir na íntegra a ordem-do-dia, escrita pelo ministro do exército, general Orlando Geisel, a publicação reforçava as concepções presentes

³⁷ *O Globo*, 28/ 11/ 1935. p. 3.

³⁸ *O Globo*, 27/ 11/ 1971. p. 2.

no conteúdo do texto, tornando claro que as forças armadas haviam se levantado em 1935, em nome do povo, para conter um ataque dos comunistas aos ideais cristãos de patriotismo e de liberdade do povo brasileiro.

Essa visão seria corroborada por meio de uma pequena matéria, no final da página, denominada “*A Intentona que ceifou muitas vidas*”. O jornal apresentou uma avaliação do movimento de 1935, enfatizando que a democracia vivia um momento difícil numa conjuntura marcada pelos extremismos, no plano internacional (nazismo e comunismo), e pela ameaça às estruturas políticas, abaladas desde a revolução de 30, no cenário nacional.

Sobre os mortos e feridos na insurreição, a publicação apenas identificou a lista dos presos, encabeçada por Agildo Barata, e a “*dos que haviam perdido a vida no combate contra os revoltosos*”.³⁹ Ou seja, entre os *subversivos* não foi declarada nenhuma baixa. Dessa forma, o exército apresentava-se como um alvo da *horda comunista*:

*“passavam de cem o número de soldados e oficiais mortos, alguns assassinados friamente enquanto dormiam, por seus companheiros de armas convertidos ao comunismo.”*⁴⁰

O texto concluía, então, que a insurreição comunista “*abriu o caminho para a ditadura que se instalara no país*”⁴¹, justificando as medidas de exceção que o governo implementou. Mesmo sem mencionar diretamente a decretação do AI-5, talvez *O Globo* pretendesse sugerir, nas entrelinhas, um paralelo entre os fatos que levaram à ditadura varguista, em 1937, com os eventos ocorridos no ano de 1968, em que a radicalização da *subversão* e a ameaça de *comunização* do Brasil teriam sido os responsáveis pelas medidas tomadas pelos dois governos, visando a preservação da liberdade e dos ideais cristãos no país.

No ano de 1985, a *Intentona* completava cinqüenta anos, mas a matéria sobre a sua comemoração ocupou um espaço bem menor no jornal. Sob o título

³⁹ *O Globo*, 27/ 11/ 1971. p. 2.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ *Ibidem*.

de “*Militares pedem vigília cívica no cinquentenário da Intentona*”, *O Globo* praticamente limitou-se a reproduzir alguns trechos da ordem-do-dia dos militares. A leitura conjunta do texto das Forças Armadas, prática adotada desde a instalação da Nova República, foi considerada uma novidade do evento.

Os fragmentos escolhidos reafirmavam a condição das Forças Armadas de defensora e tradutora da vontade do povo ao levantar-se contra a insurreição comunista de 35. Além disso, os trechos que se referiam à conjuntura daquele período, declaravam:

*“o momento exige reflexão. O momento reclama constante vigília cívica, coerente com a fidelidade a uma vocação eminentemente ocidental e cristã, visando a impedir que as futuras gerações seja vítimas de um sistema político que escravize homem ao determinismo do Estado.”*⁴²

A consolidação da democracia no Brasil também foi um outro tema selecionado pela publicação, recolocando a *Intentona* nos termos da luta contra aqueles que “*pretendiam esmagar os nossos princípios democráticos*”.⁴³

Distintamente de alguns jornais, *O Globo* não explorou algumas mudanças expressivas no próprio discurso dos militares. Segundo o *Jornal do Brasil*, a novidade no aniversário da *Intentona* teria sido a “*mudança de tom*” dos militares, refletindo as alterações ocorridas no cenário internacional. No seu pronunciamento, houve a substituição de uma

*“linguagem irradamente anticomunista por uma que dá mais ênfase a temas como direito, justiça e construção da democracia.”*⁴⁴

A cassação do PCB em 1947

Após a 2ª guerra mundial, o planeta assistiu ao advento da Guerra Fria. Existem muitas controvérsias sobre a real situação internacional dessa época.

⁴² *O Globo*, 27/ 11/ 1985. p. 5.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ *Jornal do Brasil*, 27/ 11/ 1985. 1º caderno.

Para autores como Eric Hobsbawm, o momento mais explosivo e de reais tensões se concentrou no período de março de 1947, com a Declaração da Doutrina Truman, a abril de 1951, com a demissão do general Douglas MacArthur.⁴⁵ Excetuando-se tal intervalo, o restante do século XX teria sido dominado por uma política de coexistência pacífica, com a divisão do mundo em zonas de controle direto ou indireto das duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética.

Esse período também demarcou a ascensão da denominada teoria do totalitarismo. Esta concepção norteou não somente as caracterizações feitas por acadêmicos e políticos em relação à URSS, mas foi amplamente empregada pelos meios de comunicação como a base das suas explicações sobre o *perigo vermelho*.

Segundo o cientista político Luís Fernandes⁴⁶, o termo foi cunhado, pela primeira vez, na década de 20, pelos dirigentes fascistas na descrição do seu próprio projeto de sociedade. Durante os anos 30, nas democracias liberais ocidentais, o conceito assumiu uma conotação pejorativa e negativa, agrupando numa mesma tipologia de regime político a URSS e a Alemanha nazista. Porém, dois estudos importantes, publicados nos anos 50, sistematizaram e difundiram o vocábulo: *The origins of Totalitarianism*, de Hannah Arendt, em 1951; e *Totalitarian Dictatorship and Autocracy*, de Carl Friedrich e Zbigniew Brzezinski, em 1956.

Questionada crescentemente a partir dos anos 60, as novas abordagens e uma profunda pesquisa documental, durante a década de 80, estimularam o surgimento de estudos históricos que contribuiriam para o desmonte da visão totalitária sobre os Estados de tipo soviético, destacando-se nesta perspectiva o historiador Moshe Lewin.⁴⁷

⁴⁵ **HOBSBAWM**, op. cit. p. 226.

⁴⁶ **FERNANDES**, Luís. Leituras do Leste I: o debate sobre a natureza das sociedades e Estados de tipo soviético. *BIB (Boletim Informativo e Bibliográfico)* Rio de Janeiro, n. 38, p. 15-49, 2º semestre. 1994.

⁴⁷ **LEWIN**, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

De acordo com o autor, esta teoria não reconhecia a possibilidade de mudanças internas do sistema, pois se concentrava somente num estudo do Estado e da economia estatal soviética. Ela preconizava a existência de uma *sociedade atomizada*, e por isso não priorizava o estudo sobre a tessitura social da URSS e a inter-relação entre sociedade, cultura e economia, que possibilitaria uma percepção da União Soviética distinta daquela difundida pelos estudiosos de tal concepção.

Apesar da crise do conceito⁴⁸, o emprego da teoria do totalitarismo no discurso dos governantes e da mídia mundial permaneceu evidente, permeando as suas abordagens, até o advento da *perestroika* e da *glasnost*.

Portanto, a cassação do PCB, ocorrida logo após a declaração da Doutrina Truman, aconteceu num período em que as relações internacionais estavam completamente polarizadas entre a URSS e os EUA.

Como *O Globo* leu o julgamento do Partido Comunista Brasileiro? Em pleno momento da Guerra Fria e do início do macarthismo nos Estados Unidos, “o Brasil atravessava momentos decisivos para as suas instituições democráticas”.⁴⁹ Por isso, o jornal, saudou o julgamento, considerando-o sensacional e histórico, e que vinha firmar, entre nós, “o verdadeiro conceito de democracia perante a Carta Magna”.⁵⁰

A existência de um partido comunista no Brasil, então, feria a concepção democrática presente na Constituição. Independente da sua ação, pacífica ou não, a publicização dos ideais do comunismo já significava uma ameaça para a democracia, mesmo que eles se limitassem ao campo das idéias. Afinal, o PCB não estava sendo julgado por qualquer tentativa de golpe ou ação armada, mas pela sua propaganda política.

⁴⁸ Segundo Luís Fernandes, no Leste Europeu, as teorias do totalitarismo alcançaram um certo destaque, ressurgindo como uma caracterização *oficial* dos antigos regimes nos discursos acadêmico, político e jornalístico. **FERNANDES**, Luís. op. cit. p. 18.

⁴⁹ *O Globo*, 08/05/1947. 1ª página.

⁵⁰ *Idem*.

Referindo-se ao PCB como “*órgão moscovita*”, o periódico reafirmava o caráter de intervenção externa imputado ao partido, pois ele não se constituía numa organização de caráter nacional, mas apenas num retransmissor das determinações enviadas pela sua matriz, Moscou. Neste sentido, a interferência física e ideológica desviaria os brasileiros de seus ideais tradicionais. Logo, tornava-se premente retirar todos os sindicatos da influência do partido comunista que desvirtuava os trabalhadores, ainda mais sob a ascendência direta do “*Sr Prestes*”.

A crise dos mísseis cubanos em 1962

A crise dos mísseis cubanos configurou-se num dos episódios mais importantes da conjuntura da Guerra Fria, incidindo diretamente sobre as disputas políticas existentes naquele período, e que questionaram os rumos da política externa brasileira. Além disso, tal acontecimento acirrou a polarização exaustivamente empregada por *O Globo: mundo livre versus comunismo*.

A chamada “*política exterior independente*”, elaborada desde a gestão de Jânio Quadros na presidência da república, tornou-se um dos principais alvos da crítica do periódico durante a crise dos mísseis em Cuba. Ela interligava-se ao movimento dos países não-alinhados inaugurado nos anos 60 por nações como a Índia, o Egito e a Iugoslávia. A publicação definia a política externa do Brasil como “uma aventura apressada e impensada”⁵¹, pois ela nos apartava

*“da nossa tradicional política de fidelidade a um sistema regional, em cuja manutenção estamos comprometidos por força dos tratados assinados e ratificados...”*⁵²

Dessa forma, a posição do governo brasileiro rompia com tais acordos e com a tradição americana, causando estorvo ao país diante da crise internacional.

⁵¹ *O Globo*, 25/ 10/ 1962. 1ª página.

⁵² *Idem*.

Na sua edição do dia 23 de outubro⁵³, o periódico publicou uma entrevista com o advogado do IAB (Instituto Brasileiro dos Advogados), prof. Celestino Basílio, comentando o Tratado do Rio de Janeiro, que previa sempre uma ação conjunta, e não unilateral, entre os países do continente. É interessante observar que, apesar dos Estados Unidos não terem respeitado esse acordo, a atitude norte-americana foi apoiada e analisada pelo jornal como “*um imperativo de legítima defesa, não só de seu país, mas de toda a América...*”⁵⁴

A opinião do periódico também explorou bastante a imagem do presidente norte-americano, John Kennedy, em oposição ao papel cumprido pelo governo brasileiro na crise. Enquanto a atitude dos nossos dirigentes refletia o embaraço e a falta de consciência da gravidade da situação internacional, o líder dos EUA, apoiado unanimemente pelo *mundo livre*, através da vigilância e de uma corajosa atitude, demonstrava:

*“o primeiro gesto inequívoco e amadurecimento de determinação do ocidente depois de quase dezessete anos de guerra fria.”*⁵⁵

Por isso, no editorial intitulado “*A hora da decisão*”, *O Globo* exigia “*uma atitude clara e insofismável*” do governo brasileiro em relação à crise dos mísseis, que representava a luta do *mundo livre* contra o comunismo:

*“ou o Brasil assume, na plena consciência de suas responsabilidades, a posição que lhe cabe na Comunidade dos Estados Americanos, ou, contrariando os sentimentos e as convicções do nosso povo, tomamos uma atitude inequívoca de aliado da ditadura cubana na obra de destruição do último baluarte do mundo livre.”*⁵⁶

A atitude dos “*responsáveis*” encontrava-se não somente na contramão das outras nações americanas, mas também contrariava as *tradições* do povo brasileiro: cristã e ocidental. Neste sentido, a publicação afirmava que os slogans

⁵³ *O Globo*, 23/ 10/ 1962, p. 6.

⁵⁴ *O Globo*, 25/ 10/ 1962, 1ª página.

⁵⁵ *O Globo*, 30/ 10/ 1962, p. 10.

⁵⁶ *O Globo*, 25/ 10/ 1962, 1ª página.

e conceitos rapidamente formulados “*pelos encalistrados defensores desta política*” apenas serviram de escudo a Fidel Castro. Por isso, a fórmula proposta de neutralização de Cuba não passaria de “*mais um subterfúgio dos que teimam em não enxergar a verdade dura dos fatos*”.⁵⁷

Anunciando que o continente americano não estaria seguro enquanto existisse “*um regime ditatorial sob o guante todo-poderoso de Fidel Castro*”⁵⁸, o jornal baseou as suas abordagens numa outra contraposição fundamental: Fidel Castro versus Américas.

As instalações militares soviéticas tornavam Cuba “*uma poderosa base da cortina de ferro em nosso hemisfério*”⁵⁹, representando um perigo iminente para a região pois, o ditador cubano estaria somente interessado em ameaçar a paz e a segurança de seus vizinhos. A América se tornava a vítima das ações de Castro, “*hostil como sempre ao mundo livre e ao sistema democrático interamericano*”.⁶⁰ Logo, uma pequena ilha alçava-se como a maior ameaça para a liberdade americana, invertendo-se assim o papel de agressor desempenhado pela superpotência mundial, os EUA.

Fidel Castro, portanto, encarnava uma espécie de “*Átila do Caribe*”. Porém, ao mesmo tempo em que era considerado “*o agitador máximo das Américas*”, *O Globo* insistia na visão de que ele não possuía qualquer autonomia perante Moscou pois o governo soviético decidia e pensava por ele.⁶¹

Avaliando com maior profundidade as relações entre Cuba e URSS, no entanto, podemos concluir que a afirmação acima apenas reproduzia antigos chavões sobre o poder totalitário do comunismo, pois Fidel Castro integrava, junto com outros líderes como Mao Tsé-Tung, um conjunto de dirigentes nacionais que possuíam uma orientação política independente dos ditames de

⁵⁷ *O Globo*, 25/ 10/ 1962, 1ª página.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ *O Globo*, 26/ 10/ 1962. 1ª página.

⁶⁰ *O Globo*, 30/ 10/ 1962. p. 10.

⁶¹ *Idem*.

Moscou. A leitura do jornal, contudo, era coerente com a visão da União Soviética como difusora da *subversão comunista* no planeta.

Na visão do diário, a retirada do equipamento bélico soviético de Cuba não significou uma prova das intenções da URSS na garantia da coexistência pacífica, mas “*a capitulação de Krushev diante da firmeza com que o mundo livre se dispunha a exercer o seu direito de legítima defesa...*”⁶²

A decisão do Kremlin havia exposto a verdadeira condição de Cuba no cenário mundial: uma “*peça de transação*” nas mãos da URSS, que, à sua revelia, decidira a evacuação do poderoso armamento, oferecendo a sorte do povo cubano “*em troca de vantagens militares em país que interessa mais diretamente à segurança da União Soviética*”.⁶³

Sem deixar dúvidas, a 1ª página do dia 29 de outubro estampava em letras bem nítidas:

“*EM QUE DEU A AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS: CONFISSÃO DE QUE É EM MOSCOU QUE SE DECIDEM OS ATOS DA SOBERANIA DE CUBA*”.⁶⁴

Estava desmascarada, então, a falácia do princípio da autodeterminação dos povos, adotada pela diplomacia externa brasileira. Em Cuba não havia soberania, pois era a URSS quem decidia o seu destino. A disseminação do comunismo solaparia a liberdade em toda a América. Por isso, não era possível aceitar a existência de um satélite soviético em nossas *plagas*.

No conflito protagonizado pelas duas superpotências mundiais, os EUA encarnavam a defesa do *mundo livre*, como já mencionamos. À URSS era imputada a responsabilidade pela ameaça da paz e tranqüilidade no continente americano:

“*a paz e a tranqüilidade do continente não podem continuar sendo joguete de uma grande estratégia de duelo mundial de poder, fabricado em Moscou.*”⁶⁵

⁶² *O Globo*, 29/ 10/ 1962. 1ª página.

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ *Ibid.*

⁶⁵ *Ibid.*

A traição de Krushev, que dera a sua palavra de que não armaria Fidel Castro, deixara o futuro mundial ainda mais incerto. Segundo o jornal, o recuo do dirigente soviético lembrava muito a tática das guerrilhas para indicar tranqüilidade.⁶⁶ Havia, portanto, possibilidades de novas ofensivas ao *mundo livre*.

O golpe militar de 31 de março de 1964

A propaganda difundida e estimulada por *O Globo* sobre a ameaça da *comunização* do país desempenhou um papel importante na legitimação ideológica do golpe que instalou a ditadura militar no Brasil, em 1964. Este jornal não se constituiu no único arauto do *perigo vermelho*. Outras publicações também entoaram o refrão que apontava a crescente expansão do comunismo pelo país e a necessidade de conter a subversão.

Os títulos dos dois editoriais do dia 02 de abril, por si só, expressavam a visão que se pretendia veicular sobre o movimento de 31 de março: “*Ressurge a democracia*”⁶⁷ e “*A decisão da pátria*”⁶⁸.

O movimento militar de 64 expressava a insurgência da pátria cristã, “*ofendida e espantada*”, contra a *subversão* e a “*escravidão comuno-fidelista*”.⁶⁹ A ação revolucionária não fora um movimento partidário, e representou a união de todos os patriotas, de todos os setores conscientes da vida política brasileira:

*“Aliaram-se os mais ilustres líderes políticos, os mais respeitados governadores, com o mesmo intuito redentor que animou as Fôrças Armadas.”*⁷⁰

Mas por que os “*setores conscientes*” mobilizaram-se? Porque, segundo o jornal, “*a sorte da democracia no Brasil estava em jogo*”.⁷¹

⁶⁶ *O Globo*, 30/ 10/ 1962, p. 10.

⁶⁷ *O Globo*, 02/ 04/ 1964, 1ª página.

⁶⁸ *O Globo*, 02/ 04/ 1964, p. 3.

⁶⁹ *Idem*.

⁷⁰ *O Globo*, 02/ 04/ 1964, 1ª página.

⁷¹ *Idem*.

A nação que, em 1961, preferiu correr o risco e, juntamente com as Forças Armadas, garantir ao vice-presidente João Goulart a sucessão que lhe cabia em face da Constituição, fora traída. Os seus mais severos críticos – incluía-se nessa lista o próprio jornal – procuraram esquecer o passado, adotaram uma atitude de expectativa favorável e de contínuos estímulos ao governo. Tudo em vão.

A publicação não revelava, contudo, que uma parte das Forças Armadas e inclusive dos “*severos críticos*” não trabalharam pela posse de Jango após a renúncia de Jânio Quadros, contrariando a versão de uma idílica unidade nacional, estabelecida no seu editorial. Diferente da visão veiculada, a gestão de João Goulart fora marcada por uma cerrada oposição e por uma conspiração aberta que estimulou o golpe de 64.

A imagem do presidente da república representava o que havia de mais negativo no país: um político notabilizado pela absoluta ausência de espírito público, pelos conluíus com *agitadores* (como Luís Carlos Prestes e antigos deputados *vermelhos*) e pelas ligações firmadas com *sistemas totalitários*. Um político desconfiado dos partidos, concentrando, cada vez mais, os dispositivos de mando. Um político que quis levantar um poder sindical audacioso e ameaçador, que ignorou a hierarquia, desprezando a disciplina de um dos ramos das Forças Armadas (o jornal referia-se à participação de Jango na assembleia, no Automóvel Clube, ocorrida logo após a manifestação dos marinheiros).

A *ação subversiva* era orientada diretamente pelo Palácio do Planalto, dirigida pelo presidente da república e pelos “*vermelhos que haviam envolvido o executivo federal*”.⁷² O poder do Estado estava sendo usado, portanto, a favor da desordem, da indisciplina e de tudo aquilo que nos levaria à anarquia e ao comunismo. As manobras presidenciais visavam a “*transformar o Brasil em uma segunda Cuba*”⁷³ através do *putsch*.

No cenário delineado por *O Globo*, o levante militar não se constituiu num golpe mas no restabelecimento da ordem contra aqueles que queriam entregar o

⁷² *O Globo*, 02/04/1964, 1ª página.

⁷³ *Idem*.

país aos *vermelhos*, arrastando-o para rumos contrários à vocação e às tradições do seu povo. As Forças Armadas obedeceram somente ao dispositivo que “*as obriga a defender a pátria e a garantir os poderes constitucionais*”⁷⁴, e, por isso, chamaram para si a tarefa de restaurar a nação na integridade de seus direitos.

O jornal procurou destacar que a “*ação salvadora*” não foi contra qualquer reforma que melhorasse as condições de vida do povo, numa clara alusão às reformas de base propostas por Jango. Essa tarefa, entretanto, não poderia ser mais confiada “*a um govêrno a princípio infiltrado e depois orientado pelos comunistas*”.⁷⁵ Dessa forma, a publicação atribuía ao movimento de 64 um discurso reformador, que resguardaria as tradições do povo brasileiro, livrando-o do comunismo.

O periódico também exortava a população a agradecer aos bravos militares que a protegeram de seus inimigos, salvando-a da *comunização*. Portanto, a sua ação era apresentada como heróica. Uma palavra-de-ordem, levantada no final do editorial, anunciava a repressão que estava por vir:

*“agora é a nação toda de pé para defender as suas Forças Armadas, a fim de que estas continuem a defendê-la dos ataques e das insídias comunistas.”*⁷⁶

O governo dos militares precisariam do apoio ativo da pátria para que pudesse defendê-la. Era a hora da nação mostrar a sua gratidão.

A decretação do Ato Institucional nº5 em dezembro de 1968

Dia 14 de dezembro de 1968. Na primeira página de *O Globo*, a reprodução, na íntegra, do Ato Institucional nº 5. Na página 10, o jornal limitava-se, praticamente, a transcrever a fala do ministro da justiça Gama e Silva, transmitida em cadeia nacional, e a leitura do AI-5 pelo locutor Alberto Curi.

⁷⁴ *O Globo*, 02/04/1964, 1ª página.

⁷⁵ *O Globo*, 02/04/1964, p. 3.

⁷⁶ *Idem*.

Destacava a presença das câmeras da TV *Globo*, no Palácio Laranjeiras, para fornecer a imagem e o som ao video-tape que seria distribuído para as demais televisões do país. Relatava a reunião do Conselho de Segurança e a última sessão do Congresso. Excetuava-se o artigo de Carlos Chagas intitulado, “*Negar a licença foi a última ação da classe parlamentar*”.

O jornal destacou os elementos que levaram ao decreto. Negritou o subtítulo *Subversão*:

“Muitos não quiseram compreender a Revolução, e, pouco a pouco, forças adversas iniciaram um processo de agitação e subversão... A Revolução não podia falhar a seus propósitos. Não podia ser traída.”

Congresso. Outro subtítulo que pretendia confirmar, através das palavras do ministro da justiça, que a “*guerra revolucionária*” e a “*prática de atos subversivos*” atingiram o parlamento nacional, através do comportamento de membros do próprio partido do governo. O AI-5, portanto, vinha defender o povo, combatendo a *subversão* e as ideologias contrárias às suas tradições.

O artigo de Carlos Chagas comentava o esgotamento da capacidade de ação da classe parlamentar, tentando mapear os partidos e as suas facções no episódio da negação da licença para o processo do deputado Márcio Moreira Alves.

Segundo o jornalista, dentro do *partido revolucionário*, os *ortodoxos da Arena*, mesmo sem terem participado da decisão do governo, satisfizeram-se com os resultados e as perspectivas que adviriam de tal atitude. Os *menos ortodoxos* lamentavam mais os acontecimentos, acentuando, porém, que a negativa fora um desafio, uma falha da classe política. Havia também aqueles que “*opuseram-se frontalmente à licença e cerraram fileiras com a oposição*”.

Na oposição, Chagas destacou a corrente daqueles que “*lamentavam sinceramente o ocorrido*”, mas que preferiram “*cair de pé*”, e uma corrente suicida que regozijou-se com o novo Ato. Adepta do “*quanto pior, melhor*”, jogaram na crise.

A ausência de críticas, ou de sinais que as apontassem, revela não somente a censura mas a concordância do periódico com a ação da ditadura, que, no seu discurso, empregou os mesmos jargões utilizados nas crises antecedentes.

A análise de determinados períodos de crise da conjuntura brasileira permitiu-nos concluir que *O Globo* se comportou como um *cruzado da civilização ocidental e cristã*. Como os antigos cavaleiros medievais, o ocidente permanecia de sentinela, numa cruzada mundial para acuar e destruir a encarnação do *Mal*. Neste sentido, a leitura produzida pela publicação procurava difundir a dicotomia entre o *mundo livre*, terreno ocidental e cristianizado, e o comunismo, negação do livre arbítrio e símbolo da dominação atéia. Tal visão acompanhou grande parte da mídia internacional: a União Soviética era vista como um perigo iminente, com os seus desejos de expansão mundial, infiltrando-se nos países para a promoção de um *putsch* comunista.

Por isso, cabia a todos os defensores da liberdade proteger a pátria brasileira, cristã e ocidental, por natureza, contra os ataques do comunismo ateu, difusor de práticas estranhas e contrárias ao pensamento do povo brasileiro.

A partir de 1985, ano da ascensão de Mikhail Gorbatchev ao poder na União Soviética, percebemos uma inversão nos sentidos tradicionalmente produzidos pelo jornal *O Globo* desde a sua fundação. As reformas na URSS subverteram a leitura do periódico. O país que, antes, era concebido como uma ameaça mundial, transformava-se num paradigma para as mudanças no Brasil. Este processo, que inverteu sinais no campo da política e das ideologias, é observado com profundidade nos capítulos seguintes.

*A leitura do jornal O Globo
sobre as reformas na União Soviética*

Perestroika e Glasnost:

um novo alento para o socialismo ou a restauração do capitalismo?

Em outubro de 1985, Mikhail Gorbachev surpreendia o mundo, anunciando o princípio de um processo de reformas que prometia retirar a URSS do atraso e resgatar o fôlego do socialismo: a *perestroika* e a *glasnost*. Celebradas mundialmente como a reestruturação e a transparência ou abertura, elas constituíram-se no eixo fundamental das transformações que o líder soviético intentou realizar no país.

Os objetivos do secretário-geral ancoravam-se numa ofensiva estratégia de marketing que, internamente, buscava mobilizar a sociedade contra as degenerações do regime, e, externamente, arrebatou a simpatia da opinião pública do planeta através da política do desarmamento nuclear e da paz mundial.

Tal ousadia, inédita para os padrões de liderança da URSS, acostumada a produzir, nos últimos tempos, líderes senis, doentes e enigmáticos, surpreendeu a grande imprensa internacional, ainda impregnada pelos dogmas da teoria do totalitarismo e pela bipolarização mundial. Ao mesmo tempo que a novidade conquistava as páginas de jornais e revistas, e as telas dos noticiários, as reformas confundiam as primeiras análises de observadores e jornalistas. O que pensar delas? Apenas uma jogada propagandística, uma maquiagem, ou revelaria uma dimensão muito maior do que estava por vir?

O jornal *O Globo* também concedeu grande destaque ao processo de reformas na União Soviética. Neste capítulo, analisaremos como a leitura produzida pelo periódico sobre a *perestroika* e a *glasnost* correlacionou o sentido das transformações em curso na URSS com a inversão da díade esquerda-direita.

“*De opção a paradigma*”.⁷⁷ A publicação apresentava o olhar do ocidente em relação ao líder soviético e às suas reformas. No começo, constituíam-se numa “*novidade intrigante*”, ainda marcados pela desconfiança. No transcorrer do ano de 1987, consolidaram-se como uma “*novidade fascinante*”, adquirindo uma enorme projeção e popularidade no cenário internacional.

A visão de *O Globo* também acompanhou esta tendência mundial que, inicialmente, recebera com cautela o alcance das reformas na URSS. Nesse período, os editoriais sobre o tema ainda eram muito escassos e os dossiês apareciam com mais frequência nos momentos das reuniões de cúpula entre os dirigentes das duas superpotências.

Até o início de 1987, as páginas do periódico destacavam entrevistas e artigos de observadores internacionais, analisando as dúvidas existentes quanto aos reais objetivos das mudanças que Gorbachev pretendia implementar na URSS. A avaliação predominante guardava prudência em relação às limitações da *perestroika*, ainda restrita, para alguns, a um movimento de substituição de pessoas, e vista como uma “*operação cosmética*”⁷⁸. Muitos também avaliavam que o líder soviético não poderia ir muito longe, pois teria que evitar o problema das facções internas do PCUS. A implantação de uma ordem democrática se limitaria às fronteiras do partido sobre a escolha para a ocupação de postos, e a mobilização por mais democracia era considerada improvável, porque o sistema era muito estável. Os títulos recorrentes trabalhavam com o seguinte tom: “*Gorbachev quer reformas sem mexer no sistema*”.⁷⁹

O clima internacional combinava desconfiança, cautela e fascínio diante de uma novidade inesperada. *O Globo* se comportava de forma menos prudente e mais positiva em relação às reformas, principalmente a partir da formulação da proposta, feita pelo líder soviético no início de 87, que modificava o sistema eleitoral, introduzindo o voto secreto, a pluralidade de candidaturas ao mesmo

⁷⁷ *O Globo*, 04/07/1988. p. 4.

⁷⁸ *O Globo*, 22/02/1987. p. 28.

⁷⁹ *O Globo*, 08/02/1987. p. 31.

posto, além da convocação de uma conferência do PCUS para discutir o aprofundamento das reformas democráticas na URSS.⁸⁰

Apesar de considerar revolucionárias as iniciativas de Gorbachev para aquele país, o jornal ainda trabalhava com a premissa de que o sistema soviético adquirira “*impermeabilidade à evolução*”. Na sua visão, o futuro das reformas dependeria do comportamento da burocracia partidária e da iniciativa de um povo acostumado ao enquadramento pelo planejamento estatal.

No final do ano de 1987, consolidava-se a idéia das reformas na URSS como algo “*inédito e inovador*” na economia soviética.⁸¹ Esta nova ênfase foi interpretada como um tributo à coerência entre democracia política e liberdade econômica, concluindo que a ausência de um sistema democrático seria a consequência direta de um regime fechado e estatizado. Neste sentido, democracia política e liberdade econômica andariam juntas. Além disso, constituiriam-se no par perfeito para o progresso econômico, pois a publicação enfatizava que

*“quanto mais se efetivar a abertura política, tanto mais se distanciará a economia soviética da economia paranóica dos dilúvios de produção, para se aproximar da economia de competição, de produtividade e de real mais-valia do trabalho, ou seja, movida pelo lucro.”*⁸²

A perspectiva defendida pelo jornal, entretanto, parecia esquecer o grande surto de desenvolvimento econômico em países de regimes ditatoriais ou autoritários, como o Chile, a China e os Tigres Asiáticos.

A modernização da economia soviética dependia do capital e da tecnologia do ocidente. Por isso, a “*nova fronteira de Gorbachev*”⁸³ necessitava do rompimento do isolamento do país, diagnosticado por ele mesmo como fator de estagnação que comprometia o futuro de qualquer economia. *O Globo* também

⁸⁰ *O Globo*, 30/ 01/ 1987. p. 4.

⁸¹ *O Globo*, 04/ 11/ 1987. p. 4.

⁸² *Idem*.

⁸³ *Ibid*.

indicava um outro tipo de insulamento: a existência de monopólios e reservas de mercados que justificavam as reiteradas críticas ao marasmo burocrático, à incompetência administrativa e aos baixos níveis de produtividade. Esses também necessitavam ser substituídos pelo “*elemento saneador da competição*”.⁸⁴

Dessa forma, o jornal elogiava a investida de Abel Aganbegyan, chefe da Academia de Ciências da URSS, sobre as duas fronteiras: a abertura do país ao capital externo através de *joint ventures*, até um nível de participação externa de 49%, e o enquadramento das empresas governamentais: ou se autofinanciariam ou desapareceriam.

Muitos autores questionam o chamado isolamento econômico da União Soviética, defendendo que esse país estaria, há muito tempo, envolvido no comércio internacional.⁸⁵ Outros vão mais além, e afirmam que o tipo de socialismo construído na URSS nada mais gerou do que um ramo lateral da modernização burguesa. Depois de atingir o Terceiro Mundo, nos anos 80, o colapso dos *mercados planejados*, no começo dos anos 90, seria apenas uma parte da crise global do sistema produtor de mercadorias, que avançaria em direção aos países capitalistas centrais.⁸⁶

Na leitura de *O Globo*, as medidas adotadas pela *perestroika* crescentemente indicavam uma tendência inequívoca: aproximavam-se de vários pressupostos liberais em contraposição às teses tradicionalmente defendidas pela esquerda. Inicialmente, este enfoque “*inérito e inovador*” fora lido como uma possibilidade de reforma do sistema, revigorando o socialismo. Todavia, com o aprofundamento da crise na URSS, a leitura do jornal retomava, com bastante clareza, a visão de que “*o sistema não (fornecia) base alguma, sequer para uma dinâmica reformista*”.⁸⁷

Dessa forma, o sentido da *perestroika* e da *glasnost* não apontava para o fortalecimento do projeto socialista. Pelo contrário, ele rumava em direção à

⁸⁴ *O Globo*, 04/ 11/ 1987. p. 4.

⁸⁵ **HOBSBAWM**, op. cit., p. 458.

⁸⁶ **KURZ**, Robert. *O colapso da modernização*. 4. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁸⁷ *O Globo*, 15/ 10/ 1989. p. 4.

restauração do capitalismo e da democracia liberal. Este processo influenciou decisivamente a inversão de sinais do binômio esquerda-direita.

No ano de 1989, a situação da União Soviética combinava ingredientes explosivos como o crescimento das lutas nacionalistas, a irrupção de greves, a deterioração das condições de vida do povo soviético e o processo de desintegração do *socialismo real* no Leste europeu. A necessidade de um maior avanço nas reformas econômicas e da introdução imediata da economia de mercado na URSS, como único meio possível de retirá-la do abismo, tornaram-se a tônica dos editoriais da publicação:

*“Se o Estado soviético é tão acanhado em produzir, mesmo que seja açúcar, roupas e café, é hora de comprometer-se com quem, em outras partes, mostrou-se saber fazê-lo tão melhor – com o mercado e sua economia própria.”*⁸⁸

O Globo apontava que a saída para a crise soviética se encontrava dentro da própria equipe de governo, onde se gestava um plano neoliberal cada vez mais explícito e ousado, de autoria de colaboradores próximos do dirigente soviético – Leonid Abalkine, Gavril Popov e Nikolai Chmeliov.⁸⁹

Os autores propunham um receituário muito comum aos anos 80 e 90: privatizações, fim da estabilidade no emprego, aumento dos gêneros alimentícios. Ou seja, um *choque de capitalismo*. Segundo o periódico, tais medidas visavam terminar com a perversão de um consumo irresponsável e desligado do interesse da produção e com uma paradoxal passividade proletária, que se sustentava sobre um mercado de emprego fictício, de salários nivelados e de estabilidade a toda a prova. Afinal, como diziam os neoliberais soviéticos:

*“o risco efetivo de perda do emprego é um ótimo remédio contra a indolência, o alcoolismo e a irresponsabilidade.”*⁹⁰

⁸⁸ *O Globo*, 15/ 10/ 1989. p. 4.

⁸⁹ *O Globo*, 21/ 10/ 1989. p. 4.

⁹⁰ *Ibid.*

Apesar de referir-se ao projeto de Aganbegyan, elaborado em 1987, o jornal não trabalhava com a possibilidade do desenvolvimento de um socialismo de mercado. Nos seus textos, tais termos apareciam de forma antagônica, e, portanto, a adoção de tal dinâmica só poderia ser realizada através da introdução do capitalismo.

Na leitura de *O Globo*, a ofensiva dos grupos *conservadores* tornava dramático o impasse vivido pela União Soviética. O periódico apresentava tais setores como refratários às mudanças que poderiam colocar o país de volta ao caminho do progresso e da modernidade. Eles demarcavam, portanto, um perfil de *direita* porque defendiam a conservação do *status quo*, do atraso e dos velhos privilégios arraigados no modelo do *socialismo real*. A chamada investida *conservadora*, no entanto, não se configurou numa construção arquitetada maquiavelicamente pelo jornal. Na URSS, vários interesses estavam em jogo, principalmente daqueles segmentos que se perpetuavam com a manutenção da engrenagem do sistema. Porém o jornal empregou o termo *conservador* para todas as pessoas e grupos que, por variados motivos, resistiram ao caráter das reformas.

Cada medida adotada refletia as contradições da implantação da economia de mercado e da restauração do capitalismo na URSS. Um desses impasses foi localizado na questão da propriedade privada, que acabou sendo aprovada, de forma mitigada, como uma “*propriedade do cidadão*”.⁹¹ Para o periódico, essa vitória seria vã, pois tal sutileza não possuía qualquer efeito prático diante das proporções da evolução sócio-política do país, que caminhava no sentido das reformas.

Apesar dos obstáculos impostos pela burocracia partidária, na prática, o Estado socialista estaria virando uma “*peça de museu*”, concretizando o que, contraditoriamente, Lênin dissera sobre o desaparecimento do Estado numa sociedade sem classes.

⁹¹ *O Globo*, 08/03/1990. p. 4.

A proposta, contudo, desnudava algumas *verdades* na URSS: a expressão afirmava que a propriedade não se encontrava exclusivamente no Estado, mas originava-se no povo. Também insinuava que a economia de Estado era aviltante, porque não permitia o desabrochar do cidadão.⁹² Sobre a primeira *verdade*, é interessante constatar que a mesma publicação que condenava as invasões de terra, defendia o princípio de que a propriedade se originava do povo .

A necessidade de pôr fim ao gradualismo e às contradições na implementação do sistema de mercado na União Soviética foi novamente analisada no editorial que tratava da publicação do pacote de 30 leis e decretos a ser votado pelo Soviete Supremo. Sob o título, “*O único futuro da URSS*”⁹³, *O Globo* assinalava que, sem tais medidas, o líder soviético ficaria a reboque dos países da Europa oriental, já definidos pela economia de mercado, e não teria meios políticos para sustar a reação em cadeia dos nacionalismos das diversas repúblicas.

Portanto, o periódico indicava a saída da crise: um choque de realidade traumático⁹⁴, pois era necessário um plano econômico que desmontasse todo o arcabouço no qual se estruturava o regime, e que produziria custos sociais altíssimos. Qualquer outra via redundaria na instalação do caos completo.

A partir de 1990, vários editoriais enfatizaram o crescente descontentamento da população soviética em relação ao alcance das mudanças econômicas. Nos primeiros anos da *perestroika*, as críticas aos resistentes às reformas eram concentradas na chamada *burocracia partidária e estatal*, e o povo era visto como um escravo sendo libertado dos grilhões do socialismo. Com o acirramento da crise, o jornal também incorporou às suas críticas aqueles trabalhadores que resistiam aos planos econômicos, pois estes ainda estariam imbuídos de mitos como o pleno emprego, e não estariam dispostos a abrirem mão dos seus privilégios.

⁹² *O Globo*, 08/ 03/ 1990. p. 4.

⁹³ *Ibid.*

⁹⁴ *O Globo*, 06/ 09/ 1990. p. 6.

Neste sentido, a reação ao novo choque econômico não se limitava apenas aos *burocratas*, contaminando também os trabalhadores, ainda apegados ao “*mito confortável do Estado soviético*” que a transição para a economia de mercado ameaçava:

“o mito do salário e do emprego, garantidos mesmo se as empresas estatais não produzem ou se encontram em falência não declarada. Um mito que desmoraliza a alardeada identidade da classe trabalhadora sob um regime socialista.”⁹⁵

Ou seja, os trabalhadores, que reagiam ao choque econômico liberalizante, apareceram como *cúmplices* dos *burocratas*. Eles encarnavam os negligentes e absenteístas que fizeram a ruína da URSS. Pois, aqueles comprometidos com a *perestroika* estavam prontos para carregar o fardo das reformas. Se até a ambição ao pleno emprego era vista como um vício, restava-lhes aceitar e introjetar as novas mudanças, mesmo que elas desestruturassem completamente as suas vidas.

Para *O Globo*, o plebiscito que decidiria a introdução da economia de mercado na URSS não se localizava nos marcos de uma continuidade, mas num ponto de ruptura levado a cabo pela *perestroika*. O “*convite à ruptura*”⁹⁶ mergulharia o país num mundo desconhecido, que se abriria para uma sociedade habituada à tutela estatal. Todavia, na hora da decisão, os cidadãos soviéticos, incentivados pela *burocracia*, poderiam ver na liberalização apenas o que o centralismo mascarava, perdendo as esperanças na *perestroika*, “*numa fuga para trás – longe da realidade e do progresso*”.⁹⁷

Inspirando-se na declaração de Fedor Burlatsky, parlamentar soviético e presidente da Comissão de Direitos Humanos do Soviete Supremo, em visita ao Brasil, a publicação sentenciava que a abertura da URSS para a economia de mercado teria de se conformar numa “*transição para a civilização moderna*”.⁹⁸

⁹⁵ *O Globo*, 16/ 04/ 1990. p. 4.

⁹⁶ *Ibid*

⁹⁷ *Ibid*.

⁹⁸ *O Globo*, 04/ 10/ 1990. p. 6.

Segundo o deputado, apesar de bastante instruídos, os soviéticos não eram muito civilizados. Esta pouca civilidade não se explicava apenas pelas características da estrutura do seu próprio sistema – propriedade estatal dos meios de produção, caráter hegemônico do PCUS e controle ideológico marxista-leninista – , mas remontava, principalmente, ao atraso e às piores tradições da cultura política russa, com as quais o estalinismo vivera em simbiose. Logo, o socialismo soviético seria a expressão de um messianismo provinciano:

*“Atraso que foi o castigo do isolacionismo e da vã pretensão de fundar uma nova civilização – criar a Terceira Roma (...), modelo para todos os eslavos e – quem sabe? – para o resto do mundo.”*⁹⁹

A civilização moderna, logicamente, era a sociedade capitalista e seus ideais liberais, base de uma sociedade aberta, que foram trabalhados pelo jornal como uma característica intrínseca e natural ao desenvolvimento das formações sociais.

No ano de 1991, a abertura irrestrita da URSS ao ingresso de capitais externos tornou-se uma das novidades abordadas por *O Globo*. Apesar dessa política ter sido aventada, de forma ainda limitada, desde 87, ela era uma realidade muito distante na economia soviética. Segundo o jornal, “*A URSS (abriu) os olhos*”¹⁰⁰, e deixou de lado a sua economia social de mercado, para entrar, sem meias palavras, numa economia de mercado que lhe possibilitasse disputar com os outros países do Leste europeu, detentores de uma economia liberada. Neste sentido, as autoridades soviéticas decidiram retirar todos os obstáculos aos investimentos privados, aos quais seriam concedidas amplas garantias e estímulos fiscais.

Essa medida, apoiada maciçamente pelo Soviete Supremo na primeira votação, foi lida como uma “*opção histórica*”.¹⁰¹ A sua condição de marco

⁹⁹ *O Globo*, 04/ 10/ 1990. p. 6.

¹⁰⁰ *O Globo*, 01/ 06/ 1991. p. 6.

¹⁰¹ *O Globo*, 22/ 06/ 1991. p. 6.

histórico relacionava-se à ruptura com 70 anos de concepções dogmáticas e estigmatização do capitalismo que, segundo o periódico,

*“deixava de ser o maior inimigo da Humanidade para receber nos domínios originais do marxismo-leninismo o tratamento de hóspede e parceiro privilegiado.”*¹⁰²

Essa medida também expressava uma vitória da *perestroika*, pois, apesar dos acidentes de percurso, ela conseguira implantar

*“na esfera interna do poder e na consciência pública o entendimento de que sem ajuda de recursos de fora, e sem o dinamismo da empresa capitalista, a estagnação e a desintegração do modelo econômico soviético só poderiam piorar de perspectivas.”*¹⁰³

Adoção da economia de mercado e da propriedade privada, entrada irrestrita de capitais externos, fim dos subsídios e desmantelamento do sistema estatal, dentre outras transformações radicais. Nos seus editoriais, em vez de empregar o termo capitalismo, o periódico utilizava economia de mercado. Mesmo assim, cada avanço da URSS, que ratificasse os pressupostos da economia liberal, era saudado como um vôo que levava o país de volta aos braços do sistema capitalista, lugar do qual, segundo a sua visão, ela nunca deveria ter saído.

Na visão de *O Globo*, a *glasnost* articularia um conjunto de mudanças necessárias para que a *perestroika* fosse capaz de ser efetivada. Sem ela, a reestruturação não alcançaria êxito. Empregando uma tática paciente, Gorbachev necessitava dos “*meios monopolizados no regime soviético pelo sistema*”¹⁰⁴, já que qualquer iniciativa reformista sempre emperrava diante do controle absoluto das decisões pelo partido e pelo executivo:

¹⁰² *O Globo*, 22/ 06/ 1991. p. 6.

¹⁰³ *Idem*

¹⁰⁴ *O Globo*, 04/ 07/ 1988. p.4.

“... Sem um mínimo de reforma política (leia-se: liberalização, abertura), as transformações econômicas terão fôlego curto e fim próximo previsto...”¹⁰⁵

O processo aberto no interior do partido comunista soviético tornava-o palco fundamental na disputa pela evolução ou pelo retrocesso das reformas na URSS. Portanto, a convocação da XIX conferência do PCUS, fato inédito desde 1941, representava um avanço de Gorbachev sobre o sistema, avaliado como o meio essencial para que a *perestroika* se tornasse irreversível.¹⁰⁶ Apesar da dosagem ainda existente entre participação democrática e controle partidário, o jornal apontou o evento como um “*ensaio de democracia*”, devido à sua convocação e à desenvoltura com que se comportaram os numerosos delegados.

A realização de eleições na União Soviética tornou-se um dos temas principais dos editoriais de *O Globo*. Mais do que a abertura do regime e a separação entre partido e Estado, a *glasnost* representava o retorno às práticas da democracia liberal em franca contraposição ao regime dos soviets. As reformas contradiziam os princípios defendidos pelos arautos da esquerda. Elas sinalizavam em sentido contrário, colocando-os na contramão dos processos que se desenvolviam no campo político-social. Esta assertiva corroborava o processo de inversão da díade esquerda-direita.

Neste sentido, as eleições para o Congresso dos Deputados do Povo, realizadas em 1989, configuraram-se como um dos primeiros momentos de concretização desta concepção. Apesar da rigidez do sistema não ter sido quebrada e da manutenção do domínio do partido sobre o legislativo, detentor de uma reserva *biônica* de deputados no Congresso, o PCUS deixava de ser visto como o “*vetor principal das aspirações populares; ou reconhecido como intérprete autêntico dos ideais da revolução*”.¹⁰⁷

¹⁰⁵ *O Globo*, 30/ 05/ 1989. p. 4.

¹⁰⁶ *O Globo*, 04/ 07/ 1988. p. 4.

¹⁰⁷ *O Globo*, 29/ 03/ 1989. p. 4.

As vitórias de Yeltsin, na Rússia, e das frentes populares, nas repúblicas do Báltico, constatavam esta mudança: “*onde a vontade popular pôde se manifestar sem constrangimentos, ela contestou o primado político, até hoje absoluto, do Partido Comunista.*”¹⁰⁸

O significado mais profundo das derrotas do PCUS comprovava que a escolha livre era incompatível com qualquer arrogância doutrinária, e que não se inventara ainda melhor instrumento de revoluções que não fossem as eleições.

Outro importante acontecimento eleitoral na União Soviética ocorreu em meio ao caos econômico que assolava o país. No ano de 1991, ocorreu a primeira eleição para presidente da Rússia, num clima de pouco entusiasmo da população, apesar da grande expectativa de comparecimento às urnas.¹⁰⁹ Mesmo assim, a publicação considerava um “*bom augúrio*”¹¹⁰ o fato dela ter sido realizada de forma verdadeiramente aberta, sem listas elaboradas sob o controle do partido. O processo eleitoral foi lido como uma novidade absoluta do voto não filtrado e da soberania popular efetivamente realizada.

A crise na URSS também colocava a *glasnost* num impasse. A intervenção militar na Lituânia e a troca de assessores *reformistas* por *conservadores* revelavam o crescente dirigismo de Gorbachev, observado, por exemplo, na tentativa de proibição da passeata do movimento *Rússia Democrática*, liderado por Bóris Yeltsin: “*ou as reformas tomam curso oposto ao recebido de seu comando centralizador, ou ele terá que sacrificar a **glasnost**, para não sucumbir a ela.*”¹¹¹

Segundo o jornal, as incertezas quanto ao futuro da política de abertura eram azeitadas pela ameaça de retorno da censura através da suspensão da lei de imprensa, devido à ampla difusão dos acontecimentos ocorridos na Lituânia. Essa lei, aprovada pelo parlamento soviético, no ano de 1990, na prática, não garantia uma situação de liberdade de imprensa nos moldes ocidentais. Ela

¹⁰⁸ *O Globo*, 29/ 03/ 1989. p. 4.

¹⁰⁹ *O Globo*, 11/ 06/ 1991. p. 18.

¹¹⁰ *O Globo*, 13/ 06/ 1991. p. 18.

¹¹¹ *O Globo*, 31/ 03/ 1991. p. 6.

apontava para o fim da censura, mas mantinha o monopólio do governo sobre o abastecimento em papel de imprensa e a obrigação imposta de um registro oficial fornecido pelo mesmo.¹¹²

O Globo avaliava que a *glasnost* era inconcebível sem a liberdade completa dos meios de comunicação, pois a *perestroika* devia muito à imprensa livre que havia surgido a partir de 1985. A tentativa de poupar os velhos quadros do partido deveria ser uma das possíveis motivações para a atitude do líder soviético. Por isso, ou Gorbachev encerraria a *perestroika*, ou estaria, num retorno à prática estalinista, fazendo autocrítica do processo e rumando em direção à transição discreta para o ostracismo.¹¹³

Memória e revisão do marxismo-leninismo

A disputa pela memória dos soviéticos constituiu-se num espaço fundamental de luta em torno da *verdadeira* versão sobre o legado de 1917. No início das reformas, ressaltava-se uma visão que apresentava a política da *perestroika* e da *glasnost* como um possível retorno às origens da revolução de outubro. Neste sentido, as transformações representavam a renovação do socialismo na URSS.

Todavia, a leitura predominante nos grandes meios de comunicação enfatizou a ruptura de tais processos com o legado de 17. Esta perspectiva se consolidou na mesma proporção em que a crise adquiriu contornos dramáticos. O golpe dos *conservadores*, em agosto de 1991, significou o momento crucial da derrota da herança socialista, consumando o seu enterro. Dessa forma, o jornal alçou a concepção marxista-leninista e a revolução russa de 1917, a despeito das próprias avaliações críticas existentes no campo de esquerda, à condição de

¹¹² *O Globo*, 18/ 06/ 1990. p. 6.

¹¹³ *O Globo*, 21/ 01/ 1991. p. 6.

paradigma de uma experiência fracassada, que não poderia mais servir de exemplo em lugar algum.

Nos editoriais de *O Globo*, o marxismo-leninismo fora apresentado como o grande responsável pelas excrescências do sistema, constituindo-se numa teoria que carregava em seu seio todos os vícios e degenerações desenvolvidos nas experiências socialistas dos países do Leste europeu. Conforme relatava o periódico, ele degenerara-se desde cedo. Apesar de ter sido originalmente proposto como forma científica, cristalizara-se, em doutrina, “*em código universal obrigatório de crenças*”.¹¹⁴

Em 1918, a expulsão dos socialistas revolucionários do governo soviético, que haviam vencido os bolcheviques nas eleições do ano anterior, tornara-se o momento primordial de transformação dessa ideologia em um dogma. O marxismo-leninismo tornara-se um “*magistério dogmatizante*”, combinando a idéia de predestinação messiânica – a “*pátria do socialismo*” – com a ortodoxia do partido único. A doutrina perdia-se da revolução que apregoava, pois não haveria revolução onde os agentes fossem destituídos da sua condição de sujeitos e rebaixados à de objetos.

Portanto, o jornal interpretava que o fundamento das reformas iniciadas na União Soviética, no ano de 1985, se chocava com o arcabouço teórico do *socialismo real*, avesso à livre manifestação política. Uma nova visão de mundo somente seria alcançada a partir da ruptura com este legado, pois o socialismo apregoado por Gorbachev, se inspirado efetivamente no humanismo, teria que aceitar os encontros culturais e abjurar os exclusivismos.¹¹⁵

Para a publicação, a notícia da instalação de um tribunal para discutir o fenômeno do estalinismo e o conseqüente julgamento dos seus crimes, além da introdução da História das Religiões como matéria experimental no programa de algumas escolas de Tbilisi, na Geórgia, integravam um movimento amplo de reabilitação dos valores obliterados da própria cultura, e da cultura russa em

¹¹⁴ *O Globo*, 29/ 03/ 1989. p. 4.

¹¹⁵ *O Globo*, 06/ 02/ 1989. p. 4.

primeiro lugar. A redescoberta da religião e do cristianismo reconhecia que a Igreja Ortodoxa russa sobreviveu

*“como manifestação coletiva, certamente a única expressão coletiva independente – e jamais tributária ou mutuária da ideologia implantada em 1917.”*¹¹⁶

Estes movimentos não se conformavam num episódio efêmero ou numa tática oportunista, como aquela atribuída pelo periódico a Stalin durante a 2ª guerra mundial, mas na constatação da busca de uma identidade cultural, dirigida por uma nova visão de mundo.

Neste sentido, o plebiscito que, em 1991, modificou o nome da cidade de Leningrado para São Petersburgo, retornando à sua denominação da época do czarismo, também constituía-se numa reafirmação das suas raízes culturais. Dessa forma, o jornal retirava deste episódio duas conclusões: este evento fora o último tabu a cair na URSS e a população local preferia esquecer a experiência do período leninista, para lembrar-se de Pedro, o grande.¹¹⁷

O Globo ressaltava o processo de ruptura definitiva com os dogmas ideológicos e os estereótipos obsoletos. Diante das oscilações de Gorbachev, o periódico apostava nas posições do dirigente soviético que reafirmavam o abandono do que o jornal definia como *fundamentalismo* – “a recusa da atualização histórica que importaria num juízo crítico sobre o passado e sua herança; em síntese, no revisionismo”.¹¹⁸

A luta de classes e a representação da social-democracia como um socialismo degenerado também deveriam ser abandonados. Estas rejeições criariam algo bem diferente do marxismo-leninismo, pois elas desmistificariam o imperativo histórico do advento do socialismo e da destruição do capitalismo. Além disso, romperia com o seu ingrediente mais repulsivo: a adoção da violência como instância por excelência de ação, em função de sua eficácia, e a

¹¹⁶ *O Globo*, 06/ 02/ 1989. p. 4.

¹¹⁷ *O Globo*, 02/ 10/ 1991. p. 16.

¹¹⁸ *O Globo*, 29/ 03/ 1989. p. 4.

visão de que “o único recurso das massas para melhorar sua situação seria o assalto à Bastilha ou ao Palácio de Inverno”.¹¹⁹

Outros vícios do dogma marxista-leninista também deveriam ser superados, como a reprodução de “*sofismas vulgares*” que considerava os fracassos da URSS derivativos de “*um capitalismo que, por inércia e por hábitos inveterados, não se conseguira ainda erradicar por completo*”¹²⁰, discurso com o qual Gorbachev havia rompido ao apresentar a real situação do país ao mundo.

O Globo também criticava a ignorância do sistema soviético em relação à existência de leis da economia constantes em todos os modos de produção, da comunidade primitiva ao socialismo. As normas, citadas pelo jornal, integram os pressupostos teóricos do liberalismo, e foram naturalizadas como aspectos inerentes às formações sócio-econômicas.

Segundo o periódico, a *lei do lucro* contrapunha-se à uniformização dos salários na URSS, e poderia funcionar como estímulo, incentivo e justa remuneração do trabalho produtivo. Entretanto, numa sociedade capitalista, a maioria dos trabalhadores recebem salários baixos e não auferem lucros. Portanto, a oposição à uniformização dos salários não é o lucro, mas a existência de faixas diferenciadas de remuneração, pois o tipo de lucro ao qual o texto se refere, relaciona-se aos empreendimentos privados.

A *lei da livre concorrência* também foi empregada para questionar a falta de diversidade na oferta de produtos na URSS e o planejamento centralizado. Porém, dinamizar a disputa entre os produtores ou descentralizar a produção não significa, necessariamente, a adoção da livre concorrência nos moldes da economia capitalista, como concluía o jornal.

Na disputa pela memória, a revolução russa de 1917 também sentou-se no banco dos réus. A vaia recebida por Mikhail Gorbachev nas comemorações do 1º de maio de 1990 selava a sentença do povo em relação àquele processo revolucionário: um fracasso. Para *O Globo*, o repúdio a uma revolução

¹¹⁹ *O Globo*, 29/ 07/ 1991. p. 6.

¹²⁰ *O Globo*, 04/ 11/ 1987. p. 4.

comemorada ao longo de 72 anos só poderia possuir dois significados: “*ou (teria) perdido completamente as suas origens, ou (teria) se revelado uma farsa*”.¹²¹

Portanto, o significado simbólico dessa manifestação expressava a rejeição dos soviéticos à herança da revolução de outubro de 1917. As vaias também puniram a cumplicidade de Mikhail Gorbachev com o passado, pois, diante de suas hesitações, o estalinismo já não se conformava mais num perfeito bode expiatório:

*“vaias à ‘ordem revolucionária’, de que o próprio Gorbachov foi um produto, em seu roteiro para a liderança atual. São vaias ao ‘centralismo democrático’; e certamente a menos descabida das manifestações do pluralismo político, cuja legitimidade hoje não mais se discute na União Soviética.”*¹²²

Portanto, a leitura de *O Globo* coadunava-se com uma certa perspectiva histórica que caracterizava o processo vivido na União Soviética como uma *revolução retrospectiva* ou *recuperadora*.¹²³ Segundo Habermas, ao contrário das revoluções clássicas, o processo irrompido a partir de 1985 não procurou constituir uma rede de significações próprias da fundação de um mundo novo, mas definiu-se pela busca de antigos símbolos e resgates de tradições do passado. Neste sentido, o repúdio ao legado de 1917 significava um desejo de recuperar um passado que poderia ter existido, mas fora abortado com a eclosão do movimento de outubro daquele mesmo ano.

Uma colcha de retalhos multiétnica:

A União Soviética e as rebeliões nacionalistas

Os conflitos multiétnicos na URSS adquiriram uma real dimensão no jornal *O Globo* somente em 1988, devido à eclosão dos choques na república

¹²¹ *O Globo*, 07/ 05/ 1990. p. 4.

¹²² *Ibid.*

¹²³ **HABERMAS**, Jünger. Que significa socialismo hoje? Revolução recuperadora e a necessidade de revisão da esquerda. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 30, 43-62, Julho. 1991.

armênia, acompanhando grande parte da imprensa ocidental. Esta tendência expressava uma visão ancorada nas concepções da maioria dos soviétólogos, que negavam toda a possibilidade de evolução interna de um país totalitário.

Segundo Marc Ferro¹²⁴, tais análises não percebiam um fenômeno central na URSS: a autonomia social. A sociedade soviética se autonomizara, e este processo se localizava da mesma forma no domínio das nacionalidades: os fenômenos autônomos relacionados à política ou à vontade dos dirigentes, a quase autonomia de fato de algumas repúblicas em relação ao centro, ao menos em alguns domínios.

Outros autores, como Eric Hobsbawm, explicam a ausência da questão nacional nas abordagens internacionais – uma lacuna existente até mesmo no mais famoso livro de Mikhail Gorbachev¹²⁵ –, afirmando que, anteriormente aos anos oitenta, não ocorrera nenhum sinal de separatismo político sério em parte alguma. E, mesmo antes de 1988, o separatismo só era pensado pelas repúblicas bálticas que expressavam mais uma resposta contra os partidos comunistas locais do que contra o centro.¹²⁶

Entretanto, o livro de Daniel Aarão Reis Filho¹²⁷, dentre outros, nos chama atenção para os *alarmes* soados em várias regiões da URSS, antes mesmo das eleições de março de 1989, um momento chave para o fortalecimento das diversas identidades nacionais: em dezembro de 1986, no Casaquistão, a tentativa de infringir uma certa tradição impondo um russo como primeiro-secretário do partido local gerou cólera em Alma-Ata e o conseqüente recuo do partido. Em junho de 1987, na Letônia, manifestação nacionalista reivindicou o reconhecimento da identidade da república báltica. Em setembro do mesmo ano,

¹²⁴ FERRO, Marc. *Histoire de Russie et d'ailleurs*. Paris: Éditions Balland, 1990.

¹²⁵ GORBATCHEV, Mikhail. *Perestroika. Novas idéias para o meu país e o mundo*. 10. ed., São Paulo, Best Seller, 1987.

¹²⁶ HOBBSAWM, Eric J. op. cit..

¹²⁷ REIS FILHO, Daniel A. *Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 1997. Cap. Tempos de *perestroika* e *glasnost*: reforma e desagregação da URSS.

em Kiev, uma disputa futebolística entre um time local e um russo terminou em batalha campal.

O primeiro editorial dedicado à questão nacional na URSS, intitulado “*A opção de Gorbachev*”¹²⁸, avaliava que a irrupção das rebeliões nacionalistas era o resultado de uma nova hierarquia de valores que liberara as aspirações nacionais reprimidas ou desviadas a partir das reformas em curso no país desde 1985. Tais movimentos repunham no centro da discussão “*o problema da legitimidade na representação das Repúblicas junto à União*”. Dessa forma, a atitude repressiva do secretário-geral foi interpretada como um “*embaçamento*” da *glasnost* e um “*espasmo*” da *perestroika*.

Nesse período, a publicação ainda não apostava no desenvolvimento de um confronto direto de tais movimentos com o poder central. Todavia, destacava a necessidade de prevenção quanto a um *efeito Erevan*¹²⁹, que poderia caminhar para um mesmo alvo: a própria URSS. Por isso, o dirigente soviético colocava-se diante da seguinte opção: ou a sua escolha recairia sobre a afirmação da democracia e a continuidade da *perestroika* ou sobre o retorno à rigidez burocrática, reeditando o estalinismo.

A eclosão das rebeliões nacionalistas na URSS

Com a irrupção dos levantes nacionalistas, em 1988, *O Globo* procurou identificar os motivos e as características destas rebeliões, que possuíam várias origens e particularidades. Nos países bálticos, o cerne de tais movimentos

¹²⁸ *O Globo*, 08/ 04/ 1988. p. 4.

¹²⁹ Em fevereiro de 1988, a questão das nacionalidades na URSS adquiriu enormes proporções. As manifestações em Erevan, capital da Armênia, exigiram a unificação com a região do Alto Karabach, sob a jurisdição da república do Azerbaijão, eclodindo um grande conflito entre armênios e azerbaijanos. O *Efeito Erevan*, termo bastante empregado pelos meios de comunicação na época, referia-se à possibilidade de sucessivas eclosões de diversos conflitos na URSS, de mesma natureza.

concentrava-se na questão histórica, pois constituíam-se em países independentes, que, em 1939, foram anexados militarmente pela URSS após o pacto Molotov-Ribbentrop. Em outras regiões, o desejo de autonomia possuía raízes religiosas, como era o caso da população muçulmana de diversas repúblicas, “*cuja lealdade ao poder central já vinha abalada desde a intervenção militar no Afeganistão*”.¹³⁰

Contudo, a principal motivação para o processo desencadeado nas repúblicas girava em torno da idéia de que a chamada federação soviética fora construída e mantida pela força, através da “*obra do mais deslavado imperialismo*”, de anexações territoriais, de populações e culturas tangidas como gado, ou seja, do exercício explícito de uma ditadura. As rebeliões nacionalistas desnudavam a fantasia da chamada “*unidade proletária*”, que mascarava os vínculos étnicos, religiosos e culturais.¹³¹

Esta concepção, bastante comum nos meios de comunicação, encontra a oposição de autores, como Margot Light.¹³² Ela avalia que a política das autoridades soviéticas alimentava a consciência nacional e, ao mesmo tempo, reprimia as minorias nacionais. Neste sentido, o próprio sistema da URSS consolidou um senso de identidade nacional no interior do país através de medidas como a divisão das regiões baseadas nos limites nacionais, a cooptação de elites locais para representar o governo central, dentre outras.

Segundo o jornal, a insurgência das repúblicas soviéticas também relacionava-se à irracionalidade do centralismo econômico e do sistema de partido hegemônico, que agredia violentamente a autonomia das regiões e a capacidade e inteligência de realização dos vários grupos nacionais e sociais, criando situações absurdas como a falta de pão após uma safra especial de grãos no país.¹³³

¹³⁰ *O Globo*, 19/ 01/ 1990. p. 4.

¹³¹ *O Globo*, 25/ 06/ 1990. p. 4.

¹³² **LIGHT**, Margot. Nacionalismo e identidade na antiga União Soviética. In: **HELLER**, Agnes et al. *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1999. p. 176.

¹³³ *O Globo*, 05/ 11/ 1990. p. 6.

Portanto, as rebeliões nacionalistas foram percebidas pelo jornal essencialmente como uma consequência da abertura política feita pela *perestroika* e pela *glasnost*, que deixaram a nu o artificialismo erigido desde a revolução russa de 1917.

Alguns editoriais estabeleceram certos paralelos entre os nacionalismos emergentes no Leste europeu e aqueles erigidos no final do século XIX e durante o século XX.¹³⁴ Segundo a publicação, a autodeterminação dos povos na URSS não poderia se processar à maneira das afirmações nacionais do século anterior, que arrastaram o mundo a guerras. Isto seria perverso e trágico devido à dimensão do arsenal de guerra existente no país.¹³⁵

A principal crítica de *O Globo*, porém, dirigia-se ao denominado *nacionalismo ideológico*.¹³⁶ Definido apenas pela bipolaridade da Guerra Fria, o jornal julgava-o um movimento pobre de idéias, anacrônico, e que se esgotava na bandeira do antiimperialismo, negando uma das grandes conquistas da civilização: “a afirmação da condição comum do homem, traduzida nas várias Declarações de Direitos dos séculos XVII e XVIII.”¹³⁷

Este tipo de concepção alcançara o seu auge nas lutas anti-colonialistas dos anos 50 e 60. A propaganda ideológica esquerdista teria apagado da memória a constatação de que o nazismo nada mais era do que a exacerbação nacionalista. Por isso, o nacionalismo, num mundo que havia adotado o pluralismo e a convivência pacífica, seria uma excrescência:

*“O confronto de que se alimentou o chamado nacionalismo ideológico foi sempre artificial e é hoje de natureza arcaica.”*¹³⁸

¹³⁴ *O Globo*, 09/ 10/ 1991. p. 6.

¹³⁵ *O Globo*, 27/ 08/ 1991. p. 6.

¹³⁶ *O Globo*, 09/ 10/ 1991. p. 6.

¹³⁷ *Idem*.

¹³⁸ *Ibid*.

Miroslav Hroch relativiza algumas das interpretações de *O Globo* sobre tais movimentos. Ele refuta a tendência corrente que caracteriza como *nacionalistas* os movimentos ocorridos na Europa central e oriental. Ele define o *nacionalismo* – enquanto programa clássico do século XIX – como uma das várias manifestações da consciência nacional, caracterizando os processos existentes no Leste europeu como movimentos nacionais a partir de características próprias desta região, marcada fundamentalmente pela etnicidade.

O autor também destaca a existência de semelhanças e diferenças entre os dois tipos de *nacionalismos*. Diferentemente da perspectiva do periódico, o autor avaliava que os choques correntes não foram o resultado da liberação de *forças irracionais*, longamente suprimidas sob o comunismo.

Mesmo que as metas não fossem naturalmente idênticas as do século XIX, Hroch considera o seu ímpeto geral bastante próximo, pois os seus dois objetivos principais teriam um paralelo no passado: uma demanda democrática, por direitos civis do programa clássico do movimento, e o desejo por independência completa, que se remeteria à insurgência por autonomia étnica no século XIX. Além disso, a necessidade de um corpo de identificação, que assumisse o papel de integrador coletivo num ambiente de insegurança e de ansiedade no momento da desagregação do *socialismo real*, teria construído a imagem personalizada da nação, assim como no século passado.

No século XIX, os conflitos de interesse nacionalmente relevantes emergiram de processos de crescimento econômico e de melhoria social. Entretanto, a tendência dos acontecimentos ocorridos no final do século XX gerou embates abertos contra uma situação de depressão econômica e de declínio social. Por isso, a gama de conflitos no interior do movimento nacional teria sido muito mais ampla do que na época anterior.

A presença da mídia eletrônica como um componente de massificação do sentimento nacional também contribuiu muito para a sua rápida disseminação, sendo uma novidade inexistente no século XIX e de uma abrangência inimaginável.

Se no século XIX, os movimentos nacionais eram a tônica dos movimentos políticos na Europa, os *novos nacionalismos* apareceram num momento em que a idéia de uma integração européia se tornava realidade na parte ocidental do continente, estabelecendo duas tendências opostas na disputa pelo futuro constitucional da Comunidade Européia.

*Aprofundamento da crise nas repúblicas soviéticas,
o Tratado da União e a desagregação da URSS*

Apesar da crítica à ação militar repressiva do governo soviético para conter os levantes nacionalistas na URSS, *O Globo* adotou uma postura bastante cautelosa quanto aos objetivos de tais movimentos. Isto pôde ser verificado no episódio da declaração de independência da Lituânia, em 1990, cuja rebelião contra o poder central se manifestava abertamente.¹³⁹

No editorial “*A Lituânia e o ocidente*”, o jornal justificava a prudência das principais nações ocidentais diante da independência lituana:

*“Se a coerência com os princípios democráticos que regem a conduta das nações líderes do Ocidente lhes exige o endosso à causa da Lituânia, elas temem, por outro lado, que esse endosso seja a senha para uma explosão dos nacionalismos na União Soviética, e que se abortem, assim, os planos de Gorbatchov.”*¹⁴⁰

Portanto, *O Globo* cerrava fileiras com as principais democracias ocidentais que mantinham o seu apoio a Mikhail Gorbachev, e pediam um pouco mais de tempo para que ele pudesse aplicar o seu projeto. Diante da possível eclosão de uma verdadeira guerra civil, o periódico abrandou o discurso que tratava a URSS como uma *prisão de nações*. Ao contrário da propaganda veiculada durante todo o período da Guerra Fria, no momento propício para a destruição do *perigo vermelho*, ele apostou as suas fichas na manutenção do país,

¹³⁹ *O Globo*, 19/ 01/ 1990. p. 4.

¹⁴⁰ *O Globo*, 31/ 03/ 1990. p. 4.

reestruturado a partir de um novo modelo federativo dirigido pelo líder soviético, que não colocasse em risco os avanços obtidos desde a sua aparição.

Dessa forma, o curso da URSS colidia com a experiência desenvolvida na Europa ocidental, que marchava em sentido oposto: partia em direção à derrubada de fronteiras e à conformação de um embrião que poderia germinar uma confederação, apontada como o modelo de institucionalização política e econômica do novo milênio.¹⁴¹

No início de 1991, a Lituânia novamente ocupou a atenção dos editoriais de *O Globo*. Desta vez, através de uma severa crítica à brutal ação militar empreendida pelo governo soviético. Comparando-a ao massacre dos tanques na Praça da Paz Celestial, na China, em 1989, a repressão foi interpretada como “*a usurpação de um espaço político, que a soberania popular tirou da velha guarda do Partido Comunista.*”¹⁴²

Por isso, a tolerância para com essa atitude se configuraria numa derrota da legitimidade e na perda das credenciais da URSS para ingressar numa nova ordem internacional.

Num outro texto, o jornal avaliava os desdobramentos da intervenção na república báltica, destacando a diferença dessa ação com aquelas ocorridas em Budapeste e em Praga, nos anos de 1956 e 1968, respectivamente. Além de uma atitude ambígua, negando a sua participação no incidente, Gorbachev não manteve o aparato militar que invadiu a Lituânia, nem puniu os reponsáveis pelo episódio.¹⁴³

Diante das rebeliões que ameaçavam a integridade da União Soviética, Mikhail Gorbachev propôs a conformação de um novo tratado da União, que redefinisse as relações entre as diversas repúblicas e o poder central. A realização de um plebiscito sobre o tema pretendia ser um passo na direção desse acordo.

¹⁴¹ *O Globo*, 07/ 07/ 1990. p. 17.

¹⁴² *O Globo*, 15/ 01/ 1991. p. 4.

¹⁴³ *O Globo*, 13/ 02/ 1991. p. 6.

A leitura de *O Globo* indicava, entretanto, alguns problemas na consecução do referendo. A pergunta a ser respondida era confusa, o que poderia livrar o governo central de uma derrota politicamente letal.¹⁴⁴ Apesar da vitória, o voto favorável saiu das urnas carregado de ambigüidades, e não traduziu para os soviéticos maioria alguma. Seis repúblicas boicotaram o plebiscito, a Rússia, a Ucrânia e o Uzbequistão acrescentaram, de própria iniciativa, outras questões, e o Cazaquistão alterou completamente as perguntas da consulta.¹⁴⁵

A indefinição da conjuntura soviética também gestou o acordo costurado por Gorbachev quase um mês depois da passeata do movimento *Rússia Democrática*, que o declarou um *cadáver político*. Afastando-se do abismo que ameaçava tragá-lo, o presidente da URSS conquistava o apoio de Yeltsin para um novo plano de emergência.¹⁴⁶

A publicação localizava o progresso crucial dessa medida no fato de que, pela primeira vez, as forças centristas e ultra-esquerdistas se uniram. Além disso, crescia a possibilidade de melhoria nas relações entre o poder central e as repúblicas, pois Gorbachev passava a contar com o apoio de nove. As demais recalcitrantes deixavam de ser encostadas na parede, visto que o líder soviético optava por resolver o problema das nacionalidades através de acordos políticos, rompendo com a tradição da URSS de resolver tudo pela força.

Na visão do periódico, a conclusão *natural* de tais acordos impediria o esfacelamento da URSS, criando um *novo sistema de Estados*:

*“em torno de uma extensão, que continuaria a ser enorme, gravitaria um punhado de pequenas repúblicas que não conseguem prescindir do imenso vizinho em termos de relacionamento comercial e até político. Subsistiria o bloco, mas sem que as suas estruturas repousassem, como agora, numa força bruta que perdeu o sentido.”*¹⁴⁷

¹⁴⁴ *O Globo*, 17/ 03/ 1991. p. 6.

¹⁴⁵ *O Globo*, 31/ 03/ 1991. p. 6.

¹⁴⁶ *O Globo*, 26/ 04/ 1991. p. 6.

¹⁴⁷ *Idem*.

O golpe de agosto e a jornada cívica do povo soviético

O golpe desferido por setores do PCUS, no dia 19 de agosto de 1991, foi interpretado por *O Globo* como a pedra de toque que acelerou o processo de independência das repúblicas, selando a morte do comunismo e da União Soviética.

Para o jornal, o *putsch* não chegou a se configurar numa surpresa para os especialistas. O golpe fora desfechado na véspera da assinatura do Tratado da União, demonstrando que “*a preocupação com o destino do império foi a gota d’água que decidiu o destino de Gorbatchov*”.¹⁴⁸ Os novos dirigentes deixavam à mostra a fraqueza do seu projeto político, de caráter eminentemente retrógrado. Para realizar o seu intento, entretanto, os “*novos senhores*” teriam que esmagar as resistências, abrindo a possibilidade de uma guerra civil destruidora no país.¹⁴⁹

Segundo o periódico, a aposta do líder soviético havia sido muito alta e, parafraseando Tocqueville, observava que

*“só a mais consumada arte política pode permitir
que um rei salve o seu trono quando, depois de um
longo período de opressão, ele começa a melhorar a
sorte dos seus súditos.”*¹⁵⁰

Gorbachev liberara os corações e mentes do povo soviético através da *perestroika* e da *glasnost*. Contudo, a realidade apontava a existência de um sistema antigo que desmantelava as novas ordens, não conseguindo ser substituído por um sistema novo. Portanto, a sensação de caos havia armado o braço dos *conservadores*, emergindo a voz da “*Rússia do fundo dos tempos*”.

Na perspectiva de *O Globo*, os *golpistas* representavam a encarnação da “*velha Rússia*”, que derrotava, num primeiro momento, a “*nova Rússia*” de Gorbachev e Yeltsin. O manifesto do Comitê de Emergência poderia ser um texto de Ivã, o Terrível, ou de Pedro, o Grande:

¹⁴⁸ *O Globo*, 21/ 08/ 1991. p. 6.

¹⁴⁹ *Ibid.*

¹⁵⁰ *Ibid.*

*“É o retrato de uma Rússia imemorial, estática, defendida contra o mundo exterior, defendida de si mesma pela intervenção permanente de um Estado que tanto dá a recompensa como o castigo.”*¹⁵¹

No quadro das relações internacionais, o jornal ressaltava que o golpe não revertera a fraqueza relativa da URSS, mas o Kremlin ainda dispunha de considerável poder de perturbação. Mesmo assim, existia o perigo do retrocesso em Moscou projetar-se para além das suas fronteiras, inquietando, por exemplo, os poloneses que possuíam em seu território um contingente de 50 mil soldados russos.

A vitória sobre o golpe foi traduzida, em imagens e em palavras, como o grande momento da mobilização democrática do povo soviético. Uma jornada cívica. Vencia a *perestroika*, que estava mais viva do que nunca.

A resistência popular ao *putsch* havia dirimido as dúvidas de que os russos pudessem, no curto espaço de tempo da sua experiência democrática, proceder daquela forma. Uma visão pessimista acreditava que

*“irritados com as dificuldades do dia-a-dia, os cidadãos, em sua maioria, concordariam com o retorno de alguma espécie de ‘ordem’ que promettesse um mínimo de normalidade – isto é, pão nas prateleiras, sobretudo nos meses infundáveis de inverno.”*¹⁵²

Impulsionados pelos novos valores construídos a partir da *glasnost*, pela informação constante e pelo confronto permanente, os cidadãos, cômicos de seus direitos e de seu poder, ergueram-se contra os tanques dos *golpistas*, impondo-lhes a retirada, sobretudo moral. Dessa forma, o povo *“pela primeira vez na história da nação russa, declarou-se dono de seu destino”*.¹⁵³

A força desta expressão revela a visão do jornal sobre a revolução russa de outubro de 1917: uma *tomada de assalto ao poder*, orquestrada pelos

¹⁵¹ *O Globo*, 20/ 08/ 1991. p. 6.

¹⁵² *O Globo*, 23/ 08/ 1991. p. 6.

¹⁵³ *O Globo*, 22/ 08/ 1991. 1ª página.

bolcheviques, *manipulando* a vontade popular. Por isso, os objetivos da revolução de agosto de 1991 eram diametralmente opostos àqueles sustentados em outubro de 1917. O *putsch* havia aberto um caminho definitivo para o enterro dos antigos baluartes do mundo soviético e para a instauração do capitalismo e da democracia ocidental.

O festejo de grande parte da mídia internacional, comemorando a grande jornada cívica do povo soviético, entretanto, conta com uma leitura relativizada de alguns estudiosos do tema. Na visão do historiador Daniel A. Reis, a população encontrava-se fatigada com a sucessão de crises por que passava a URSS. O pouco entusiasmo demonstrado na primeira eleição presidencial da Federação Russa atestava o evidente sinal de cansaço, e até mesmo de ceticismo, quanto às expectativas de resolução, num curto prazo, dos graves problemas do país.

Portanto, a resistência ao golpe, comandada por Boris Yeltsin, havia empolgado pouca gente, e “*a maioria da população olhou de longe aquele tumulto*”. O fracasso retumbante do golpe deveu-se mais à sua fraqueza do que à força dos opositores.¹⁵⁴

O golpe abortado manifestava a inconsistência da organização federativa da URSS, “*uma realidade sempre negada pela centralização política*”. A liquidação do PCUS levava o jornal a indagar-se sobre o destino de Gorbachev e da própria União Soviética:

*“o que será da Presidência de que Gorbachov continua ainda titular; e o que será sobretudo da Federação soviética, que é a razão de ser do cargo de Presidente da URSS?”*¹⁵⁵

Na leitura de *O Globo*, o destino do arsenal militar soviético constituiu-se num importante problema do processo de desagregação da URSS, pois a chamada *linha-dura* ou qualquer aventureiro instalado numa das repúblicas

¹⁵⁴ REIS, op. cit., p. 266.

¹⁵⁵ *O Globo*, 27/ 08/ 1991. p. 6.

poderiam controlar o poder atômico do país. A hipótese de uma guerra civil também não descartava a possibilidade de que as repúblicas empregassem armamentos nucleares nos seus conflitos.¹⁵⁶

Além disso, a maioria das repúblicas não era auto-suficiente, nem possuía condições de integrar-se ao mercado livre ocidental com seus altos níveis de competitividade. Neste caso, as nacionalidades menores acabariam se tornando caudatárias das maiores:

*“isto é, em vez de prestar vassalagem a uma ideologia, terão de fazê-lo a vizinhos que disponham de poder de pressão — o que pode ser um eufemismo para o renascimento triunfal do nacionalismo russo.”*¹⁵⁷

Nos editoriais do jornal, os momentos posteriores ao golpe de agosto retomavam com vitalidade inédita a questão do Tratado da União. O ímpeto centrífugo das nacionalidades era alimentado pelas lembranças da integração violenta e pelo desejo de revanche, impulsionando-as à secessão para que ficassem menos vulneráveis a novas tentativas de retorno dos *golpistas*.¹⁵⁸

Neste cenário, o periódico considerava fundamental a existência de um poder central. Mikhail Gorbatchev poderia assumir a função de um árbitro, um poder moderador que contivesse os excessos dos nacionalismos, impedindo que o país se transformasse numa imensa Iugoslávia.¹⁵⁹

Como se observa, Gorbatchev não foi o único que resistiu a reconhecer o fim da União Soviética. Após o golpe de agosto, *O Globo* ainda comentava a necessidade e a possibilidade de um novo papel para o dirigente soviético, assim como aventava uma suposta vitalidade do Tratado da União ao mesmo tempo em que as repúblicas sucessivamente declaravam independência.

Na publicação, dois momentos selaram a dissolução da União Soviética. A declaração de independência da Ucrânia – que não aderira à assinatura do

¹⁵⁶ *O Globo*, 28/ 08/ 1991. p. 6.

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ *O Globo*, 01/ 09/ 1991. p. 6.

¹⁵⁹ *Ibid.*

Tratado da União – levava o movimento de desintegração da URSS a um ponto sem retorno, questionando a raiz desse império, pois Kiev, capital ucraniana, foi o berço do império russo. Este acontecimento implodia os esforços de Gorbachev para criar uma nova federação.¹⁶⁰

O texto “*O óbito atestado*”¹⁶¹ demarcava a morte definitiva da URSS, após a declaração conjunta feita pela Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia. O núcleo eslavo extinguiu o Estado multinacional, que, a partir dele, se constituía no período czarista, mantendo-se coeso mesmo com a revolução russa de 1917. Para o periódico, essa atitude não estava somente desfazendo a unidade forjada por Lênin através da máquina do partido-Estado, em 1923. Ela representava a desautorização do Tratado da União e a rejeição da idéia de um poder central.

O comunicado, entretanto, não foi interpretado como um fato novo, pois ele era apenas “*o reconhecimento oficial, a homologação do processo que a perestroika desencadeou; e que o golpe de agosto tornou irreversível.*”¹⁶²

O nacionalismo russo e o papel da Rússia na desintegração

Após o golpe de agosto na URSS, *O Globo* assinalava o *renascimento triunfal* do nacionalismo russo, que, liberto de qualquer instância supranacional, exacerbava os seus objetivos *hegemonistas* na região, atemorizando as repúblicas não-russas.¹⁶³

Esta pretensão era indicada através da ameaça de revisão das fronteiras, proferida por Boris Yeltsin.¹⁶⁴ Além disso, a presença de um significativo contingente populacional russo espalhado pelas repúblicas, devido à política estaliniana de transferência de populações, representava um perigo concreto para novos conflitos étnicos.¹⁶⁵

¹⁶⁰ *O Globo*, 04/ 12/ 1991. p. 6.

¹⁶¹ *O Globo*, 10/ 12/ 1991. p. 6.

¹⁶² *Idem*.

¹⁶³ *O Globo*, 01/ 09/ 1991. p. 6.

¹⁶⁴ *O Globo*, 27/ 08/ 1991. p. 18.

¹⁶⁵ *O Globo*, 13/ 12/ 1991. p. 6.

Segundo o jornal, o presidente da Federação Russa havia “*freiado os ímpetos separatistas*” diante da possibilidade de seu país se tornar uma nova referência para o império despedaçado.¹⁶⁶ Dessa forma, o editorial intitulado “*Bumerangue*” revelava a nova situação de Yeltsin que, após liderar o mesmo processo na URSS, tentava impedir a emancipação da república da Chechênia.¹⁶⁷

A abordagem de Margot Light confirma algumas interpretações propostas por *O Globo* sobre o nacionalismo russo. Segundo a autora, a maior parte dos cidadãos não-russos aclamaram a destruição simultânea de dois impérios, o soviético e o russo.¹⁶⁸ Estes fatos relacionavam-se à preponderância da Rússia no governo soviético e no aparato do partido comunista, conforme destacava um dos editoriais:

*“A verdade é que Moscou sempre se comportou como capital imperial ao estilo antigo. Em mais de um sentido, tudo existia para servir a Moscou; para lá iam os melhores produtos, as melhores cabeças (ou, pelo menos, as maiores ambições)...”*¹⁶⁹

Os russos, em contrapartida, aclamaram apenas o colapso da URSS. Muitos cidadãos acreditavam que a Rússia foi explorada pela União Soviética, e que eles haviam sofrido desproporcionalmente sob o estalinismo. Quanto ao imperialismo russo, consideravam um fenômeno benigno e de caráter civilizatório, e por isso lastimaram o desaparecimento do império que havia precedido a URSS. Neste sentido, o periódico estampou a declaração de Yeltsin diante dos primeiros resultados positivos que indicavam a sua vitória: “*Rússia não será mais humilhada*”.¹⁷⁰

¹⁶⁶ *O Globo*, 08/ 09/ 1991. p. 44.

¹⁶⁷ *O Globo*, 15/ 11/ 1991. p. 6.

¹⁶⁸ **LIGHT**, op. cit., p. 173.

¹⁶⁹ *O Globo*, 04/ 12/ 1991. p. 6.

¹⁷⁰ *O Globo*, 13/ 06/ 1991. p. 18.

O Globo e a Nova Ordem Mundial

Nos primeiros anos de governo de Mikhail Gorbatchev, o clima da Guerra Fria demarcava a leitura de *O Globo* referente à diplomacia entre as duas superpotências mundiais. Até o estabelecimento de uma série de reuniões de cúpula entre os líderes dos EUA e da URSS, inaugurada com a conferência de Reykjavik, na Islândia, em 1986, o jornal reservava espaços consideráveis para temas *clássicos* das relações internacionais do pós-guerra, como a questão da espionagem internacional.

O “*Caso Daniloff*”, a prisão do jornalista norte-americano Nicholas Daniloff pelos soviéticos, acusado de espionagem naquele país, foi fartamente noticiado pelo periódico: “*Na técnica do interrogatório, a tortura de Daniloff*”.¹⁷¹

Esse ato foi considerado uma represália da URSS à prisão de um funcionário soviético nos Estados Unidos, acusado de haver cometido o mesmo delito, gerando um impasse na realização da conferência de Reykjavik, no final do ano de 1986, superado após a libertação dos dois protagonistas.

O chamado *expansionismo soviético* também configurou-se numa temática abordada por *O Globo*. No editorial dedicado às relações entre EUA e URSS, no ano de 1986, o jornal destacava o informe do *Pravda*, anunciando o batizado de uma criança húngara, nomeada Raisa Nancy, cujos pais homenageavam as primeiras-damas dos presidentes da duas superpotências mundiais, num comovente gesto de preocupação com a paz.

O texto assinalava, principalmente, o significado das declarações de Mikhail Gorbatchev e Ronald Reagan pela televisão, no final do ano de 1985, garantindo a continuidade dos esforços em prol de uma convivência pacífica no planeta. Para a publicação, era preciso muito mais do que simbologia, retórica e manifestações de boa vontade para que a paz se configurasse como possibilidade

¹⁷¹ *O Globo*, 06/ 10/ 1986. p. 12 e 13.

real. Era necessário resolver os diversos conflitos localizados em diferentes continentes.¹⁷²

Apesar das duas superpotências estarem envolvidas em diversos confrontos regionais desde o pós-guerra, *O Globo* imputava a maior responsabilidade por tais conflitos ao *urso vermelho* devido às suas intenções expansionistas, que não deixavam dissipar a desconfiança, dificultando o entendimento em torno de um processo de convivência pacífica:

*“A invasão e ocupação do Afeganistão, que perdura há seis anos, é um eloqüente atestado das intenções do expansionismo soviético, que esmagou uma independência nacional para preservar um governo que não contava e não conta com o apoio do povo afegão.”*¹⁷³

Dessa forma, o mesmo editorial interpretava as ações de Cuba em Angola como uma prova da tática de extensão do domínio soviético à região do sul da África. Portanto “*O caminho da paz*” dependia de uma mudança de atitude da URSS no contexto mundial.

Outro tema importante nas relações entre EUA e URSS naquele período foi o episódio da explosão do reator nuclear de Chernobyl. *O Globo* apontava a contradição do discurso soviético: ao mesmo tempo que se postulava como “*campeã do desarmamento atômico*”, tornava-se o centro das preocupações mundiais com o desastre da usina nuclear de Chernobyl, cujos efeitos eram comparados a um ato de guerra nuclear.¹⁷⁴

A crítica do jornal à URSS concentrava-se nos seguintes aspectos: o país não soubera administrar o uso da energia atômica para fins pacíficos, gerando conseqüências de grande magnitude na economia e na saúde das pessoas. Além disso, o sistema de segurança de Chernobyl era insuficiente e muito aquém da tecnologia ocidental.

¹⁷² *O Globo*, 06/ 01/ 1986. p. 4.

¹⁷³ *Idem*.

¹⁷⁴ *O Globo*, 12/ 05/ 1986. p. 4.

O mais imperdoável, contudo, tornou-se a omissão do acidente por parte das autoridades soviéticas que o esconderam, durante dias, assim como as suas gravíssimas implicações de abrangência universal. O desastre abalava a confiabilidade do uso pacífico da energia nuclear em todo o mundo.

Neste sentido, deduzimos que, apesar dos discursos, *O Globo* ainda não considerava a URSS confiável para um regime de coabitação e cooperação, pois na ausência de mecanismos legais que obrigassem a divulgação da ocorrência de acidentes em suas usinas nucleares, aquele país também pretendia isentar-se da sua “*obrigação moral e humanitária*”.¹⁷⁵

Apesar dos contratemplos, as reuniões de cúpula realizadas entre os líderes soviético e norte-americano apresentaram-se como o momento fundamental de soerguimento de uma nova ordenação mundial. Elas foram lidas como uma evolução gradual na qual as *posições de força*, como pressuposto das negociações, cederiam espaço a uma política externa baseada na coexistência pacífica.

A questão do desarmamento nuclear configurou-se no principal assunto dos encontros entre os dois líderes, acompanhados, com grande destaque, por *O Globo* desde a primeira conferência, na Islândia, em 1986.

“*As primeiras esperanças*”.¹⁷⁶ Neste editorial, o jornal analisava o primeiro passo rumo ao desarmamento nuclear, após a primeira conferência entre Reagan e Gorbachev. Ao fracasso do encontro de cúpula, encerrado sem nenhum plano de desarmamento, seguiu-se a proposta soviética de redução dos mísseis de médio alcance, apoiada pelos EUA, gerando uma novidade no quadro internacional.

Uma combinação de circunstâncias havia possibilitado o acordo entre Washington e Moscou. No lado soviético, a *glasnost* possibilitava um avanço no campo diplomático. Nos EUA, as revelações da comissão Tower sobre a venda clandestina de armas ao Irã deixava o presidente norte-americano numa posição

¹⁷⁵ *O Globo*, 12/ 05/ 1986. p. 4.

¹⁷⁶ *O Globo*, 09/ 03/ 1987. p. 4.

bastante debilitada. Neste sentido, o acordo sobre desarmamento afastaria um pouco da cena o escândalo, permitindo que Reagan terminasse o mandato com um importante acordo histórico.

Dessa forma, *O Globo* imputava ao acordo um significado mais profundo do que o alcance de sua resolução:

*“isolado de seu contexto político seria um acerto de pretensões bastante modestas, que só por exagero ou por otimismo ingênuo se chamaria de acordo de desarmamento.”*¹⁷⁷

Ele foi interpretado como um “ensaio”. Constituíra-se numa “quebra de ritmo” na escalada da corrida armamentista entre as duas superpotências, abrindo perspectivas alentadoras, pois

*“mostraria uma revisão possível do conceito estratégico que os dois mundos mantiveram praticamente inalterado desde os primórdios da Guerra Fria.”*¹⁷⁸

O acordo também revelava a mútua disposição entre as potências de reduzir o ímpeto da corrida armamentista, o que poderia se configurar num prelúdio de negociações mais amplas para os próximos encontros.

A reunião de cúpula, em Washington, em dezembro de 1987, o segundo encontro de uma série, representava a determinação dos líderes das superpotências produzirem “*atos novos no quadro das relações internacionais*”. Neste sentido, os acordos sobre o desarmamento nuclear significaram um desmonte da “*peça de propaganda ideológica e parte importante do marketing político conduzido por ambos os lados*” :

*“na disputa pela hegemonia travada entre os dois sistemas, constantemente alimentada e acirrada, a demonstração de poder unia a capacidade de produzir a de destruir, com a naturalidade de quem virasse os dois lados de uma moeda.”*¹⁷⁹

¹⁷⁷ *O Globo*, 22/ 09/ 1987. p. 4.

¹⁷⁸ *Idem*.

¹⁷⁹ *O Globo*, 08/ 12/ 1987. p. 4.

Os encontros de cúpula entre EUA e URSS, portanto, significavam um “*diálogo entre sistemas*”. Os acordos de desarmamento e o degelo político se conformaram numa linguagem metafórica de um consenso maior em torno de valores fundamentais da civilização.

Neste sentido, a reunião de cúpula, em Moscou, no ano de 1988, selou o diálogo entre os dois sistemas. Este encontro interessava ao mundo inteiro, pois dele dependia “*a consistência e a eficácia de um quadro indispensável, na atualidade, às relações entre os Estados soberanos*”.¹⁸⁰

Segundo o periódico, ao discutirem o desarmamento entre ambos, Reagan e Gorbachev tinham como alvo o sistema internacional, calcado na formação de blocos, desde o pós-guerra. Por isso, o encontro em Moscou adquiria um peso simbólico: indicava o esgotamento da Guerra Fria e a remoção dos obstáculos para a base de um sistema internacional confiável.¹⁸¹

O Globo apresentava, no primeiro dia de 1989, um editorial referente ao sistema internacional. Sob o título de “*O último ano do pós-guerra?*”¹⁸², o jornal interpretava 1988 como o último ano da Guerra Fria, um período propositadamente ambíguo, visto que o mundo político surgido das cinzas da 2ª guerra não se conformara num mundo de convergências, ainda que mínimas:

“*à diferença da Primeira, a Segunda guerra Mundial não terminou, em 1945, com uma conferência de paz. Houve negociação entre hegemonias concorrentes, houve uma barganha entre os vencedores...*”¹⁸³

O ano de 1988 havia constituído uma “*bela folha de serviços à causa da paz mundial*”, principalmente no que dizia respeito aos conflitos localizados, onde importantes acordos foram obtidos. Para o jornal, a paz bélica era o prelúdio da paz do desenvolvimento econômico e social. Nesta perspectiva, o pós-guerra

¹⁸⁰ *O Globo*, 29/ 05/ 1988. p. 4.

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² *O Globo*, 01/ 01/ 1989. p. 4.

¹⁸³ *Ibid.*

seria definitivamente encerrado, quando fossem reduzidos os riscos das guerras latentes das grandes desigualdades do mundo.

Se 1988 foi anunciado como o ano do esgotamento da Guerra Fria, 1989 conformou-se numa época de derrocada definitiva do equilíbrio europeu erigido no pós-guerra, anunciando uma *nova ordem mundial*.

O Globo conferia um sentido especial ao desmantelamento do *socialismo real* na Europa: o Leste europeu, surgido da Guerra Fria, estava desaparecendo, e com ele aquela Europa central que havia sido arrebatada do ocidente pela compulsão hegemônica e pelos sonhos imperiais do comunismo.¹⁸⁴ O *efeito dominó* que atingira o bloco socialista expressava a falência de um sistema, cujos dirigentes foram substituídos por antigos adversários do regime comunista.

Encerrando 1989, a publicação destacava que o encontro entre George Bush e Mikhail Gorbachev, em Malta, terminava com uma só expressão na fala de ambos: *nova era*. Esse novo momento era lido como uma alternativa animadora para a formação das áreas de influência que vigoraram desde o pós-guerra:

*“a divisão do mundo em blocos político-ideológicos, ao preço de adesões pouco críticas e quase compulsórias e de lealdades obtidas através de processos eticamente discutíveis.”*¹⁸⁵

Contudo, esta *nova era* não podia ser configurada apenas por definições negativas, conforme acenava o discurso de Gorbachev. Ela necessitava ser mais do que um acordo na área bélica:

*“É preciso que os grandes se apercebam de um descaso quase crônico pela autodeterminação dos pequenos; que atinem com a insensibilidade com que outrora se dispôs de outrem – vale dizer, de soberanias nacionais – nas conferências ditas de cúpulas.”*¹⁸⁶

¹⁸⁴ *O Globo*, 15/ 10/ 1989. p. 4.

¹⁸⁵ *O Globo*, 05/ 12/ 1989. p. 4.

¹⁸⁶ *Ibid.*

A Europa que se punha em movimento, derrubando o *socialismo real*, conformava-se no exemplo da autodeterminação usurpada no pós-guerra, a quem os *grandes* teriam uma dívida a pagar. Neste sentido, a *nova era* teria de significar o renascimento de uma Europa que a Guerra Fria havia obliterado: “*as vítimas da Guerra Fria estão à espera das reparações e dos planos*”.¹⁸⁷

Os editoriais de *O Globo*, escritos no final dos anos oitenta, oferecem-nos uma interpretação que modifica a sua análise histórica sobre as relações internacionais do pós-guerra, delimitadas pela bipolaridade entre Estados Unidos e União Soviética.

A primeira mudança consiste no tratamento dado às duas superpotências: elas se conformariam em “*dois lados de uma moeda*”.¹⁸⁸ Portanto, partilhavam das mesmas responsabilidades sobre os destinos do mundo. O periódico também enfatizava o descaso dos *Grandes*, compreendidos como os líderes dos dois blocos, quanto à autodeterminação e à soberania dos *pequenos*, além de uma crítica ao processo de adesões e de lealdades compulsórias obtidas no período da Guerra Fria.

Neste sentido, o jornal rompia com uma leitura tradicional, ainda presente nos anos de 85 e 86, demarcada pela visão que imputava a responsabilidade da bipolarização mundial e dos conflitos regionais aos objetivos expansionistas da URSS.

A conjuntura internacional do período logo após a queda do Muro de Berlim foi assinalada por três acontecimentos marcantes: a reunificação alemã, a Guerra do Golfo e os conflitos nacionalistas na Iugoslávia.

A leitura de *O Globo* interpretou a reunificação alemã como “*o desmonte da principal peça do sistema de paz armada na Conferência de Ialta*”.¹⁸⁹ Nesta perspectiva, ela resolvia o paradoxo histórico de Ialta, liquidando a última

¹⁸⁷ *O Globo*, 05/ 12/ 1989. p. 4.

¹⁸⁸ *O Globo*, 08/ 12/ 1987. p. 4.

¹⁸⁹ *Ibid.*

herança da Guerra Fria: “*uma conferência sobre a Europa libertada, de que veio a surgir, de fato, a Europa central dividida*”.¹⁹⁰

Este processo representava o nascimento de uma nova Europa, e seus traços, em grande parte, dependiam da imagem que viria a ter a nova Alemanha. Diante das expectativas, o jornal acreditava que a solidez de quarenta anos de democracia na parte ocidental alemã não permitiria o seu retorno a posições *hegemonistas* no continente.¹⁹¹

Para a publicação, a reunificação também questionava a existência do Pacto de Varsóvia, surgido logo após a admissão da Alemanha ocidental na OTAN, entendido como “*um sistema avançado, um monitoramento da União Soviética contra um ataque alemão*”.¹⁹²

Dessa forma, o periódico analisava que o descontentamento dos setores *conservadores* do PCUS com a incorporação da Alemanha à OTAN, posicionava Mikhail Gorbachev de forma cautelosa frente a este processo. Por isso, o dirigente soviético condicionava a sua anuência à reunificação a uma fórmula artificial pela qual o novo país se filiaria às duas organizações.

A guerra do Golfo transformou-se no momento emblemático da virada da bipolarização, unindo, no primeiro conflito regional do período pós-queda do Muro de Berlim, as duas mais importantes potências do planeta.

Antecedendo o embate no Iraque, outros acontecimentos foram interpretados pelo jornal como sinalizadores da mudança na conjuntura internacional. O primeiro deles referiu-se ao conflito entre Estados Unidos e Irã, em 1987, envolvendo a navegação dos navios de petróleo no Golfo Pérsico. O periódico assinalava a atitude norte-americana como uma “*legítima defesa dos interesses econômicos com a proteção da livre navegação em águas internacionais – medida eticamente inatacável.*”¹⁹³

¹⁹⁰ *O Globo*, 19/ 07/ 1990. p. 4.

¹⁹¹ *O Globo*, 08/ 02/ 1990. p. 4.

¹⁹² *O Globo*, 11/ 06/ 1990. p. 4.

¹⁹³ *O Globo*, 25/ 09/ 1987. p. 4.

O comportamento soviético fora analisado como um “*dado tranqüilizador*”. Distintamente dos confrontos anteriores, em que os dois países encontravam-se em campos diametralmente opostos, a indicação do chanceler Eduard Shevardnadze, propondo que a segurança da navegação no Golfo Pérsico ficasse sob a responsabilidade das nações Unidas e aventando a possibilidade da participação de um contingente militar soviético numa força tarefa, apontava as mudanças que ocorreriam celeremente no final da década de oitenta.

Após a reunião de cúpula, em Moscou, o periódico reafirmava a mudança de rumo nos conflitos regionais como um resultado direto da aproximação entre EUA e URSS, “*deixando um horizonte desanuviado das tensões que caracterizaram as últimas décadas*”.¹⁹⁴ O texto apresentava vários protagonistas que estavam em processo de negociação, como o Irã e o Iraque, os participantes do conflito no sul da África, dentre outros.

As frases iniciais do primeiro editorial de *O Globo* sobre a Guerra do Golfo retratam a importância deste acontecimento para o sentido produzido sobre as relações internacionais estabelecidas após a queda do Muro de Berlim:

*“Se 1989 foi o ano das grandes esperanças no plano do relacionamento internacional, bastou um outro ano para que esses sonhos recebessem o duro batismo da realidade. E 1991 arranca sob a pressão de uma pergunta angustiada: o que acontecerá no Golfo Pérsico? E depois?”*¹⁹⁵

Podemos extrair as seguintes interpretações da publicação sobre o conflito. Em primeiro lugar, a guerra colocava por terra a visão, difundida internacionalmente, de que a dissolução do *socialismo real* no Leste europeu e o fim da política de blocos abririam uma *nova era*, uma expectativa de *congraçamento universal*.

A perspectiva de uma guerra mundial apocalíptica, comandada pelas duas superpotências, havia sido substituída pela realidade dos confrontos menores.

¹⁹⁴ *O Globo*, 05/ 09/ 1988. p. 4.

¹⁹⁵ *O Globo*, 09/ 01/ 1991. p. 6.

Dessa forma, o periódico ressaltava não apenas a Guerra do Golfo, mas os diversos embates disseminados por todo o planeta. Apesar do destaque conferido à pós-modernidade do conflito no Oriente Médio, através da missão bélica *Tempestade no Deserto*, os demais se caracterizavam pela sua “*distante relação com a vida moderna*”, assim como pelas demonstrações “*do mais puro e violento tribalismo*”.¹⁹⁶

O jornal localizava a diferença de tais confrontos com aqueles travados durante a Guerra Fria, assinalando o fato de que a ausência da política de blocos liberava ainda mais a tensão entre os inimigos em luta. Esta perspectiva confronta-se com a leitura produzida por *O Globo* antes da Guerra do Golfo, pois ele apostava no encaminhamento de uma solução para tais conflitos com o fim da bipolarização. A Guerra do Golfo soterrou este desejo.

Todavia, o conflito no Golfo Pérsico selava um novo tipo de estratégia nas relações internacionais: a ação conjunta das duas superpotências mundiais, como já observava o editorial “*Bons presságios*”, no ano de 1990:

*“pela primeira vez, líderes das duas superpotências tratam de uma grave crise internacional como parceiros de um objetivo comum e não como rivais tentando cada um levar o interlocutor a recuos e concessões.”*¹⁹⁷

A hegemonia norte-americana no processo de intervenção militar no Oriente Médio provocou o debate sobre a possível construção de uma *nova ordem internacional unipolar*.

No editorial “*Pax Americana*”¹⁹⁸, *O Globo* travava um diálogo aberto com o ministro das relações exteriores, Francisco Rezek, defensor da visão de uma “*hegemonia incontrastada*” dos Estados Unidos. A sua leitura afirmava a necessidade de cautela diante de tantas e tão profundas mudanças. Além disso,

¹⁹⁶ *O Globo*, 09/ 01/ 1991. p. 6.

¹⁹⁷ *O Globo*, 05/ 09/ 1990. p. 6.

¹⁹⁸ *O Globo*, 25/ 01/ 1991. p. 6.

apesar da condição de colosso militar, as brechas econômicas e sociais do gigante norte-americano, relativizavam a idéia de uma unipolaridade mundial.

A publicação também se deteve sobre o significado da discórdia entre EUA e URSS na condução dos lances finais da Guerra do Golfo, devido ao pedido soviético, na ONU, de um cessar-fogo diante da decisão iraquiana de abandonar o Kuwait. Às afirmações do possível advento de uma segunda Guerra Fria, o jornal analisava a atitude soviética como “*mais uma demonstração de astúcia do urso enfraquecido*”¹⁹⁹, e considerava tal assertiva uma precipitação de custo muito elevado para a *nova ordem internacional* proposta por George Bush. Na visão do periódico, a URSS não possuía mais condições de se exibir como uma superpotência, mas poderia causar um grande transtorno, caso a chamada *linha-dura* retornasse, podendo reavivar o clima de bipolarização.

O editorial “*O trabalho pela frente*”²⁰⁰ analisou o final da Guerra do Golfo. A euforia e as esperanças da época da derrocada do *socialismo real* no Leste europeu foram substituídas por uma cautela quanto às tarefas para o futuro. *O Globo* destacava que a *nova ordem mundial*, proposta por Bush, ainda era apenas um desejo.

Era preciso vencer os ressentimentos da guerra. E reconstruir. Era necessário avançar o entendimento diplomático entre EUA e URSS, mesmo que o *urso vermelho* não tivesse mais o mesmo prestígio internacional de antes:

“*se os problemas internos da URSS lhe tiraram muito do prestígio internacional de outrora, nem por isso sua parceria se terá tornado prescindível. Seu respaldo ajudará pelo menos a remover os obstáculos da paz.*”²⁰¹

Sobretudo, era necessário promover e apoiar o entendimento entre as nações do Oriente Médio, pois o sistema da *nova ordem mundial* dependia da conformação de um subsistema naquela região. Para o jornal, esse tipo de ajuste

¹⁹⁹ *O Globo*, 28/ 02/ 1991. p. 6.

²⁰⁰ *Ibid.*

²⁰¹ *O Globo*, 01/ 03/ 1991. p. 6.

descartaria soluções como o redesenhamento do mapa geopolítico da região ou a sua submissão a uma tutela internacional, medidas que fracassaram em outras conjunturas.

A questão dos Bálcãs também abalou as previsões de uma *nova era* para a Europa e para o mundo. Pouco tempo depois da queda do Muro, a publicação destacava que

*“a Europa vive a perturbadora sensação de que está sendo revisitada por fantasmas da Primeira Guerra. A questão milenar dos Bálcãs, estopim do conflito de 1914, ameaça desintegrar a Iugoslávia.”*²⁰²

O conflito na Iugoslávia constituía-se no exemplo mais nítido do “*Terremoto europeu*”, conforme assinalava o título do editorial, acompanhado por confrontos disseminados por toda a Europa Central, pela URSS e até mesmo pela Alemanha.

A eclosão dos conflitos era imputada ao fracasso da utopia socialista, que reacendia a necessidade de retorno destes povos ao passado, como se tantas décadas de experiência não tivessem deixado um único monumento de pé.

O Globo também produziu uma leitura sobre a nova postura e as novas tarefas da ONU no mundo pós-Guerra Fria. Ele demarcava que a reunião de cúpula entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbatchev, em Moscou, no ano de 1988, havia consolidado definitivamente a distensão entre as duas superpotências. Neste contexto, inseria-se a mudança de atitude das Nações Unidas que *sacudiram* o torpor que lhes tolheu as ações por muitas décadas:

*“Com desenvoltura e habilidade, a organização mundial passou à primeira linha das gestões de paz, abandonando o imobilismo que a convertera num custoso paquiderme burocrático, notabilizado mais pelo antiocidentalismo da retórica dos delegados do que por sua missão intrínseca de servir de foro privilegiado para dirimir conflitos.”*²⁰³

²⁰² *O Globo*, 21/ 03/ 1991. p. 6.

²⁰³ *O Globo*, 05/ 09/ 1988. p. 4.

A publicação avaliava que este novo quadro internacional permitia vislumbrar a perspectiva de um mundo mais seguro na virada do terceiro milênio.

Entretanto, a Guerra do Golfo consolidava a necessidade de repensar o papel da ONU, num cenário internacional ainda marcado pelos conflitos regionais e não por uma relação mais harmônica entre os povos. Segundo o periódico, o objetivo não era apenas criar uma instância supranacional que interviesse

*“em situações limites, sem os desgastes de uma intervenção unilateral, mas também impedir que o atrito dos pequenos conflitos que (acabasse) arrastando as grandes nações a rivalidades potencialmente destruidoras.”*²⁰⁴

No campo das relações externas, portanto, *O Globo* produziu uma série de sentidos para os acontecimentos desencadeados com as reformas na URSS, que se coadunavam com as expectativas da grande imprensa internacional.

As mudanças ocorridas foram interpretadas, no primeiro momento logo após a queda do Muro de Berlim, como o advento de uma *nova era*, baseada no fim dos conflitos regionais, na libertação da Europa, dividida desde o final da 2ª guerra mundial, e no soerguimento de um sistema estruturado na cooperação e na coexistência pacífica. 1989 configurara-se no ano chave para tais esperanças.

Da mesma forma, a Guerra do Golfo sinalizava o despertar de um sonho, ainda muito distante de se materializar. A realidade apontava para a eclosão de diversos conflitos localizados no coração do continente europeu, aqueles obliterados pela 2ª guerra mundial, e disseminados pelos quatro cantos do planeta. O cenário internacional não afirmava, definitivamente, a construção de uma *nova ordem mundial*. Mas, sem dúvida, sinalizava que *alguma coisa estava fora da ordem*.

²⁰⁴ *O Globo*, 09/ 01/ 1991. p. 6.

Imagens de Gorbatchev no jornal O Globo

A investigação sobre a produção dos discursos e das representações sociais vem adquirindo bastante proeminência nas pesquisas históricas contemporâneas. Importantes estudos, como os de Bronislaw Baczo, indicam os imaginários sociais como um espaço estratégico de legitimação do poder, construído a partir da experiência e dos desejos dos agentes sociais: “*Peça efetiva e eficaz do controle da vida coletiva e, em especial, da autoridade e do poder.*”²⁰⁵

O advento das tecnologias de comunicação e a centralidade dos *mass media* no século vinte selaram uma complexa relação entre informação e imaginação. Nesta perspectiva, a mídia também se configura como um lugar de fabricação dos imaginários sociais.²⁰⁶

Por isso, a necessidade de compreender como se opera o poder nas sociedades contemporâneas torna-se central. Baseando-nos em Pierre Bourdieu, o campo da produção do poder simbólico “*é um microcosmos da luta simbólica entre as classes*” que lutam para impor uma determinada visão de mundo.²⁰⁷

Em consonância com a estratégia de impor como *verdadeira* a sua visão de mundo, o jornal *O Globo* produziu sentidos não somente para os múltiplos processos sociais sucedidos na URSS, nos anos de 1985 a 1991, mas também teceu várias imagens simbólicas referentes à figura de seu líder máximo, Mikhail Gorbatchev. A leitura do periódico procurou nos oferecer uma interpretação capaz de construir sentidos que nos levasse a ver “*certas correspondências entre universos ou estados de coisas, entre os quais nós não percebíamos até então nenhuma ligação direta.*”²⁰⁸

²⁰⁵ **BACZO**, Bronislaw. Imaginação social. in: ENCICLOPEDIA EINAUDI. Anthropos- homem. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. 5 v. p. 309.

²⁰⁶ Ibid. p. 314.

²⁰⁷ **BOURDIEU**, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 12.

²⁰⁸ **ORTIGUES**, Edmond. Interpretação. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 11. v. p. 225.

Por isso, despertou o nosso interesse demonstrar as modificações ocorridas na maneira como o periódico *olhou* o líder soviético durante os tempos da *perestroika*, tentando compreender a produção desta leitura, e como ela se interpenetrou com as avaliações políticas do periódico sobre as reformas naquele país.

Sintonizado com a estratégia de marketing de Mikhail Gorbachev, que explorava ao máximo a sua inserção nos meios de comunicação mundiais, *O Globo* centrou a lógica do seu discurso na figura humana do líder soviético. Neste sentido, detectamos a presença de uma visão tradicional na maneira de se analisar os fatos, muitas vezes tratando de forma secundária as informações ao leitor referentes às diversidades social, política, econômica e cultural daquele país.

A supervalorização da figura de Mikhail Gorbachev, não por acaso, contribuiu para o ocultamento dos processos sociais em curso, atribuindo as mudanças, principalmente no início do processo, ao gênio transformador de um dirigente soviético de estilo ocidentalizado que expressava a superioridade deste modelo de sociedade.

Neste capítulo, pretendemos realizar um exercício de intertextualidade, inter cruzando os textos verbais – os editoriais – com os textos não-verbais – as charges. Optamos por este caminho, pois consideramos que, mesmo sem se constituir na *visão oficial* do periódico, as charges podem ser utilizadas como uma síntese significativa da tendência geral da imprensa sobre o perfil de Mikhail Gorbachev. Por isso, consideramos importante analisá-las, demonstrando as coincidências, as descontinuidades e como elas se apropriavam, de maneira muito particular, dos temas relacionados à URSS.

Pretendemos apontar a estratégia empregada pelo jornal *O Globo* na construção das imagens do dirigente soviético, delineando *quatro momentos* fundamentais que se conjugaram no desenrolar dos acontecimentos na URSS. Sem nos perder do nosso fio condutor, atentamos para a mudança ocorrida no

perfil de Gorbatchev, que obedece à lógica da produção de um novo sentido para a díade esquerda-direita.

Uma Novidade intrigante

Em 1985, o clima de Guerra Fria prevalecia no cenário mundial, e, neste contexto, o aparecimento de Mikhail Gorbatchev gerou um sentimento ambíguo de desconfiança e de surpresa.

Certamente, no ano de 1985, *O Globo* não mudara as suas idéias sobre a URSS: um país cinzento, uniforme, aonde nada acontecia. Como explicar, então, o surgimento de um líder com as características de Gorbatchev? O charme que estava encantando o mundo seria um predicado tardiamente descoberto pelo ocidente?

A surpresa, portanto, localizava-se na própria figura do dirigente soviético: ao contrário do perfil geriátrico, de “líderes parecidos entre si”²⁰⁹ que dominaram a política na URSS até a sua nomeação, o secretário-geral, recém-empossado no dia 11 de março de 1985, exalava um aspecto juvenil e dinâmico que destoava da imagem classicamente produzida pela imprensa sobre aquela sociedade cinzenta.²¹⁰

Uma outra novidade: o novo líder da União Soviética não possuía aversão às câmeras luzes, microfones e gravadores, e nem era uma pessoa envolta pelo mistério de aparições sazonais como os seus predecessores. Pelo contrário, estabeleceu uma estratégia de relações internacionais em que a intervenção na mídia tornou-se um alicerce fundamental.

Os meios de comunicação não fecharam os olhos e os ouvidos a este chamado: a imagem produzida sobre Gorbatchev explorava o perfil de um dirigente assemelhado aos líderes ocidentais. A sua estratégia ficou conhecida

²⁰⁹ *O Globo*, 30/ 01/ 1987. p. 4.

²¹⁰ Ilustrando o impacto da posse de Mikhail Gorbatchev como novo secretário-geral do PCUS, uma importante revista semanal brasileira, *Veja*, estampou como título principal da sua matéria sobre a nomeação do dirigente soviético a seguinte frase: “Um garoto no Kremlin”. *Veja*: 863, 20/ 03/ 1985.

internacionalmente como *ofensiva de charme*, lida pelos *mass media* como um estilo que somente o ocidente poderia possuir e não um país *petrificado* como a URSS, constatando assim a supremacia do modelo ocidental.

Dessa forma, apresentava-se a imagem do casal Raisa e Mikhail Gorbachev como figuras educadas, cultas e elegantes, assemelhando-se ao padrão dos dirigentes e primeiras-damas ocidentais. O fato de serem comunistas seria quase um acidente, conforme destacava *O Globo* a respeito da declaração do jornal inglês *The Sun*: “É uma pena que Raisa e Gorbachev sejam comunistas”.²¹¹

Delineou-se um perfil da primeira-dama diametralmente oposto ao das suas antecessoras, que mais se assemelhavam a *babushkas*. Ela mostrava um grande apreço e interesse em relação à moda, para a qual abria o seu país: “Abertura soviética não esquece elegância feminina”.²¹² Este título se referia à edição em russo da revista alemã *Burda moden*, publicada no país como um presente às mulheres no dia 8 de março de 1987.

Tal movimento também abarcou toda a sua família, sobressaindo-se faces mais amáveis e humanas, afinal era algo incomum os líderes soviéticos deixarem-se fotografar com seus parentes.

Os primeiros tempos da ascensão da liderança de Gorbachev foram marcados por um sentimento de novidade, cujos objetivos intrigavam a análise de vários observadores internacionais. Até o ano de 1987, *O Globo* destacava matérias que enfatizavam o ceticismo e a desconfiança em relação às reformas naquele país. Nesse período, uma das comparações mais emblemáticas equiparava o dirigente soviético ao czar russo Pedro, o Grande, reformador e modernizador da Rússia czarista, entre os séculos XVII/XVIII, que, no entanto, não alterou o regime. E este era um dos nós a ser desatado pela imprensa, pois as reformas no regime soviético poderiam revigorar o socialismo em escala internacional.

²¹¹ *O Globo*, 29/ 03/ 1985. P. 30.

²¹² *O Globo*, 22/ 03/ 1987. p. 31.

Mesmo divulgando visões mais cautelosas sobre Mikhail Gorbachev, a leitura do jornal comportou-se de forma mais fluida, otimista e simpática em relação ao perfil do dirigente.

Logo no início de 1987, o jornal expunha nitidamente a sua visão positiva em relação ao secretário-geral do partido comunista, promotor de uma verdadeira revolução em seu país. Ele deixava de ser somente uma novidade no aparato soviético, para alçar-se à condição de inovador e detentor de uma autodeterminação que somente os grandes líderes possuíam: “*Ele rompeu com a monotonia ufanista de seus antecessores e se postou como crítico mordaz do desempenho econômico do seu país.*”²¹³

Tais iniciativas manifestaram-se no desmantelamento do *sistema Gromiko*— uma troca completa de titulares de embaixadas soviéticas em todo o mundo —, e na carta dirigida ao presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, pleiteando um compromisso pela limitação de armamentos. Além disso, *O Globo* levantava, como mais um ponto positivo na sua escalada, a proposta de introdução do voto secreto, a pluralidade de candidaturas ao mesmo posto, e a convocação de uma conferência extraordinária do PCUS para discutir o aprofundamento das reformas.

O líder soviético era apresentado como um reformador e modernizador em contraposição à rigidez burocrática, à ineficiência, ao centralismo administrativo e ao conformismo irresponsável do *conservadorismo*. Neste sentido, a cautela do jornal quanto ao fôlego das reformas localizava-se nas limitações impostas a Gorbachev pelo próprio sistema, “*impermeável à evolução*”.

²¹³ *O Globo*, 30/ 01/ 1987. p. 4.

Uma novidade fascinante. O Homem do Ano

Inicialmente uma novidade intrigante, Mikhail Gorbatchev começava o ano de 1988 como o dirigente que roubara a cena no campo internacional, eleito o *Homem do Ano* pela revista norte-americana *Time*.²¹⁴

No jornal *O Globo*, este segundo momento representou a consolidação da imagem positiva do secretário-geral no cenário mundial, alcançando o auge na cúpula de Washington, no final do ano de 87. A ofensiva soviética através da intensa campanha pelo desarmamento mundial, a chamada *opção zero*, foi fundamental para confirmá-lo como um líder que preconizava a paz mundial, a coexistência pacífica e a interdependência entre os povos.

A publicação indicava que o caminho trilhado por Gorbatchev deixava de ser uma *opção* para se transformar num *paradigma*.²¹⁵ Esta via parecia fecunda, pois o dirigente soviético apostava numa proposta mais ágil, versátil e aberta. Entretanto, mesmo que vestisse um novo figurino institucional, através da sua proposta de eleição para presidência da União, ele não poderia abdicar do seu controle sobre o PCUS se quisesse levar adiante a *perestroika*.

Apesar do discurso de Gorbatchev reafirmar o seu compromisso com o retorno do socialismo às suas fontes genuínas, o periódico explorava, cada vez mais, o perfil de um dirigente soviético disposto a combater as degenerações do sistema por meio dos instrumentos da economia de mercado, como a abertura do país à tecnologia e ao capital externo, e o enquadramento das empresas estatais no estilo da livre concorrência.²¹⁶

A primeira ilustração da nossa série ²¹⁷ sintetiza alguns aspectos importantes referentes aos dois primeiros momentos da imagem de Mikhail Gorbatchev no cenário internacional.

²¹⁴ *Veja*, ano 20, 06/ 01/ 1988.

²¹⁵ *O Globo*, 04/ 07/ 1988. p. 4.

²¹⁶ *O Globo*, 03/ 01/ 1988. p. 4.

²¹⁷ *O Globo*, 09/ 12/ 1988. p. 4.



FIGURA 1: O GLOBO, 09/12/1988. P. 4.

Esta charge constitui-se na imagem emblemática do papel central do líder soviético na conjuntura mundial daquela época. O chargista produziu um novo sentido para o mais importante símbolo do comunismo – a foice e o martelo –, substituindo o último instrumento pelo microfone. Dessa forma, ele definia para o seu público qual era a principal arma do secretário-geral.

A força desta representação reflete a consolidação da figura do presidente da URSS, demonstrando a incidência da sua estratégia de marketing num mundo marcado pela centralidade dos *mass media*. Ao contrário dos últimos dirigentes, doentes, herméticos e sem o carisma dos grandes líderes, ele confirmou o seu prestígio internacional através da palavra. Neste contexto, a escolha feita pela revista norte-americana *Time*, elegendo-o como o *Homem do ano* de 1987, rompia com uma visão tradicionalmente difundida pela imprensa ocidental, fazendo do secretário-geral do PCUS a principal novidade daquele período.

A charge acima acompanha o editorial intitulado “*Coerência e consistência*”.²¹⁸ Este texto destaca a atuação de Mikhail Gorbachev na Assembléia Geral das Nações Unidas, onde proferiu um importante discurso

²¹⁸ *O Globo*, 09/ 12/ 1988. p. 4.

sobre a necessidade de um mundo interdependente e de um encaminhamento político para o problema da dívida dos países em desenvolvimento. Provavelmente, a motivação do cartum, elaborado por Caruso, esteve relacionada ao mesmo evento, sublinhando, portanto, o alcance da performance do dirigente soviético, que propunha uma nova relação entre os países em escala planetária.

A primeira *mancha* na imagem de Mikhail Gorbachev apareceu como o resultado da política repressiva contra as reivindicações da República da Armênia, no início de 1988. Apresentada como um embaçamento da *glasnost* e um espasmo da *perestroika*, o episódio colocava-o diante da opção entre “o modelo de democracia de que reclama a originalidade socialista e alguma forma de reedição do estalinismo”.²¹⁹

A atitude do dirigente soviético frente ao turbilhão nacionalista se configurou como um dos principais aspectos que contribuíram para as mudanças operadas no perfil de Gorbachev no jornal *O Globo* e também nas charges de Chico Caruso.

Gorbachev: de líder incontestado das reformas a homem de centro.

A crescente crise na URSS e o surgimento da alternativa Boris Yeltsin

1989 foi um ano marcado pela queda do *socialismo real* no Leste europeu e pelo aprofundamento da crise na URSS, especialmente no terreno das lutas nacionalistas nas repúblicas soviéticas. Nesse contexto, observamos algumas mudanças significativas no perfil produzido por *O Globo* sobre Mikhail Gorbachev, influenciadas por tais acontecimentos e acentuadas no transcorrer de 1990.

Internamente, na mesma medida em que a instabilidade no país se acirrava, a imagem do líder soviético adquiria uma conotação crescentemente ambígua. O jornal apontava a necessidade do aprofundamento das reformas políticas, para que a *perestroika* continuasse a ter credibilidade. Apesar dos

²¹⁹ *O Globo*, 08/04/1988. p. 4.

inúmeros obstáculos de um partido dominado pelos *conservadores*, ele “*não poderia continuar indefinidamente na posição ambígua de um inconformista bem instalado no poder.*”²²⁰

Mesmo assim, a publicação ainda avaliava como positiva e necessária a sua atitude, tentando equilibrar-se na dupla confiança do partido e do Congresso dos Deputados do Povo eleito em 89.

No transcorrer de 1990, no pós-queda do Muro de Berlim, os antigos países comunistas do Leste europeu adotaram, dentre outras propostas de caráter liberalizante, a economia de mercado. Entretanto, na URSS, aumentava ainda mais a hesitação de Mikhail Gorbachev quanto ao aprofundamento das mesmas medidas, realizadas naquelas nações sob a sua inspiração.

Segundo o periódico, a sua vacilação colocava-o na condição de “*cúmplice do passado*”, já que o estalinismo deixara de ser o bode expiatório perfeito da degeneração do sistema e da lentidão da *perestroika*.²²¹ Logo, era o próprio dirigente soviético que se encontrava na berlinda.

O jornal expressava prudência, mas ainda jogava as suas fichas em Gorbachev, pois não vislumbrava uma outra liderança capaz de substituí-lo, levando adiante o seu ousado projeto, e todos os avanços alcançados a partir da sua ascensão na URSS.²²²

Apesar da ausência de tais líderes, *O Globo* assinalava a importância da eleição ocorrida em maio de 1990:

“A eleição de Yeltsin o deixava em posição ainda mais forte para desafiar Gorbachev a trocar as medidas moderadas da *perestroika* por mudanças radicais, como a descentralização político-econômica total e completa abertura da URSS à economia de mercado.”²²³

Dessa forma, o presidente do Soviete Supremo da federação russa ocupava um lugar crucial na luta política desenvolvida na União Soviética, confirmando o

²²⁰ *O Globo*, 30/ 05/ 1989. p. 4.

²²¹ *O Globo*, 07/ 05/ 1990. p. 4.

²²² *O Globo*, 19/ 01/ 1990. p. 4.

²²³ *O Globo*, 30/ 05/ 1990. p. 17.

seu status de principal líder dos reformistas *ultra-radicais*, à *esquerda* de Gorbatchev.

Assim como o terceiro momento das imagens de Mikhail Gorbatchev no periódico, as charges de Caruso expressaram a crise interna na URSS. Entre os dias 20 e 23 de maio de 1990, as ilustrações interpretavam a delicada situação do dirigente soviético, agravada com a crise generalizada e a irrupção das rebeliões nacionalistas no país, desenhando-o aflito e à procura de emprego nos classificados do jornal *O Globo*.²²⁴



FIGURA 2: O GLOBO, 20/05/1990. P. 4.

Nestes cartuns, o detalhe mais original localizava-se na articulação elaborada pelo chargista, relacionando a conjuntura de crise vivida pelo Brasil e pela URSS. Desta maneira, a turbulência do país também colocava em situação bastante adversa vários personagens da cena política nacional. Juntavam-se a Gorbatchev a ministra da economia, Zélia Cardoso de Melo, e o técnico da seleção brasileira, Sebastião Laroni, acompanhando a leitura dos classificados em busca de novas perspectivas empregatícias.

²²⁴ *O Globo*, 20/05/1990. p. 4.

Na charge do dia 23 de maio²²⁵, novos personagens adentravam a cena: o ministro da justiça, Bernardo Cabral, pedia licença para folhear o periódico, juntamente com o presidente do Banco Central, Ibrahim Éris.

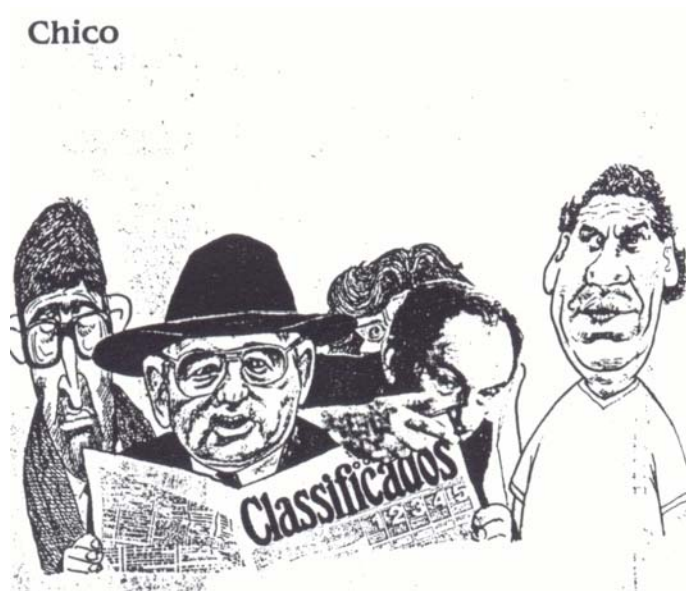


FIGURA 3: O GLOBO, 23/05/1990. P. 4.

A renúncia teatral do chanceler Eduard Shevardnadze, um dos principais expoentes da *perestroika*, em dezembro de 1990, a brutal repressão à rebelião nacionalista na Lituânia e a tentativa de proibir a passeata do movimento *Rússia Democrática*, liderado por Yeltsin, ambos no início de 1991, constituíram-se nos três episódios que modificaram definitivamente o perfil de Mikhail Gorbachev no jornal *O Globo*.

De líder incontestado dos reformistas, dono de um grande poder de persuasão, ele passou a assumir uma imagem de *homem de centro*, equilibrando-se perigosamente entre os *ultra-reformistas* e os *conservadores*, concentrando uma grande parcela de poder em suas mãos, valendo-se do recurso da força para conter as agitações, apoiando-se crescentemente nos pilares da ala *conservadora*: o Exército, o próprio partido e a polícia secreta.²²⁶

²²⁵ *O Globo*, 23/ 05/ 1990. p. 4.

²²⁶ *O Globo*, 23/ 12/ 1990. p. 6.

As ilustrações de Caruso também expressaram as mudanças no perfil do presidente da URSS, destacando a renúncia de Eduard Shevardnadze e a repressão ocorrida na Lituânia.



FIGURA 4: O GLOBO, 23/12/1990. P. 6.

Na figura 4, o cartunista desenhou o chanceler muito bem vestido, com um topete artístico, pedindo carona para Hollywood, nos Estados Unidos. Mas, por que Hollywood, conhecida como a terra do cinema e dos artistas? ²²⁷

Tanto a charge quanto o editorial do mesmo dia interpretaram a saída do ministro das relações exteriores como uma atitude teatral ou cinematográfica. Talvez, esta coincidência se relacionasse a uma avaliação que definia a saída de Shevardnadze como um gesto dramático e surpreendente.

No início de 1991, uma outra charge ilustrava o líder reformista e mentor da *perestroika* vestido com um uniforme do Exército Vermelho e um grande bigode negro, representando, nada mais, nada menos, do que a figura de Josef

²²⁷ O Globo, 23/ 12/ 1990. p. 6.

Stalin.²²⁸ Esta mudança acompanhou a tônica do editorial que denunciava a brutal ação militar empreendida pelo governo soviético na Lituânia.

Chico



FIGURA 5: O GLOBO, 15/01/1991. P. 6.

Simbolicamente, a ilustração procurava destacar o retrocesso da ação ocorrida na república lituana, construindo um paralelo com ações militares implementadas anteriormente pela URSS, esmagando movimentos que reivindicavam autonomia e democracia. Este revés, portanto, poderia levar o país de volta aos tempos do estalinismo, destruindo o trabalho construído pela *perestroika*, a partir de 1985.

Neste contexto de crise interna e de mudanças no perfil de Mikhail Gorbatchev, o jornal apresentava Boris Yeltsin como o único adversário à sua altura e um autêntico defensor das medidas favoráveis à imediata introdução da economia de mercado e do jogo capitalista no país. Portanto, a liderança do dirigente da URSS, reduzida na sua capacidade de produzir iniciativas, era contraposta a do presidente do Soviete Supremo da Rússia, que aumentava cada

²²⁸ *O Globo*, 15/01/1991. p. 6.

vez mais o seu capital político.²²⁹ A sua eleição para a presidência da federação russa, em junho de 1991, confirmou-o como uma liderança legítima porque fora ungido pelo voto direto da mais importante república da União Soviética.

Apesar disso, Yeltsin somente se consolidou como uma verdadeira alternativa para o futuro da URSS após o golpe realizado por setores do PCUS, em agosto de 1991. Até esse episódio, *O Globo* ainda demarcava o papel crucial de Gorbachev para a contenção do caos no país.

Essa visão apresentou-se de forma bastante evidente no editorial “*Ressurreição no Kremlin*”.²³⁰ O dirigente soviético fora considerado a “*moderna fênix*”, pois conseguira afastar-se da beira do abismo político, desatando-se da sua má situação para costurar um acordo com o seu arqui-rival, Boris Yeltsin. Por isso, a importância de Mikhail Gorbachev no cenário internacional – transformado desde a sua chegada ao poder, em 1985 – e no desenlace da crise interna era grande demais “*para que a sua saída (fosse) encarada simplesmente com um dar de ombros, tanto dentro como fora da União Soviética*”.²³¹

Contraditoriamente à sua popularidade descendente na URSS, externamente, Mikhail Gorbachev reafirmava um papel central nas relações internacionais, configurando-se como o principal artífice dos processos ocorridos no Leste europeu, em 1989.

O encontro com o papa João Paulo II, no final de 1989, assumiu esta dimensão. Para *O Globo*, Gorbachev era muito mais do que o presidente da URSS e o secretário-geral do PCUS. Ao contrário de outros líderes menores, o papel desempenhado pelo dirigente máximo da Igreja Católica e pelo principal líder soviético no contexto internacional arrastava-os “*para muito além do previsto e estabelecido; (levava-os) a ter de inventar o futuro*”.²³²

²²⁹ *O Globo*, 31/ 03/ 1991. p. 6.

²³⁰ *O Globo*, 26/ 04/ 1991. p. 6.

²³¹ *Ibid.*

²³² *O Globo*, 02/ 12/ 1989. p. 4.



FIGURA 6: O GLOBO, 02/12/1989. P. 4.

A ilustração de Chico Caruso também assinalou o encontro histórico do *menino do Rio Volga* com o papa João Paulo II no processo de restabelecimento de relações diplomáticas entre Moscou e a Santa Sé. O desenho apresentava Gorbachev surfando, e ultrapassando os limites de um muro que separava os líderes mundiais, ou melhor, a sociedade ocidental cristã da soviética. Destacava-se, desta forma, a sua impetuosidade no cenário internacional, rompendo a divisão existente entre os *dois mundos*, em prol do diálogo, da construção de um sistema planetário interdependente, baseado na coexistência pacífica e na paz mundial. Ele, portanto, ultrapassava as fronteiras de um dirigente delimitado territorialmente, e a sua liderança adquiria um significado mais universal, tal qual o papel desempenhado pelo papa católico.²³³

Ainda no campo das relações internacionais, a intervenção do presidente da URSS na Guerra do Golfo, em 1991, solicitando um cessar-fogo diante da decisão iraquiana de retirar as suas tropas do Kuwait, também se constituiu num momento de reafirmação da sua imagem positiva no cenário internacional.

A charge de Caruso representava o presidente dos Estados Unidos, George Bush, como um gigantesco boneco negro inflável, vestido de xerife, e pronto para

²³³ *O Globo*, 02/ 12/ 1989. p. 4.



FIGURA 7: O GLOBO, 23/02/1991. P. 6.

realizar a investida final, impedido pela interferência de Gorbatchev que, mesmo bem pequenino, esvaziava o boneco, furando-lhe com a sua foice e martelo.

Este desenho pode ser melhor entendido à luz do editorial do mesmo dia, que destacava a atuação *virtuosística* do secretário-geral no desenlace do conflito, impedindo a arrasadora ofensiva final da coligação anti-Saddam, devolvendo a União Soviética “*ao primeiro plano da geopolítica mundial*”.²³⁴

Explicaremos a charge a partir das seguintes características: a figura de George Bush num plano superior ao do dirigente soviético demonstrava a supremacia dos Estados Unidos naquela época. A roupa do presidente norte-americano simbolizava o papel que o país pretendia desempenhar: o de *xerife do mundo*, a única superpotência capaz de patrulhar o planeta, impondo a sua *nova ordem mundial*. Apesar de pequenino, a ação de Gorbartchev no desenho ressaltava a importância da sua performance no fim da guerra, esvaziando as pretensões dos Estados Unidos.²³⁵

O estabelecimento de uma *nova era* também foi representado nas charges de Caruso, no momento da segunda visita do secretário-geral do PCUS aos EUA,

²³⁴ *O Globo*, 23/ 02/ 1991. p. 6.

²³⁵ *Idem*.

em 1990. Mikhail Gorbachev e George Bush foram desenhados num ring, vestidos como boxeadores, ambos apertando as mãos, cordialmente sorridentes. As duas potências, que haviam lutado pela supremacia mundial durante anos, se reconciliavam através de seus líderes máximos.²³⁶

Na ilustração, os dois presidentes encontravam-se em pé de igualdade, mas a situação da União Soviética no contexto internacional apontava o contrário, pois ela necessitava da ajuda externa para o seu desenvolvimento econômico. Apesar das pazes e das mãos seladas, o papel da URSS no contexto mundial pós-guerra fria era secundário àquele desempenhado pela superpotência restante: os EUA.

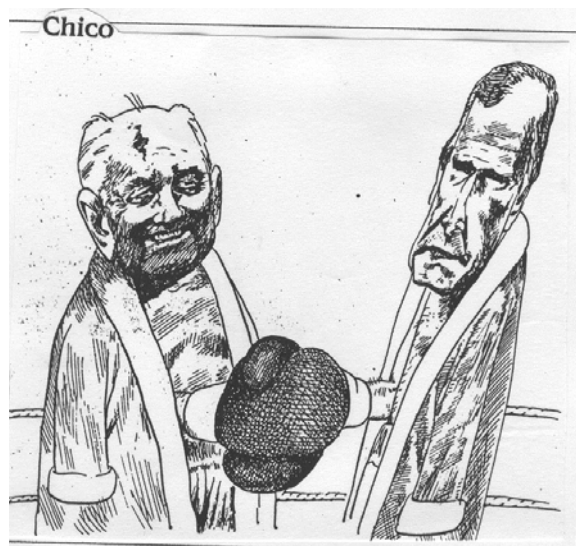


FIGURA 8: O GLOBO, 02/06/1990. P. 4.

Novamente encontramos uma articulação entre a conjuntura brasileira e a situação da União Soviética nos desenhos de Chico Caruso, construindo um jogo de imagens, combinando os papéis representados por importantes personagens da cena nacional e internacional naquele momento.²³⁷

Na ilustração, George Bush, vestido de preto como um xerife, desempenhava o papel ambicionado pelos EUA. Para dirimir a discórdia, o

²³⁶ *O Globo*, 02/06/1990. p. 4.

²³⁷ *O Globo*, 21/06/1991. p. 6.

presidente norte-americano apertava as mãos dos *mocinhos* da história: no lado brasileiro, o presidente Fernando Collor, e, no lado soviético, Boris Yeltsin. Ambos mostravam-se em conflito com os seus rivais, Mikhail Gorbachev e Orestes Quécia, respectivamente, travestidos de *índios*, cumprindo a função de tais personagens nos clássicos filmes de *western* norte-americanos.

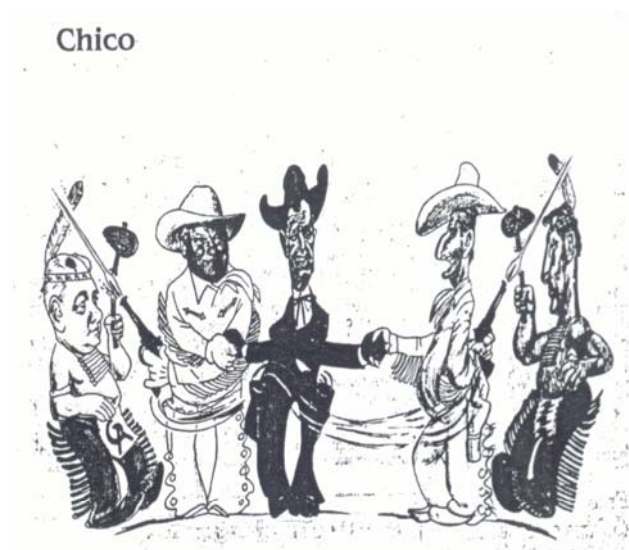


FIGURA 9: O GLOBO, 21/06/1991. P. 6

Neste sentido, o desenho ressalta a ascensão de Yeltsin, contrapondo-o ao presidente soviético, que aparece de forma secundária e pejorativa na ilustração, evidenciando a sua perda de prestígio para o líder *ultra-radical*²³⁸.

O aprofundamento da crise na URSS e as oscilações de Mikhail Gorbachev estremeceram o seu prestígio internacional. Apesar do destaque mundial conferido ao presidente da URSS, o tratamento dado pelas principais potências, no campo econômico, expressava cada vez menos a sua proeminência. Ele era apresentado como uma figura dramática, a fazer apelos, não menos desesperados, clamando por uma ajuda internacional que não vinha, diante de um país que estava em dissolução.²³⁹

²³⁸ *O Globo*, 21/ 06/ 1991. p. 6.

²³⁹ *O Globo*, 08/ 06/ 1991. p. 6.

A admissão da URSS, com o status de país observador, no Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) foi lida como uma etapa necessária para aqueles que ainda estavam aprendendo.²⁴⁰ Portanto, a posição de Gorbachev era a mesma de um aluno, que precisava cumprir a tarefa de introdução do capitalismo no seu país, visto que as principais objeções ao seu ingresso na referida instituição relacionavam-se à permanência do mesmo sistema econômico, incompatível com instituições do *mundo livre*, atitude esta considerada natural pelo jornal.

Mesmo assim, poucos meses antes do golpe que selaria o futuro do presidente soviético, ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz, contrastando a permanência de um prestígio internacional com o enorme desgaste dentro da União Soviética.²⁴¹

A vez de Yeltsin e um lugar para Gorbachev

O golpe realizado por setores PCUS, entre os dias 19 e 21 de agosto de 1991, simbolizou o ocaso definitivo de Mikhail Gorbachev e a consolidação de Boris Yeltsin como o principal líder de um país à beira do colapso e da desagregação.

Um dia após o *putsch*, num longo texto denominado, “*O mundo sem Gorbachov*”²⁴², *O Globo* fazia um balanço da importância histórica do dirigente deposto, e as conseqüências que poderiam advir da sua prisão. Gorbachev era apresentado como um dos maiores estadistas do nosso século, o “*libertador*” da Europa oriental e dos “*corações e mentes*” do povo soviético a partir do desencadeamento da *perestroika*.

O principal adversário de Gorbachev, Boris Yeltsin, ascendia ao patamar de herói, encarnando um “*espírito libertário*” de “*democrata radical*”, que as novas

²⁴⁰ *O Globo*, 20/ 05/ 1991. p. 4.

²⁴¹ *O Globo*, 08/ 06/ 1991. p. 6.

²⁴² *O Globo*, 20/ 08/ 1991. p. 6.

lideranças, substitutas dos reacionários na cúpula soviética, deveriam possuir.²⁴³ Ele se constituía no genuíno representante do povo que, “*pela primeira vez na história da nação russa, (declarava-se) dono do seu destino*”.²⁴⁴ Neste sentido, o futuro destes cidadãos associava-se à posição conquistada pelo presidente da Rússia durante o processo de resistência ao golpe.

Os dois mais importantes líderes da URSS representavam uma outra Rússia, mais nova, moderna e disposta a abrir-se para o mundo, que havia sido abatida por uma Rússia imemorial, estática e isolada, encarnada nos golpistas de agosto.²⁴⁵

Nos primeiros momentos logo após o fracasso do *putsch*, a análise do jornal *O Globo* confirmava o fortalecimento do ex-secretário-geral do PCUS e o retorno da sua popularidade, pois ele voltara

*“ao governo com um mandato transformado, porque ungido diretamente pela vontade popular, manifestada com a veemência de quem para defendê-la arriscou a própria vida.”*²⁴⁶

Destacava-se, dessa forma, o heroísmo de Gorbachev, que poderia ter decidido apoiar o movimento golpista.

Nas charges ilustradas por Chico Caruso, entre os dias 20 e 28 de agosto de 1991, a mancha localizada na frente de Mikhail Gorbachev configura-se como a chave para a compreensão dos significados do golpe.²⁴⁷

Representando o mapa do país, o sinal do secretário-geral aparecia estilhaçado, e a sua feição demonstrava surpresa. Portanto, o *putsch* voltava-se contra Gorbachev e a própria a URSS.

²⁴³ *O Globo*, 23/ 08/ 1991. p. 6.

²⁴⁴ *O Globo*, 22/ 08/ 1991. 1ª página.

²⁴⁵ *O Globo*, 20/ 08/ 1991. p. 6.

²⁴⁶ *O Globo*, 22/ 08/ 1991. p. 6.

²⁴⁷ *O Globo*, 20/ 08/ 1991. p. 6.



FIGURA 10: O GLOBO, 20/08/1991. P. 6.

Na 1ª página de *O Globo*, um outro cartum²⁴⁸ destacava o fracasso do golpe através da mobilização popular e da atuação fundamental de Boris Yeltsin, que garantiu o retorno de Gorbatchev ao poder.



FIGURA 11: O GLOBO, 22/08/1991. P. 6.

²⁴⁸ *O Globo*, 22/ 08/ 1991. p. 6.

A ilustração do presidente da federação russa representava-o como um super-herói, irrompendo da mancha na frente do dirigente soviético. Esta imagem indicava que ele se tornava a legítma encarnação da *perestroika* e da *glasnost*, pois havia saído da cabeça do mentor de tais reformas, salvando-o. Também podemos ler que Yeltsin representava o nascimento de uma nova Rússia, surgindo definitivamente no momento do *putsch*. Ao contrário da primeira ilustração, o rosto de Mikhail Gorbachev encontrava-se aliviado.

Todavia, não demorou muito tempo para que a idéia de Mikhail Gorbachev com “*um mandato ungido pela vontade popular*” rapidamente perdesse a sua força, pois era impossível negar que as atitudes do dirigente soviético fortaleceram os setores golpistas. Se antes do golpe, ele era definido como “*refém dos conservadores*”, logo após o evento, *O Globo* apresentava-o como “*refém do seu avalista*”, Boris Yeltsin.

Mesmo assim, a publicação se solidarizava com a cautela do ocidente quanto ao futuro da URSS sem o seu líder mais importante, aventando, por isso, a possibilidade dele exercer um novo papel na conjuntura do país. Ele poderia funcionar como um “*fiel da balança*”, um “*intermediário*” ou um “*poder moderador*” para “*os excessos do nacionalismo*”, tentando evitar a eclosão de uma guerra civil como ocorrera na Iugoslávia.²⁴⁹

Yeltsin que, no calor da luta contra o golpe, foi saudado como um democrata radical, logo adquiriu, na visão do jornal, uma conotação dúbia, devido aos temores de ressurgimento do nacionalismo russo e seus possíveis objetivos expansionistas.

O iminente fim da URSS e o esvaziamento vertiginoso da figura de Gorbachev selou o abandono da idéia do líder como um árbitro. *O Globo* sublinhava que o mesmo homem que havia personificado a renovação, no estágio anterior, era classificado como um “*obstáculo ao progresso*”.²⁵⁰

²⁴⁹ *O Globo*, 01/ 09/ 1991. p. 6.

²⁵⁰ *O Globo*, 13/ 12/ 1991. p. 6.

Nas últimas charges analisadas, a figura do líder soviético aparecia ilustrada em preto, ressaltando-se apenas o esparadrapo que encobria a mancha e a roupa com que estava vestido, logo após retornar do cativeiro na Criméia.²⁵¹ Enquanto o curativo simbolizava o tratamento da ferida aberta pelo golpe, a imagem em preto do secretário-geral apontava as dúvidas e as interrogações quanto ao seu futuro e do país.



FIGURA 12: O GLOBO, 24/08/1991. P. 6.

Nos momentos finais da URSS, *O Globo* comparava Yeltsin e Gorbatchev a dois enxadristas, jogando uma complicada partida de xadrez para saber quem fazia valer o seu projeto: a comunidade eslava ou a comunidade imaginada a partir do Tratado da União.²⁵² O periódico observava que, para estadistas europeus como François Mitterrand, a partida já estava decidida em prol do presidente russo. Uma comunidade formada por Rússia, Bielo-Rússia, Ucrânia, além das adesões da Armênia e da Quirguízia, era uma realidade poderosíssima, enquanto o Tratado da União tornava-se, cada vez mais, uma simples abstração, desejo pessoal de um político que entrou em processo de esvaziamento vertiginoso.²⁵³

²⁵¹ *O Globo*, 24/ 08/ 1991. p. 6.

²⁵² *O Globo*, 13/ 12/ 1991. p. 6.

²⁵³ *Ibid.*

A última charge da série – acompanhada da frase: “*Acho que isso não vai cicatrizar tão cedo...*”²⁵⁴ – sintonizava-se com a conjuntura do pós-golpe na URSS.

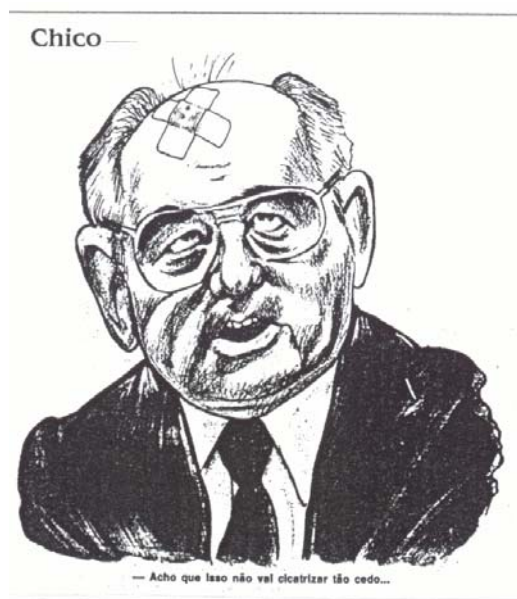


FIGURA 13: O GLOBO, 28/ 08/ 1991. P. 6.

A declaração de independência das várias repúblicas tornava inevitável a vertiginosa desagregação do país. Portanto, o fracasso do golpe de agosto não significou o restabelecimento do controle da crise na União Soviética, mas o caminho, a passos largos, para a sua extinção.

O *mito*, que a história construiu, renunciava no dia 25 de dezembro de 1991. Diferentemente de outros líderes que receberam louros e glórias póstumas, Gorbachev não morrera, mas fora simbolicamente enterrado com as honras dos grandes estadistas. Caracterizado pela grande imprensa internacional e pelos dirigentes das principais potências mundiais como um dos mais importantes dirigentes do século XX, o *fenômeno Gorbachev* passava para a história, vítima do processo que ele mesmo desencadeara na União Soviética.

²⁵⁴ *O Globo*, 28/ 08/ 1991. p. 6.

O desempenho pífio da sua candidatura à presidência da Rússia, em 1996, configurou a realidade crua da sentença proferida pelo editorial de *O Globo*: “Assim é a História: faz os mitos para, em seguida, destruí-los”.²⁵⁵

As imagens construídas pelo jornal *O Globo* sobre a figura de Mikhail Gorbachev produziram sentidos, que foram lidos sob a ótica das mudanças em curso no cenário internacional. Como apontamos no início do capítulo, as alterações verificadas no perfil do dirigente soviético corroboram o processo de inversão da diáde esquerda-direita operado pelo periódico no desenrolar da crise e desagregação do socialismo de tipo soviético no Leste europeu.

Num primeiro momento, o secretário-geral do PCUS era apresentado como o representante de uma *nova esquerda*, que punha em questão os principais postulados da herança marxista-leninista, adotando a idéia da introdução da economia de mercado na URSS.

Com o aprofundamento da crise e as hesitações de Gorbachev quanto à reinstauração do capitalismo no país, a publicação inverteu o sinal no seu perfil: se não era considerado a *direita* na URSS, papel reservado à chamada *burocracia* do PCUS e do Estado soviético e a todos aqueles que resistiam às reformas, também não mais ostentava o signo de principal representante da *esquerda*, encarnado por Bóris Yeltsin. A ele delegava-se a figuração de *homem de centro*, equilibrando-se entre os dois setores, e tendendo crescentemente para a ala *conservadora*.

Portanto, a conformação das imagens de Mikhail Gorbachev acompanhou o caráter dado às transformações ocorridas na União Soviética pelo jornal *O Globo*.

²⁵⁵ *O Globo*, 28/ 08/ 1991. p. 6.

Anos oitenta. Em pleno processo de abertura, as forças políticas brasileiras deparavam-se com a necessidade de estruturar um novo projeto político, econômico e social para a sociedade brasileira. A chamada *década perdida* combinava uma intensa reorganização e movimentação da sociedade civil com uma profunda crise e fragmentação das classes dominantes brasileiras.

A definição de uma visão de mundo para o Brasil operou-se exatamente no momento em que os acontecimentos na União Soviética aprofundavam a crise do projeto socialista, enfraquecendo-o enquanto uma utopia de sociedade.

Neste quadro, a inserção de *O Globo* no debate nacional adquiriu uma importância fundamental, pois o periódico apresentava um projeto político consoante com o modelo econômico preconizado pelos organismos internacionais, que ainda não havia hegemonizado o conjunto das classes dominantes no Brasil.

O relato do editor-chefe do jornal, Luís Garcia, atesta que, a partir da crise do socialismo de tipo soviético, a perspectiva capitalista alçava-se à condição de único caminho possível para o desenvolvimento do planeta:

*“Foi um momento de crise para a idéia do socialismo de Estado, predominantemente estatal. A grande potência, que era baseada nesta visão, foi pr’o buraco, foi pr’o brejo. Então, evidentemente, que, em todos os países e no Brasil, (isto) influenciou a favor da corrente contrária.”*²⁵⁷

A sua opinião também revela que o periódico percebia as mudanças operadas no próprio discurso de alguns setores da esquerda:

²⁵⁶ *O Globo*, 10/ 03/ 1988. p. 4.

²⁵⁷ Entrevista com Luís Garcia, editor-chefe da equipe de editores do jornal *O Globo*, realizada no dia 29 de dezembro de 1997.

“Olha só, não vamos por esse caminho. A idéia era sempre essa: vamos desistir desse caminho, porque esse modelo não existe mais, tanto que fracassou na União Soviética. E é uma coisa que aconteceu tanto na linha dos jornais, quanto na própria visão dos políticos de esquerda. A maior parte dos políticos do PCB saiu do PC, e fundou o PPS. O PCB é um partido que existe, mas é um partido de muito menor expressão do que o PPS. Por quê? Porque o PPS conseguiu fazer uma certa reciclada. Mudaram um pouco o discurso.”²⁵⁸

No transcorrer da década de oitenta, *O Globo* afirmou a sua visão de mundo na sociedade brasileira, o que pode ser percebido através da consolidação de uma nova imagem do jornal, desvencilhando-se de características bastante arraigadas na sua história. O editor-chefe confirma:

“O Globo sempre foi um jornal anticomunista, sempre foi um jornal conservador. Hoje em dia, nós procuramos ser um jornal ainda a favor da (economia de mercado), mas com uma mentalidade mais jovem, mais aberta, menos contra coisas e muito mais a favor de coisas do que contra coisas.”²⁵⁹

Todavia, Luís Garcia não atribui as mudanças na representação do periódico ao advento da *perestroika*. Concordando com a assertiva do editor, acreditamos que tais transformações conseguem ser melhor identificadas a partir das estratégias da publicação, e da organização à qual pertencia, no período da abertura brasileira. Naquele momento, o jornal começou a desprender-se da imagem de representante da ditadura militar para se tornar o principal interlocutor da Nova República. Mesmo que esta *virada* esteja relacionada à conjuntura nacional da história do Brasil recente, os eventos internacionais do campo socialista redimensionaram o movimento em curso.

²⁵⁸ Entrevista com Luís Garcia, editor-chefe da equipe de editores do jornal *O Globo*, realizada no dia 29 de dezembro de 1997.

²⁵⁹ Idem.

Portanto, analisaremos de que maneira *O Globo* articulou a sua leitura do processo de reformas na União Soviética à situação do Brasil, visando influenciar, decisivamente, o projeto de sociedade a ser construído no país.

O conceito de *polifonia* de Mikhail Bakhtin²⁶⁰ identifica que qualquer discurso está sempre impregnado por uma multiplicidade de vozes de outros discursos, em constante interação. Procuramos encontrar as vozes com as quais *O Globo* dialogava nos seus editoriais sobre a conjuntura brasileira daquela época. Sem dúvida alguma, um dos confrontos fundamentais fora estabelecido com as esquerdas.

Durante a década de oitenta, o jornal debateu com os seus oponentes o modelo político-econômico e social a ser definido pelo Brasil após um grande período de ditadura militar. No embate travado com as esquerdas, os editoriais adotaram o processo de reformas na União Soviética como a principal referência, transformado numa espécie de *paradigma* para o caráter das mudanças que deveriam ser implementadas no país.

Certamente, *O Globo*, árduo defensor do sistema capitalista, não se bandeou para o campo socialista. Na sua leitura, a utilização da *perestroika* como um exemplo para o Brasil apontava a natureza das reformas na URSS, que se baseava em diversos valores preconizados pela publicação: a economia de mercado, as privatizações, o fim dos monopólios e a abertura para a entrada de tecnologia e de capital estrangeiros. Enfim, as transformações soviéticas atestavam a irresistibilidade do mundo capitalista diante do fracasso do *socialismo real*.

Este processo consolidou a inversão do binômio esquerda-direita no Brasil. Dessa forma, o periódico representou os antigos esquerdistas, símbolos do progresso e das mudanças, através da imagem da *conservação* e do *atraso* em contraposição a uma nova *modernidade* estabelecida pela supremacia do capitalismo no final do século XX.

²⁶⁰ STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

No jornal *O Globo*, a constituinte brasileira de 1988 transformou-se num espaço privilegiado para a operação de sentido que inverteu a díade. A sua importância localizava-se não somente no fato de que ali se delineara uma visão de país, mas também na constatação de que ela se tornara o principal núcleo de poder daquele momento histórico.²⁶¹

O depoimento de Luís Garcia coaduna-se com a leitura feita pela publicação em relação à constituinte, que lhe imputou uma série de defeitos: ela fazia a apologia de uma constituição extremamente detalhada, ao contrário da tendência moderna que configurava textos genéricos e mais curtos, era muito idealista e se encontrava ainda presa à idéia de um Estado providencialista, capaz de fazer tudo.

“*A semente está lançada*”.²⁶² Estampado na primeira página, o editorial de *O Globo* saudava a aprovação da nova Constituição, assinalando, porém, os problemas detectados no texto. A interpretação do jornal caracterizava o período da constituinte como um momento difícil para o Brasil. A ansiedade nacional em face à grave situação social havia produzido contradições, como uma tendência a procurar resolver os problemas através do texto constitucional, tornando-o pouco ágil, pesado e, em muitos casos, de difícil aplicação:

“... Ao buscar o ideal sem levar em conta o real, a nova Carta pratica uma ilusória generosidade distributiva, que na prática resultará em duas possibilidades: paulatina decadência do país, sangrando na sua capacidade de poupança e investimento, ou simples descumprimento de umas tantas proposições do texto constitucional, condenada dessa forma a figurar como uma utópica seção de boas intenções.”²⁶³

A publicação inseria-se entre aqueles “*críticos idôneos de diversos setores da sociedade*” que apontavam os defeitos da Carta Magna, cumprindo o seu papel de imprensa vigilante e atenta aos interesses públicos. Neste sentido, as

²⁶¹ CAMARGO, DINIZ. op. cit., p. 40.

²⁶² *O Globo*, 23/ 09/ 1988. 1ª página.

²⁶³ Idem.

imperfeições da Constituição brasileira poderiam ser modificadas, a médio prazo, através de uma revisão constitucional, lida como uma sábia determinação do texto, e como uma tarefa do próximo governo da república.

No mesmo dia, observamos a presença de um outro editorial, intitulado “*Gesto político substancial*”²⁶⁴, que destacava o acordo entre empresários e trabalhadores (A CNI e o fórum informal de empresários e alguns meios sindicais de São Paulo) e a necessidade vital de um pacto social para o futuro do Brasil, anunciando a política a ser construída nos anos posteriores.

Para o editor-chefe de *O Globo*, o jornal acreditava que, diante dos acontecimentos ocorridos no bloco do *socialismo real*, a maioria dos nossos constituintes se encontrava atrasada em relação à história, não percebendo o que realmente estava mudando.²⁶⁵ Os editoriais articulavam, com nitidez, a visão sobre as esquerdas. Os seus representantes se configuravam em *herdeiros do entulho*²⁶⁶, buscando perpetuar no Brasil o que estava sendo encerrado na URSS e em sua área de influência:

*“Os que continuam, anacronicamente, a atribuir valor intrínseco à economia de Estado. (...) os que continuam a privilegiar as empresas estatais, simplesmente por serem estatais, na partilha da riqueza nacional; (...) os que as poupam do teste da competência, com monopólios e reservas de mercado. (...) os que subsidiam a indolência e sustentam a ineficiência, enquanto empobrecem a sociedade. Porque, enquanto o governo soviético descobre que a falência das empresas estatais é alívio e ânimo para a sociedade, há, entre nós, quem prefira que se deixe falir o próprio Estado.”*²⁶⁷

Em 1988, o periódico ainda interpretava a *perestroika* como uma possibilidade de recuperação da identidade socialista perdida com a estatização. Portanto, os *herdeiros do entulho* no Brasil chocavam-se não somente com a

²⁶⁴ *O Globo*, 23/ 09/ 1988. p. 4.

²⁶⁵ Entrevista com Luís Garcia, editor-chefe da equipe de editores do jornal *O Globo*, realizada no dia 29 de dezembro de 1997.

²⁶⁶ *O Globo*, 25/ 09/ 1988. p. 4.

²⁶⁷ Idem.

visão modernizadora de Mikhail Gorbachev, mas com a própria idéia de renovação do projeto socialista.

Na leitura de *O Globo*, as mudanças em curso na China e na URSS, possibilitando a introdução da economia de mercado em seus países, indicavam a necessidade dos constituintes brasileiros optarem entre duas éticas: a ética da economia de mercado, reconhecida como a *ética da felicidade* porque garantia o direito fundamental do homem à procura da felicidade, à conquista dos seus interesses através da dedicação e da iniciativa individual; ou a desqualificação do ser humano feita pela ética da economia de Estado, visto que ela identificava a iniciativa econômica com a iniciativa política, reduzindo a política ao Estado.²⁶⁸

Este reconhecimento era o desejo da livre iniciativa brasileira, levando os constituintes a recuarem da institucionalização do corporativismo, da consagração das reservas de mercado e de um *capitalismo cartorial* na Constituição. Para o jornal, a reedição do *exclusivo metropolitano* dos tempos coloniais – as reservas de mercado – e do *estanco* – os monopólios estatais ampliados –, não deixaria o brasileiro do futuro mais rico, porém mais infantilizado devido à existência de um governo todo-poderoso.

O Globo também insistiu na idéia de que a URSS oferecia ao país uma lição. Num dos editoriais em que relatava a realização de um seminário a respeito da *perestroika*, o periódico destacou o testemunho dos *agentes privilegiados* da evolução pela qual passava aquele país. Os acontecimentos na URSS destruíram as teses marxistas-leninistas, ainda merecedoras de crédito intelectual em certos meios brasileiros. Além disso, desmistificavam muitos dos mitos que no Brasil corriam como ciência social: a contradição entre liberdade e democracia real e entre livre iniciativa e igualdade, a introduzir a estatização como instrumento de promoção e de justiça social.²⁶⁹

Segundo o periódico, eles também mostravam o equívoco de algumas lideranças políticas, de acentuada influência na constituinte, pois

²⁶⁸ *O Globo*, 07/06/1988. p. 4.

²⁶⁹ *O Globo*, 11/10/1988. p.4.

*“o que eles (encaravam) como auspiciosa perspectiva para o Brasil, já (era) passado na União Soviética. E passado que só não (era) esquecido pelo benefício que se (tirava) dos erros: a prevenção de repetições no futuro.”*²⁷⁰

A leitura de *O Globo* procurou tecer uma série de comparações entre os processos vividos pelo Brasil e pela URSS. O editorial “*A moldura do encontro*”²⁷¹ analisou o significado da viagem do presidente José Sarney à União Soviética, em 1988, relacionando as expectativas do dirigente brasileiro ao desenvolvimento das mudanças em ambas as nações.

Neste sentido, a publicação estabelecia a seguinte simetria: os dois países, cada qual a seu modo, viviam um processo de abertura. Contudo, as diferenças eram enormes. Enquanto no Brasil grassava “*uma certa euforia grandiloqüente*”, dando a abertura como consumada pela promulgação da Constituição; na política de Gorbachev constatava-se “*cautela e senso de realidade*” com o peso da *burocracia estatal* e com o dogmatismo ideológico que deixava “*antolhos nos dirigentes*”.²⁷²

A distinção mais importante, entretanto, estava contida no caráter das mudanças efetivadas em cada país:

*“... Na União Soviética, há o esforço para sacudir uma sociedade sepultada na apatia por décadas de dirigismo econômico, de preconceito ideológico contra a iniciativa privada e por uma produção desenvolvida à revelia do mercado; enquanto no Brasil, a sociedade que com tanta espontaneidade respondeu à abertura política está sendo ludibriada por um estatismo de má-fé nacionalista e por um pretense progressismo, de interesse apenas de uma bem estabelecida nomenklatura.”*²⁷³

Quem ludibriava a sociedade brasileira, colocando-a na contracorrente da história? As esquerdas estatizantes defendiam os pressupostos que a URSS

²⁷⁰ *O Globo*, 11/10/1988. p. 4.

²⁷¹ *O Globo*, 23/ 10/ 1988. p. 4.

²⁷² *Idem.*

²⁷³ *Ibid.*

estava sepultando, e se comportavam como a *burocracia* do PCUS, protegendo os interesses de um pequeno grupo. A *burocracia* no Brasil era constituída pela elite do movimento organizado dos trabalhadores, como o funcionalismo público, empunhando as suas bandeiras corporativistas.

Apesar da União Soviética configurar-se num exemplo para o Brasil, *O Globo* alertava para o perigo de aproximações políticas que contradissem a tradição diplomática brasileira ou a nossa realidade política continental. Ele pretendia criticar, precisamente, o contencioso comercial entre Brasil e EUA, que deveria ser resolvido “*através de um trabalho perseverante de diálogo e negociação, renunciando à tolice infantil de (exacerbação das divergências).*”²⁷⁴

“*Quem fará a nossa perestroika? Quem nos matriculará na escola moderna de Gorbachev?*”²⁷⁵ O editorial não deixava dúvidas: o Brasil necessitava viver um processo de reformas como o que estava ocorrendo na União Soviética. Ao mesmo tempo, a pergunta do jornal identificava a ausência de alguém que fosse capaz de inserir o país na escola de Gorbachev; ou seja, um líder que conduzisse o país no rumo indicado pela URSS.

Na interpretação de *O Globo*, o Brasil, há muito tempo, havia enveredado pelo beco sem saída do endividamento e da inflação, levado pela lógica trágica do repúdio ao capital de investimento. O marco inicial desta opção localizava-se no governo Arthur Bernardes, segundo a declaração do professor Octávio Gouvêa de Bulhões. Com o tempo, os erros foram dimensionados: além da restrição ao ingresso de capitais de investimento, a política de reserva de mercado em informática havia condenado o país à estagnação.

Este cenário contrastava com o que acontecia na URSS. Enquanto em solo brasileiro debatia-se efusivamente a questão da reserva de mercado na área da informática, o editorial anunciava o acordo entre Moscou e o grupo empresarial britânico *Simon Carves* para a construção de uma fábrica de computadores na Armênia. Este fato histórico sinalizava a renovação da filosofia econômica da

²⁷⁴ Ibid.

²⁷⁵ *O Globo*, 10/ 03/ 1988. p. 4.

URSS: abertura ao capital externo e à tecnologia importada dos setores eletrônico e de informática, “*feudo dos órgãos soviéticos de segurança e de informação*”.²⁷⁶

O Globo depositava esperanças de que, no Brasil, a notícia chegasse sob a forma literária de uma parábola: onde se aprende por analogia.

A discussão sobre as privatizações das estatais brasileiras também girou em torno do exemplo dado pela URSS. Em mais uma “*Mensagem aos arcaicos*”²⁷⁷, as esquerdas eram classificadas como uma *petrificação ideológica*, lançando mão de *arcaísmos bolorentos*, como a pecha de *entreguismo*, para tentarem impedir a venda de estatais para capitais brasileiros. Enquanto isso, a *pátria do socialismo* emitia sinais para todas as colorações de estatizantes dos mais variados matizes: a permissão para que capitais estrangeiros pudessem comprar 100% das ações das estatais privatizadas.

Conforme assinalava um editorial do ano de 1988²⁷⁸, os *arcaicos brasileiros* preferiam subsidiar a indolência e a ineficiência de empresas através da justificativa da finalidade social, deixando falir o próprio Estado, do que lhes impor o risco real da falência tal como procedia a URSS com as suas unidades.

Privatização era modernização. No jornal, o lançamento do Programa de Privatização do governo Fernando Collor, no ano de 1990, marcou a *quebra do tabu* sobre a intocabilidade das estatais.²⁷⁹ Portanto, os defensores dos entraves, que impediam a nação entrar na *modernidade*, chocavam-se com um processo que envolvia até mesmo o mundo socialista, propondo que o país continuasse mergulhado no atraso econômico e social.

Em vários momentos, o Brasil parecia assemelhar-se a uma *versão moderna* dos desvios ocorridos na URSS. Num pequeno artiguete, *O Globo* comparava a frase proferida por Leon Trotsky, no embate travado contra a burocracia soviética, ao julgamento emitido por Delfim Netto sobre a burocracia brasileira. Enquanto o dirigente da revolução russa afirmava que “*os meios de*

²⁷⁶ *O Globo*, 10/ 03/ 1988. p. 4.

²⁷⁷ *O Globo*, 23/ 06/ 1990. p. 4.

²⁷⁸ *O Globo*, 25/ 09/ 1988. p. 4.

²⁷⁹ *O Globo*, 23/ 08/ 1990. p. 4.

produção podem pertencer ao Estado, mas o Estado pertence à burocracia”²⁸⁰, o ex-ministro declarava: “*A burocracia tem seus objetivos próprios – o mais importante dos quais é maximizar seus benefícios; e não maximizar seus serviços*”.²⁸¹

As reformas na União Soviética azeitavam o debate sobre um tema em franca ebulição no Brasil, que vivia a crise do Plano Verão no ano de 1989: as demissões. Surpreendentemente, a URSS não aparecia como o exemplo máximo de um país garantidor do pleno emprego nesta discussão. Pelo contrário, ela respaldava a análise de *O Globo* sobre a necessidade das demissões.

“*Desmistificar a demissão*”.²⁸² O editorial assinalava o processo de demissões implementado pela *perestroika* devido à total ausência de relação entre emprego e produção na URSS. Na leitura do jornal, demitir quem não produzia integrava a racionalidade econômica de Gorbachev, que havia liberado as estatais para gerar a sua própria sustentação, tornando-se fatal a necessidade delas desembaraçarem-se dos cabides de emprego ou parasitas, na versão soviética.

Dando um passo além, a demissão se constituiria na “*linha do mais legítimo e genuíno socialismo*” :

“*Que tipo de socialismo admitiria um emprego que não resguardasse relação de causa e efeito com a produção, dentro da teoria da mais-valia; e um emprego com jus a algum salário, pouco importando se direto ou indireto? Que estupidez ideológica seria essa, a conduzir a economia para a estagnação e o trabalho para a mediocrização e a indolência?*”²⁸³

Portanto, Mikhail Gorbachev desmistificava o *trauma* da demissão, introduzido pela estatização. Novamente, a URSS desvelava o caminho: as demissões no Brasil não poderiam se configurar num trauma, pois “*traumatizante,*

²⁸⁰ *O Globo*, 04/ 07/ 1990. p. 4.

²⁸¹ *Idem*.

²⁸² *O Globo*, 17/ 01/ 1989. p. 4.

²⁸³ *Idem*.

para qualquer ética, (seria) garantir emprego e salário à custa do aviltamento do valor do trabalho.”²⁸⁴

A eleição presidencial do ano de 1989, a primeira após 25 anos de interregno forçado, constituiu-se no grande momento da polarização entre as visões de mundo sobre o futuro do Brasil. Este pleito, ocorrido no calor dos acontecimentos históricos que marcaram a queda do Muro de Berlim, foi perpassado pela discussão sobre a *perestroika* na URSS, a crise do socialismo e a viabilidade das esquerdas enquanto proponentes de um projeto alternativo para a sociedade brasileira.

Neste processo eleitoral, os partidos e grupos sociais fragmentaram-se em várias candidaturas à esquerda e à direita. O editorial de *O Globo*, estampado na primeira página, e assinado pelo próprio punho de Roberto Marinho, chamava-se, e era literalmente, “*Convocação*”.²⁸⁵ O texto demonstrava a crise das classes dominantes do país, em especial dos seus mais expressivos partidos políticos, PFL e PMDB. Diante do quadro de disputas internas e de grandes ambigüidades, cada qual correndo atrás do seu candidato ideal, o editorial enxergava o crescimento dos setores da esquerda e a ausência de qualquer perspectiva do *outro lado*.

O jornal chamava as duas agremiações à responsabilidade, pois, às vésperas das eleições, as *maiorias silenciosas* que os tornaram majoritários no Congresso Nacional assistiam atordoadas e constrangidas “*ao espetáculo de perplexidade proporcionado pela elite política do país abrigada no PMDB e no PFL*”.²⁸⁶

Segundo o texto, as *maiorias silenciosas*, que condenavam as invasões de fábricas, as greves e a empáfia da CUT a bloquear qualquer entendimento, possuíam o direito legítimo de cobrar dos principais partidos uma candidatura de consenso que fosse intérprete da sua vontade política. Mesmo sem mencionar o

²⁸⁴ *O Globo*, 17/ 01/ 1989. p. 4.

²⁸⁵ *O Globo*, 02/ 04/ 1989. 1ª página.

²⁸⁶ *Idem*.

nome do candidato consensual, as características deixavam claro que ele era Fernando Collor de Melo:

*“Um candidato de renovação que não se enrede em manhas e combinações inaceitáveis. Um candidato que não fuja dos temas controversos e não faça do subterfúgio a suprema sabedoria política. Um candidato, afinal, com uma abordagem moderna e otimista dos problemas da brasileiros, que devolva à Nação o direito de sonhar com o futuro.”*²⁸⁷

Dois candidatos foram alçados ao segundo turno: Fernando Collor de Melo e Luís Inácio *Lula* da Silva. Eles representavam visões diametralmente opostas de mundo, como muito bem expressou o chargista Chico Caruso ao desenhar um abismo separando os dois postulantes à presidência da república.²⁸⁸

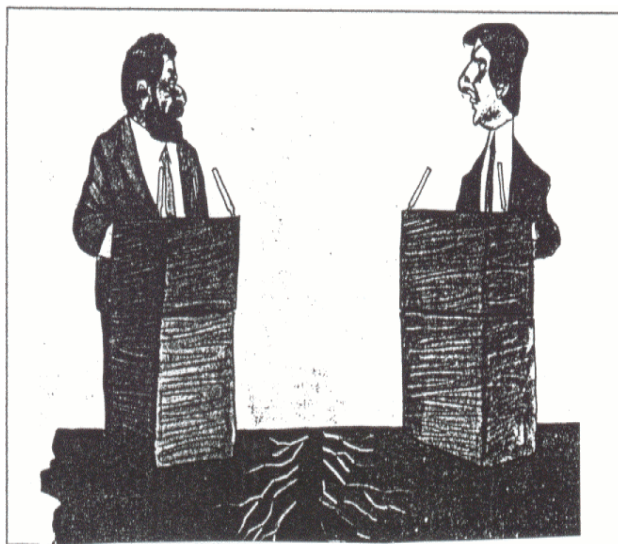


FIGURA 14: O GLOBO, 05/ 12/ 1989. P. 4.

O Globo também não deixara de decodificar o fosso, utilizando-o na produção de sentido construída para Collor e Lula.

“Brasil, agredir o futuro”.²⁸⁹ O editorial, escrito no segundo dia de janeiro de 90, expunha a sua interpretação sobre os significados que poderiam advir da possível eleição de um representante das esquerdas para presidente. Detectamos

²⁸⁷ *O Globo*, 02/ 04/ 1989. 1ª página.

²⁸⁸ *O Globo*, 05/ 12/ 1989. p. 4.

²⁸⁹ *O Globo*, 02/ 01/ 1990. 1ª página.

onze frases que sinalizavam em direção a uma possível ruptura constitucional do Brasil com a vitória de Lula. Este rompimento possuía um caráter: implantaria o *arrastão socialista* no país.

Na primeira página, *O Globo* informava que muitos brasileiros ainda não haviam se dado conta do risco por que passara a nação nas últimas eleições. Sob o pretexto de eliminar as graves injustiças sociais que atormentavam o nosso povo, o Brasil quase fora atirado para a zona de turbulência, que “*iria travar o desenvolvimento, destruir as potencialidades da livre iniciativa e pôr o Brasil, neste entardecer de século, de costas para o futuro.*”²⁹⁰

Estruturando o seu discurso a partir de oposições, o periódico apontava quem eram aqueles *agentes* que, sobretudo nos grandes centros urbanos, haviam criado um ambiente de euforia e uma corrente de vitória, que parecia tornar inevitável o desmantelamento do regime. Eles conformavam uma *frente política* de marxistas, populistas trabalhistas, socialistas privilegiados, dentre outros. Juntavam-se também a eles intelectuais, artistas, estudantes, padres e burgueses.

Contrários a esta correnteza de demagogia e de promiscuidade, ergueram-se as *maiorias silenciosas*, esquecidas e humilhadas: o povo humilde das grandes e pequenas cidades e do interior, os operários das fábricas de São Paulo, os trabalhadores do campo, os pequenos e médios empresários.

Portanto, o Brasil esteve próximo da ruptura, assim como a experiência de várias outras nações: o trabalhismo inglês; a Revolução dos cravos, em Portugal; o 1º mandato de Mitterrand, na França; os socialistas na Grécia; o socialismo no Leste europeu. Contraopondo-se a estes ensaios, a publicação localizava o desempenho dos países que haviam ressurgido no caminho da democracia, dando força à empresa privada e abrindo os mercados, atingindo um padrão de vida e de bem-estar elevado para toda a população. É interessante observar como *O Globo*, sutilmente, sugere que França e Inglaterra não estariam entre os países de mais elevado padrão de bem-estar social da Europa.

²⁹⁰ *O Globo*, 02/ 01/ 1990. 1ª página.

Portanto, os eleitores brasileiros colocavam-se diante de duas opções: “*ou escolhiam o Brasil da esperança, do progresso e da modernidade, ou preferiam o Brasil da agitação e do bota-abaixo.*”²⁹¹

Por um triz escapamos. Aclamava o jornal. A população brasileira optara tornar vencedor o candidato que preconizava as reformas sem violência e baderna. Logo, chegava a hora de implementar as reformas que o país precisava, unindo os brasileiros em torno de um programa de salvação nacional. Era a hora de *agredir futuros* para que o país não corresse mais o risco de retrocesso e abafamento da democracia.

Nas eleições para o governo de São Paulo, em 1990, *O Globo* também ressaltara que “*as lideranças esquerdistas brasileiras não (estavam) decodificando lucidamente os acontecimentos do Leste europeu.*”²⁹²

O jornal tecia uma dura crítica à declaração do candidato petista Plínio de Arruda Sampaio, favorável à entrega das emissoras de rádio e TV aos organismos patrocinados apenas pelo Estado, proposta contida nos 14 pontos do programa de governo do PT, que defendia a criação de um conselho nacional de controle das comunicações.

Tal como os regimes que ficavam atrás do Muro, o objetivo das lideranças esquerdistas brasileiras era “*fornecer ao público, exclusivamente, noticiário devidamente pasteurizado e homogeneizado ao gosto da intelligentsia do partido.*”²⁹³

O Globo também dedicou alguns editoriais à crise dos partidos comunistas brasileiros com o desmoronamento do *socialismo real*. O PCB aparecia como o pregador de um catecismo revolucionário alicerçado na repetição e não na reflexão.²⁹⁴ Dessa forma, desqualificava-se todo o legado intelectual do marxismo, reduzindo-o a uma *tradição oral*, visto que,

“o militante marxista se formava à maneira dos músicos improvisados em bandinhas do interior: tocando de ouvido. O noviciado marxista foi a negação da lógica hegeliana, de que Marx se

²⁹¹ *O Globo*, 02/ 01/ 1990. 1ª página.

²⁹² *O Globo*, 25/07/ 1990, 1ª página.

²⁹³ *Ibid.*

²⁹⁴ *O Globo*, 24/ 03/ 1990. p. 4.

inspirou, a lógica dialética: sua pedagogia era muito mais a pedagogia de um catecismo, daqueles em que o aprender não tem nexos com o pensar e o viver. Em que o aprender é adestrar-se: introduziu-se, no lugar da assimilação e da reflexão, o reflexo condicionado; daí a repetição como método.” ²⁹⁵

Inspirando-se na frase de Aristóteles, *quem não pensa vira uma planta*, o jornal comparava o socialismo a um vegetal que crescera sobre o mundo sem pensar, fazendo o deputado Roberto Freire e seus companheiros se debruçarem sobre a penosa análise do *socialismo real*.

No processo de mudanças que envolvia o PCB num intenso debate interno, *O Globo* destacava a impossibilidade da sua reabilitação. No editorial, *“Do limbo para o gueto”* ²⁹⁶, ele assinalava a importância histórica do papel cumprido pelo partido na época da sua fundação. Pela primeira vez nascia no Brasil uma agremiação de caráter nacional, quando todas aquelas existentes eram pouco mais que sobrenomes ou oligarquias regionais. Além disso, suscitara como bandeira nacional a questão social, na época tratada como caso de polícia.

Todavia, o seu vício original, derivado da concepção leninista, deixara o partido a reboque da evolução política brasileira. A publicação concluía que a possibilidade do PCB renunciar a qualquer modelo-guia, significava renunciar ao modelo de partido de Lenin.

Neste sentido, *O Globo* modificou a sua leitura sobre o Partido Comunista Brasileiro após a realização do 9º congresso da agremiação, em 1991. A visão anterior negava-lhe qualquer possibilidade de mutação. Porém, o periódico retomava a história do partido, caracterizando que a reforma era *“inerente à própria singularidade da origem do PCB”* ²⁹⁷, visto que a sua fundação tornou-o paradigmático no contexto do Brasil da República Velha.

²⁹⁵ *O Globo*, 24/ 03/ 1990. p. 4.

²⁹⁶ *O Globo*, 11/ 11/ 1990. p. 6.

²⁹⁷ *O Globo*, 04/ 06/ 1991. p. 6.

Segundo o jornal, o partido estava se renovando sob o signo da reforma, e, por isso, não seria mais renegado, reabilitando-se de um “*cacoete autoritário e messiânico*”.²⁹⁸ Ele rumava em direção ao pluralismo da convivência democrática. E por que tal mudança? Porque os pressupostos aprovados pelo Congresso do PCB erradicavam as máximas da doutrina marxista-leninista:

“renuncia à oposição inconciliável entre reforma e revolução e com isso risca a própria hipótese de uma ditadura do proletariado; rende à democracia o preito que ela merece, erigindo-a como um valor em si, sem embarcar na distinção entre democracia formal, ou ‘burguesa’, e democracia real ou ‘popular’ – uma distinção que, no fundo, foi apenas a racionalização de ditaduras; e denuncia o estatismo como traição ou equívoco do socialismo”.²⁹⁹

Novamente, mesmo se tratando de comunistas, *O Globo* colocava-se ao lado dos partidários da reforma, ou melhor, do tipo de reforma em desenvolvimento na URSS e no Leste europeu, que levou à ruptura o mais antigo partido da esquerda brasileira.

Em relação ao PC do B, o jornal caracterizava-o como um avestruz: “*de cabeça na areia*”.³⁰⁰ O partido, que ainda não havia passado, publicamente, por um processo de crítica interna tal qual o PCB, era apresentado como o arauto do dogmatismo, que, em plena crise do mundo socialista, não enxergava a crise da ideologia comunista.

Após o rompimento com a URSS e a China, a Albânia transformara-se no país farol da agremiação, que procurava no isolamento daquela nação a condição de obtenção do marxismo-leninismo “*em estado quimicamente puro*”. O efeito dominó, que derrubava, um após outro, os regimes do *socialismo real* no Leste europeu, levou o dirigente máximo albanês, Ramiz Alia, a restabelecer os laços cortados com o resto do mundo e a iniciar também um processo de reformas.

²⁹⁸ *O Globo*, 04/ 06/ 1991. p. 6.

²⁹⁹ *Idem*.

³⁰⁰ *O Globo*, 30/ 04/ 1991. p. 4.

Diante deste fato, *O Globo* indagava se as mudanças no regime de Tirana fariam o PC do B voltar-se para uma outra ilha, “*esta até em sentido próprio, à busca de inspiração: Cuba*”.³⁰¹

No confronto com a esquerda brasileira, *O Globo* travou um debate específico com os PC's, lidos como os representantes diretos do pensamento mais ortodoxo. Constatamos que o Partido dos Trabalhadores, principal agremiação deste setor, não fora nomeado pelo jornal. Segundo o depoimento do editor-chefe, Luís Garcia, apesar das muitas críticas ao PT em vários campos, a publicação não poderia incluí-lo na idéia de esclerosado e nem mesmo negar que ele se constituía num partido de renovação:

*“... É uma coisa muito sutil. Porque (a esquerda) aparece ligada ao velho na hora em que você pensa no velho PCUS. Mas se você acha que o PT no Brasil se (organiza) como partido de esquerda, entendeu? O Globo, por exemplo, faz muitas críticas ao PT, mas nunca negou que (ele) é um partido que tentou renovar, que tentou fazer uma porção de coisas em volta do novo. Quer dizer, a nossa crítica ao PT nunca incluiu a idéia de (declará-lo) esclerosado, entendeu? É muito relativo isso.”*³⁰²

Apesar da ressalva de Luís Garcia, acreditamos que a produção de sentido operada pelo jornal atingiu o conjunto da esquerda, como já identificamos na leitura de *O Globo* sobre o processo eleitoral para a presidência da república, em 1989.

³⁰¹ *O Globo*, 30/ 04/ 1991. p. 4.

³⁰² Entrevista realizada com o editor-chefe da equipe de editores do *Globo*, no dia 29/ 12/ 1997.

A *perestroika* e o turbilhão, que derrubou os países socialistas de tipo soviético da Europa, colocaram o binômio esquerda-direita no centro do debate internacional. Observou-se, mundialmente, a produção de um novo sentido para a bipolaridade tradicional, que alcançou importante repercussão nos processos político-sociais desencadeados no Brasil durante as décadas de oitenta e noventa.

Apesar dos diversos enfoques, retrocedemos, neste texto, ao que consideramos a origem do termo, localizando-a no processo da Revolução Francesa de 1789, que legou para a história o imaginário que relacionava a esquerda às idéias progressistas, de igualdade e de mudanças sociais e a direita às concepções de desigualdade e de conservação do *status quo*. Desde então, a sua utilização definiu os tipos de comportamento político no cenário mundial.³⁰³

Interessa-nos aqui trabalhar com a noção de que o critério que distingue a direita da esquerda é o ideal de igualdade. Para Norberto Bobbio³⁰⁴, a esquerda é mais igualitária porque percebe a desigualdade como um processo de natureza social, e por isso defende as mudanças; enquanto a direita localiza a origem das desigualdades em aspectos naturais, mantendo-se na defesa da ordem constituída.

O autor diverge das interpretações mais comuns que identificam a direita com o ideal de liberdade e a esquerda com o de igualdade. Segundo ele, esta distinção não é a mais apropriada para diferenciar a díade, pois o contraste entre libertários e autoritários corresponde a uma outra distinção, que se intercruza com o binômio.³⁰⁵

Durante a década de oitenta, uma das tendências constantes no debate sobre os termos esquerda e direita referiu-se à sua validade como elemento

³⁰³ REIS FILHO, Daniel A. Os partidos de esquerda na atual conjuntura. *Cadernos de Conjuntura do IUPERJ*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-14, outubro. 1991.

³⁰⁴ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1994.

³⁰⁵ Idem. p. 21.

explicador da realidade mundial do último quartel do século vinte. No contexto internacional, tornaram-se comuns as declarações que julgaram ultrapassada a díade, sustentadas até mesmo por grupos ou movimentos que se declaravam de esquerda. Atualmente, o difusor mais mencionado desta concepção é o chamado movimento do *centro radical*, que ganhou um grande impulso com a vitória na Inglaterra do *novo trabalhismo* inglês de Tony Blair, baseado nas propostas veiculadas por alguns intelectuais, como Anthony Giddens.³⁰⁶

Apesar dos ventos em contrário, concordamos com Norberto Bobbio no que tange à permanência do binômio no centro do debate político, mesmo levando-se em conta a complexidade das sociedades mundiais atuais, de onde emergem problemáticas novas para os movimentos tradicionais da esquerda, e que desafiam vários dos seus pressupostos, colocando até mesmo alguns por terra.

Em nossa concepção, a estratégia que inverteu a díade não seria exitosa sem o vendaval que sacudiu a região do *socialismo real*, destruindo a União Soviética e os países do bloco socialista europeu, solapando o sistema bipolar vigente desde o pós-guerra. Por conseguinte, a tônica internacional interpretou a liquidação do socialismo de tipo soviético não apenas como a falência de uma visão de esquerda historicamente delimitada, mas também como o fim das esquerdas enquanto proponentes de um projeto de transformação social, confirmando o triunfo do capitalismo ocidental.³⁰⁷

Para Bóris Kagarlitski, autor de um livro que também trata da inversão do binômio esquerda-direita na URSS³⁰⁸, os eventos ocorridos no *bloco oriental*

³⁰⁶ GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1996.

³⁰⁷ A tese da vitória final do capitalismo ocidental teve como principal personagem de sua defesa Francis Fukuyama, funcionário do departamento de Estado norte-americano, que, retomando antigas concepções sobre o fim da história, atestava que *a humanidade havia atingido o ponto final de sua evolução ideológica com o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os seus concorrentes no final do século XX*. O fim da história, porém, não seria *a cessação de toda mudança ou conflito, mas o esgotamento de quaisquer alternativas viáveis para a civilização da OCDE*. Ver: ANDERSON, Perry. *O fim da história. De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 11 e 12.

³⁰⁸ KAGARLITSKY, Boris. *A desintegração do monolito*. São Paulo: Unesp, 1993. p. 16.

teriam exacerbado a desmoralização e a desideologização das esquerdas, contagiando inclusive os países ocidentais. Chama-nos atenção ainda, o comentário de Carlos Castañeda, no capítulo reveladoramente denominado *O paradigma perdido*, de que o efeito mais nocivo do fim da Guerra Fria para as esquerdas latino-americanas teria sido a “*sensação generalizada de derrota*”.³⁰⁹

No Brasil, a leitura realizada pelo jornal *O Globo* acompanhou a tônica internacional que, quando não decretou o fim da bipolarização tradicional, realizou uma inversão no binômio, relacionando a esquerda à defesa de perspectivas *conservadoras* para o mundo contemporâneo e a direita aos novos caminhos da *modernidade*.³¹⁰

Na disputa pelo imaginário da população acerca da visão de mundo a ser estruturada no Brasil, a leitura de *O Globo* sustentou-se na idéia-chave do *mito da objetividade jornalística*.³¹¹ Esta concepção constitui-se, até hoje, num dos pressupostos básicos do jornalismo da grande imprensa contemporânea, erigido sobre a visão da neutralidade, que lhe delega a capacidade de atribuir verdade aos fatos, portando-se como uma intérprete fidedigna das aspirações do senso comum. Assim sendo, as estratégias enunciativas do periódico procuraram apresentá-lo como porta-voz autorizado da opinião pública, extraindo daí a sua legitimidade.

Não obstante a mídia ter se convertido num local privilegiado de construção de hegemonias, as suas mensagens enunciadas não se transmitem de forma mecânica e direta. Ela possui um vínculo com a sociedade e não opera sem a credibilidade do leitor, constituindo-se num espaço de conflito entre os diversos centros de poder existentes, impedindo assim uma dominação monolítica, pois o

³⁰⁹ CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 205.

³¹⁰ Diversos autores atentaram para tal inversão em seus respectivos países, e termos como arcaísmo e conservadorismo foram recorrentemente empregados como sinônimos em relação a uma determinada visão de esquerda repudiada pela mídia ocidental: Serge Halimi, por exemplo, atesta o mesmo movimento na agenda de debates dos meios de comunicação franceses. HALIMI, Serge. *Os novos cães de guarda*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 87.

³¹¹ MELO, op. cit..

próprio momento de recepção não se traduz na adesão automática e restrita à mensagem.³¹²

Realçamos a perspectiva acima, pois não queremos afirmar um enfoque *apocalíptico* que reproduz uma visão onipotente dos *mass media*.³¹³ Segundo Eliseo Verón, o poder da mensagem dos meios de comunicação sobre os receptores só existe sob a forma de sentido produzido:

“Comportamentos, falas, gestos que definem, por sua vez, relações sociais determinadas entretidas por esses receptores e que se entrelaçam assim na rede infinita da semiose social”.³¹⁴

Concebendo que a estruturação de sentidos é socialmente produzida, e que “todo fenômeno social é suscetível de ser ‘lido’ em relação ao ideológico e ao poder”³¹⁵, procuramos ler as estratégias empregadas pelo jornal *O Globo* na elaboração do seu discurso em relação às mudanças ocorridas no contexto mundial com a crise e desagregação do *socialismo real*.

Dessa forma, trabalhar com a concepção da leitura como um ato de apropriação do texto³¹⁶ permitiu-nos demonstrar de que forma o periódico se apropriou de uma significação tradicional do binômio esquerda-direita, subvertendo tais conceitos para conseguir impor a sua definição de mundo social. Utilizamos tal perspectiva sem recair, contudo, na visão, difundida por alguns teóricos, de que todos os processos sociais se resumem às práticas discursivas nele desenvolvidas.

Apesar do susto inicial quanto às possibilidades de renovação do socialismo, a *perestroika* e a *glasnost* foram lidas como uma *revolução*

³¹² **FARIA**, Armando Medeiros de. *O jornalismo econômico e a cobertura sobre a privatização (1990-1991)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Social e Artes, Universidade de São Paulo, 1994. p. 2.

³¹³ Eliseo Verón tece uma crítica a Baudrillard, que, segundo ele, enxergaria uma unificação absoluta da dominação a partir dos *mass media*, capacitando o sistema a se reproduzir automaticamente. **VERÓN**, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1980. p. 200.

³¹⁴ Idem. p. 197.

³¹⁵ **VERÓN**, Eliseo. op. cit..

³¹⁶ **CHARTIER**, Roger. Textos, impressões, leituras. In: **HUNT**, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

recuperadora, que retomava o rumo das democracias ocidentais, perdido em outubro de 1917.

O retorno ao *elo perdido* acontecia através da adoção do receituário neoliberal, em voga nos quatro cantos do planeta. As máximas do neoliberalismo, como o Estado mínimo e o livre mercado, tornavam-se a tábua de salvação para o baluarte do comunismo. Dessa forma, a experiência socialista atestava o fracasso do modelo estatista e do Estado de bem-estar social, em franca crise naquela época.

A *glasnost* expressava, no plano político, a revolução que estava se efetivando no campo econômico. Ela representava a vitória da democracia ocidental capitalista sobre o ideário de uma sociedade socialista. Segundo a publicação, a revolução em curso na URSS desautorizava os dogmas marxistas-leninistas, como a tomada de assalto do poder e o recurso à violência, confirmando a via eleitoral como o principal instrumento das transformações na sociedade contemporânea.

A luta política interna no PCUS selou, definitivamente, o processo de alteração da díade esquerda-direita. Inicialmente, Mikhail Gorbatchev e seus aliados foram apresentados ao mundo como os *renovadores do socialismo*. As críticas aos problemas do regime soviético alçavam-nos, perante à opinião pública mundial, à condição de alternativa à *esquerda* ao modelo socialista. O setor mais radical dos partidários da *perestroika* e da *glasnost* ficou conhecido como *ultra-esquerdista*, sendo Boris Yeltsin o seu principal representante.

No transcorrer do processo de reformas na URSS, os editoriais de *O Globo* clarificaram a convicção de que aquele país não estava sendo conduzido em direção a uma possível reestruturação do regime socialista. Pelo contrário, cada vez mais o caráter das propostas defendidas, por grande parte dos partidários da *perestroika*, incorporava o receituário neoliberal, a última moda no mundo capitalista desenvolvido.

Dessa forma, os setores denominados como *esquerda* reformista naquele país distaciavam-se dos pressupostos socialistas, aderindo às formulações

liberais. Aqui uma pergunta impõe-se: se a *esquerda* soviética aderiria ao neoliberalismo, compreendido, no restante do planeta, como um modelo econômico capitalista, aonde *O Globo* localizava a *direita* na URSS?

Subvertendo o emprego tradicional do binômio esquerda-direita, consolidado no século XX, a *direita* era representada por todos os setores resistentes ao caráter das reformas naquele país. Apesar da multiplicidade de campos de pensamento dentro e fora do PCUS, o jornal denominava os variados grupos, portadores de críticas, muitas vezes diametralmente opostas, como a burocracia do partido comunista. Os trabalhadores, que resistiam aos efeitos devastadores da *perestroika* em suas vidas, eram apresentados como negligentes, absenteístas, ou seja, cúmplices daqueles que arruinaram o país. Portanto, a *direita* na URSS era composta por aqueles que pretendiam manter os seus privilégios e monopólios consolidados em décadas de regime comunista.

As comparações entre o processo em curso na União Soviética e a Revolução Francesa de 1789 tornaram-se muito comuns nos editoriais da publicação. O comunismo assumia o posto de *Anciën Régime*. Todavia, a *velha ordem* não estava representada pela nobreza, mas pelos burocratas comunistas que se apegavam aos mesmos privilégios dos nobres da França, e que lutavam pela *conservação* do *status quo* estabelecido com a revolução russa de outubro de 1917.

Logo, concluía-se que o embate travado na *pátria do socialismo* equiparava-se àquele realizado em 1789: lutava-se pela instalação de um sistema baseado nos valores da democracia liberal e do liberalismo econômico e na igualdade de oportunidades contra os privilégios da burocracia comunista.

Os partidários do projeto socialista, dentro e fora da União Soviética, antigos representantes, por excelência, do campo de esquerda, tornavam-se tão somente os arautos dos dogmas do marxismo-leninismo. Por isso, encontravam-se na contracorrente dos acontecimentos, que declaravam a falência do socialismo como um projeto possível de sociedade.

A díade estava definitivamente alterada. Os socialistas não mais representavam as idéias de progresso, de mudança e de reformas, visto que defendiam a conservação de um regime retrógrado e fracassado. Encontrava-se também desfigurada a sua principal característica, a defesa do igualitarismo, pois, na prática, eles alimentavam a manutenção de privilégios corporativos e monopólios, cristalizando a desigualdade na sociedade.

Os defensores da *modernidade* neoliberal encarnavam um nítido perfil: lutavam pelo fim de tudo aquilo que ruíra com o Muro de Berlim, em 1989: o estatismo, o isolamento econômico, os monopólios, o protecionismo, dentre outros totens do marxismo-leninismo. Os *novos reformistas* do planeta apropriaram-se da imagem das reformas e da defesa da igualdade jurídica. Adotaram uma simbologia liberal, herdada da era das revoluções burguesas, apresentando-se como adversários dos privilégios e das corporações, em defesa das máximas consagradas pelo liberalismo.

Portanto, as mudanças a serem realizadas em escala global possuíam um nome: o livre mercado da globalização mundial, irresistível a todos e a tudo. O jornal consagrava o triunfo do neoliberalismo, que declarava o sistema capitalista como vencedor e único caminho a ser trilhado.

Em síntese, o processo ocorrido na URSS atestava o malogro da maior de todas as utopias político-sociais. As reformas econômicas e a abertura do regime comunista desnudaram todas as mazelas, inerentes à gênese teórica do socialismo, conforme a leitura do periódico. Seguindo a avaliação de muitos soviéticos, como o historiador russo Iuri Afanassiev, e da grande imprensa internacional, a resistência ao golpe de agosto de 91 recuperava o legado da revolução democrático-burguesa de fevereiro de 17, abortada em outubro, e desviando a Rússia do seu *verdadeiro* caminho por mais de setenta anos.

O Globo captou as mudanças avassaladoras, de dimensão planetária, e traduziu-as para o Brasil. No país, a ofensiva, verificada no cenário internacional,

iniciou-se, de maneira mais incisiva, a partir de 1988.³¹⁷ Período chave para a sua história recente, o ano da Constituinte configurou-se num momento de disputa entre as várias visões que projetavam caminhos para a nação, após um grande período de interrupção do Estado de direito.

A *Troca de sinais*, operada, vigorosamente, no território brasileiro, durante a 2ª metade da década de oitenta, tornou-se um processo vitorioso. Esta operação conseguiu difundir uma visão de mundo, consoante com os ventos internacionais, que unificou as classes dominantes do país, e posicionou as esquerdas numa situação de defesa e de resistência.

No âmbito da sociedade, ela logrou hegemonizar a agenda nacional, colocando na ordem-do-dia temas como as privatizações das estatais, a diminuição do Estado e a abertura do país ao capital externo. Tal perspectiva elegeu dois presidentes, e somente nos últimos anos da década de noventa, como conseqüência direta dos ajustes neoliberais, presenciamos, lentamente, o crescimento do questionamento popular à aplicação deste receituário.

A operação efetivada no Brasil apoiou-se também nas seguintes perspectivas:

– Diversos grupos de esquerda, desde o início dos anos oitenta, principalmente na Europa ocidental, modificaram muitos de seus postulados tradicionais com a crise do campo marxista. Tornaram-se comuns as trocas de nomes e até mesmo de símbolos de partidos tradicionais deste campo, como, por exemplo, o PCI. É de se notar que este foi o período em que vários partidos de esquerda, principalmente àqueles ligados à social-democracia, aplicaram em seus países receituários bastante próximos aos defendidos pelo neoliberalismo;

³¹⁷ Este marco coincide com a periodização adotada por Armando Medeiros de Faria, ao identificar o período de 1986 a 1991 como aquele de intensificação de um discurso mais direto em relação às privatizações, que alcançou o seu apogeu no governo Collor, em 91. Achamos importante esta referência pois, além de se inserir na cronologia empregada por este estudo, um dos temas abordados pelos editoriais pesquisados referiu-se ao debate sobre a reforma do Estado e as privatizações, utilizando a URSS como um modelo novo e modernizador, distinto da nossa esquerda fossilizada que estaria na contra-mão da história. **FARIA**, op. cit., p.3.

– O sentimento do senso comum em relação às estatais que, sem analisar as causas mais profundas da crise do setor, as identificava com uma máquina ineficiente, clientelista e cartorialista.

Até mesmo as empresas, consideradas lucrativas e eficientes, foram englobadas por esta visão. Podemos localizar um dos motivos para a construção desta imagem no fato de que, em grande medida, elas encontravam-se afastadas da população, não permitindo que a sociedade partilhasse da sua gestão e interferisse nas suas prioridades para tornar público o que era somente estatal. Tornou-se comum o comprometimento das estatais com os interesses privados existentes no seu interior;

– O discurso de grande parte das esquerdas brasileiras, ainda limitado à defesa de um modelo extremamente estatista, que não conseguiu ultrapassar a bandeira de negação das privatizações, construindo um projeto que questionasse o cerne do modelo do Estado brasileiro, propondo e disputando na sociedade alternativas para as estatais, alvos de um grande desgaste.

A alteração da díade, portanto, não se constituiu somente na manipulação dos *mass media* e dos grupos capitalistas internacionais. Esta inversão amparou-se em bases reais: a direita soube elaborar um programa para as mudanças profundas pelas quais o mundo passava, anunciadas com as transformações ocorridas a partir da revolução científico-técnica. A dissolução de seu oponente permitiu-lhe consolidar a ofensiva mundial, enredando a sua imagem às idéias de *modernização* e de reformas.

As esquerdas, envolvidas com a crise do marxismo, que se desenvolveu antes mesmo do surgimento de Mikhail Gorbatchev e da *perestroika*, não conseguiram construir ou difundir uma visão de sociedade alternativa aos modelos capitalista e socialista de tipo soviético, que levasse em conta as profundas modificações vividas, em escala mundial, na cultura, na economia, enfim, no âmbito das relações sociais. Isto acarretou sérios danos aos

pressupostos sustentados pela esquerda, não somente os comunistas mas também os críticos da experiência do *socialismo real*.

Contraditoriamente, a dissolução do mundo comunista na Europa e na União Soviética liberou os socialistas para a construção de novos significados desatrelados da experiência soviética, mas também deixou o seu ideário profundamente abalado. A superação da crise dos movimentos das esquerdas internacionais, portanto, está relacionada à necessidade e à sua capacidade de, nos dias atuais, reinventar a utopia socialista como uma idéia que novamente mobilize corações e mentes na construção de um projeto possível de sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Carly B. de. Imprensa e eleições 1989: imagens e atores da política. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, v. 1, p.179-194, abril-julho. 1995.

ANDERSON, Perry. *O fim da história. De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo. Totalitarismo, o paroxismo do poder. Uma análise dialética*. 1. ed., Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

BACZO, Bronislaw. Imaginação social. in: ENCICLOPEDIA EINAUDI. *Anthropos-homem*. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. 5 v.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENJAMIN, César. *Uma opção para o Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

BLACKBURN, Robin (org). *Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1993.

BLOCH, Marc. *Apologie por l'histoire ou métier d'historien*. Édition critique préparée par Étienne Bloch. Paris: Armand Colin, 1993.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CAIAFA, Janice. Mídia e poderes: algumas notas e breve esboço de estratégias. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.1-212, agosto-novembro. 1994.

CAMARGO, Aspásia, **DINIZ**, Eli (orgs). *Continuidade e mudança no Brasil da Nova República*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Vértice/ IUPERJ, 1989.

CAMPOS, Fátima Cristina Gonçalves. *Visões e vozes: o governo Goulart nas páginas da Tribuna da Imprensa e Última Hora (1961-1964)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 1996.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino- americana*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CARDOSO, Ciro F. S. *Narrativa, sentido, história*. São Paulo: Papyrus, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1987.

COSTA, Sérgio. Do simulacro ao discurso: esfera pública, meios de comunicação de massa e sociedade civil. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, v. 4, n.5, p. 117-136, maio-agosto. 1997.

COUTINHO, Carlos Néelson. *Gramsci*. Porto Alegre: L & PM, 1981. 2 V. (Coleção fontes do pensamento político).

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DREIFUSS, René. *A época das perplexidades. Mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FARIA, Armando Medeiros de. *O jornalismo econômico e a cobertura sobre a privatização (1990- 1991)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Social e Artes, Universidade de São Paulo, 1994.

FALCON, Francisco. História e poder. in: **CARDOSO**, C. F. S., **VAINFAS**, R. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação. Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERNANDES, Luís. *URSS: ascensão e queda*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1991.

_____. Muito barulho por nada? O realinhamento político-ideológico nas eleições de 1994. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 107-144, 1995.

_____. Leituras do Leste I: o debate sobre a natureza das sociedades e Estados de tipo soviético. *BIB (Boletim Informativo e Bibliográfico)* Rio de Janeiro, n. 38, p. 15-49, 2º semestre. 1994.

_____. Leituras do Leste III: o debate sobre a natureza das sociedades e Estados de tipo soviético. *BIB (Boletim Informativo Bibliográfico)*, Rio de Janeiro, n. 43, p. 27-66, 1º semestre. 1997.

FERRO, Marc. *A revolução russa de 1917*. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1975.

_____. *Histoires de Russie et D'ailleurs*. Paris: Éditions Balland, 1990.

_____. *Des soviets au communisme bureaucratique*. Présenté par Marc Ferro. Paris: Éditions Gallimar, 1980. (Collection Archives).

_____. *L'occident devant la revolution sovietiques*. Bruxeles: Éditions Complexe, 1980.

GAZIR, Augusto. *O caso manchete. Crise política e empresarial e a mobilização por uma alternativa democrática para a TV*. Monografia De conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense, 1994.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1996.

GORBATCHEV, Mikhail. *Perestroika. Novas idéias para o meu país e o mundo*. 10. ed., São Paulo: Best Seller, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *A concepção dialética de História*. 6. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986.

_____. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 7. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1989.

GUIMARÃES, C., **VIEIRA**, R. A. A. *A televisão brasileira na transição: um caso de conversão rápida à nova ordem*. *Cadernos de Conjuntura*, Rio de Janeiro, n. 44, p. 1-27, dezembro. 1985.

HABERMAS, Jürgen. The european Nation-state – Its achievements and its limits. On the past and future of sovereignty and citizenship. In: **BALAKRISHNAN**, Gopal (ed.) *Mapping the Nation*. London: Verso, 1996.

_____. Que significa socialismo hoje? Revolução recuperadora e a necessidade de revisão da esquerda. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 30, 43-62, Julho. 1991.

HALIMI, Serge. *Os novos cães de guarda*. Petrópolis: Vozes, 1998.

HELLER, Agnes et al. *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1999.

HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. 14. ed. São Paulo: ed. Ortiz, 1991.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX. 1914-1991*. 2. ed., São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. *Nations and nationalism since 1780. Programme, myth, reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. (Revised Ed.). Cap. 6: Nationalism in the late twentieth century.

HROCH, Miroslav. From national movement to the fully-formed nation: the nation- building process in Europe. In: **BALAKRISHNAN**, Gopal (ed.) *Mapping the Nation*. London: Verso, 1996.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KAGARLITSKY, Boris. *A desintegração do monolito*. São Paulo: Unesp, 1993.

KURZ, Robert. *O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LE MONDE. *L'histoire du jour le jour. La guerre froide – 1944 a 1994*. Paris: Le Monde Éditions, 1995.

LEO, Luiz Francisco Ferreira. *Informação e Nova Ordem Internacional: o poder transnacional dos Mass Media*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica, 1996.

LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbatchev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIGHT, Margot. Nacionalismo e identidade na antiga União Soviética. In: **HELLER**, Agnes et al. *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1999. p. 171-192.

LIMA, V. A., **MOTTER**, P. Novas tecnologias de comunicações, neoliberalismo e democracia. *Comunicação & Política*, CIDADE, v. 3, n.1, p. 12-19, janeiro-abril. 1996.

LIMA, Venício A. de. Os mídias e o cenário de representação da política. *Lua Nova*, cidade, v., n. 38, p. 239-272. 1996.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MLYNAR, Zdenek. *O projeto Gorbatchev*. São Paulo: Mandacaru, 1987.

MONIZ BANDEIRA, **MELO**, C., **ANDRADE**, A. T. *O ano vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

MORAES, Amaury Cesar. *Imprensa e Constituinte: o projeto político do jornal O Estado de São Paulo (1987-1988)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, 1991.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1994.

MORAES FERREIRA, Marieta de. A nova velha história: o retorno da história política. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, 1992.

MORIN, Edgar. *Da natureza da URSS*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: **LE GOFF**, J, **NORA**, P. *História: Novos problemas*. 2. ed., Rio de Janeiro: Livraria ed. Francisco Alves, 1979. p.179-193.

_____. *Between Memory and History: Les lieux de mémoire*. California: The Regents of the University of California, Spring 1989. (Representations 26).

NOVAES, Adauto (org). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

NOVE, Alec. *A economia do socialismo possível. Lançado o desafio: socialismo com mercado*. São Paulo: editora Ática, 1989.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. *Imagens subversivas: regime militar e o fotojornalismo do Correio da Manhã (1964-1969)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 1996.

ORTIGUES, Edmond. Interpretação. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 11. v., p.218-233.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida. A história do socialismo soviético*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

_____. *De volta à Estação Finlândia. Crônica de uma viagem ao socialismo perdido*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. Os partidos de esquerda na atual conjuntura. *Cadernos de Conjuntura do IUPERJ*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-14, outubro. 1991.

RÉMOND, René. Por que a história política? *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 7-19, janeiro. 1994.

_____. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1996.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, p.9-22. 1995.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A história do seu tempo. A imprensa e a produção de sentido histórico*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Social e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

SANTOS, Wanderley Guilherme. *Razões da desordem*. 2. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. *Reconstruindo a 'reconstrução': uma análise das causas da perestroika soviética*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 1999.

SODRÉ, Muniz. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STAM, Robert. *Bakhtin*. São Paulo: Ática, 1992.

TATU, Jacques. *O poder político na URSS*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

TAVARES, Maria da Conceição, **FIORI**, José Luís. *Desajuste global e modernização conservadora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TEIXEIRA COELHO. *O que é indústria cultural*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Primeiros Passos).

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1980.

WANDERLEY, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. *A construção do silêncio: a rede Globo nos projetos de controle social e cidadania (décadas 70-80)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 1996.

WEFFORT, Francisco. *Qual democracia?* 2. ed., São Paulo: Cia das Letras, 1996.

FONTES

Jornal *O GLOBO*

Pesquisado na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro, na Biblioteca do Arquivo Municipal de São Paulo e no Arquivo de *O Globo*

Editoriais: 132

Dossiês : 55

Charges: 14

Entrevistas

Luís Garcia, editor-chefe do jornal *O Globo*. Entrevista realizada no dia 29 de dezembro de 1997.

Vladimir Palmeira, ex-deputado federal constituinte pelo Partido dos Trabalhadores. Entrevista realizada no dia 28 de julho de 1998.

Chico Caruso, cartunista. Entrevista realizada no dia 14 de outubro de 1998.

Outras fontes

Jornal do Brasil, 27/ 11/ 1985. 1º caderno.

Veja: 863, 20/ 03/ 1985.

Veja, ano 20, 06/ 01/ 1988.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1	– <i>O Globo</i> , 09/ 12/ 1988. p. 4.....	93
Fig. 2	– <i>O Globo</i> , 20/ 05/ 1990. p. 4.....	96
Fig. 3	– <i>O Globo</i> , 23/ 05/ 1990. p. 4.....	97
Fig. 4	– <i>O Globo</i> , 23/ 12/ 1990. p. 6.....	98
Fig. 5	– <i>O Globo</i> , 15/ 01/ 1991. p. 6.....	99
Fig. 6	– <i>O Globo</i> , 02/ 12/ 1989. p. 4.....	101
Fig. 7	– <i>O Globo</i> , 23/ 02/ 1991. p. 6.....	102
Fig. 8	– <i>O Globo</i> , 02/ 06/ 1990. p. 4.....	103
Fig. 9	– <i>O Globo</i> , 21/ 06/ 1991. p. 6.....	104
Fig. 10	– <i>O Globo</i> , 20/ 08/ 1991. p. 6.....	107
Fig. 11	– <i>O Globo</i> , 22/ 08/ 1991. p. 6.....	107
Fig. 12	– <i>O Globo</i> , 24/ 08/ 1991. p. 6.....	109
Fig. 13	– <i>O Globo</i> , 28/ 08/ 1991. p. 6.....	110
Fig. 14	– <i>O Globo</i> , 05/ 12/ 1989. p. 4.....	123